



"Certas coisas jamais  
deveriam ser descobertas".

INEVITÁVEL  
C.M. NOVAES

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



C.M. NOVAES

INEVITÁVEL

Para meus pais, irmãos e amigos,  
vocês foram importantíssimos  
nesta minha fase da Vida.  
Em especial para minha querida e amiga  
Bianca Lopes; você me fez  
seguir em frente...

“Ela certamente um dia vai te beijar, simpática e odiada. Mas acredite. A Morte, por mais inevitável que seja jamais vence a força do Amor.”

C.M. Novaes

# PRÓLOGO

A nossa vida pode mudar da noite para o dia, afinal, estamos sempre em transformação.

E essas transformações é o que nos torna humanos, ou não. Sempre busquei saber quem eu realmente era, acredito que muitos também já se perguntaram o porquê de existirem? Quais suas missões? O que levaremos dessa Vida? Mas aprendi que mexer no passado pode ser uma experiência voraz. E que a Vida pode ser tão inevitável quanto a Morte.

\*\*\*

ALGO ME CONTROLAVA.

—Por favor... Ajuda-me! —Caí de joelhos sobre o chão de porcelana.

—Você é uma bruxa. Uma bela e poderosa bruxa. Liberte-se! —Ela responde seguindo de um sorriso insano.

Eu não conseguia mais me mexer.

Eu arfei fundo. E com aquele rítmico badalar gritei. Gritei muito alto. Pude perceber as janelas explodirem como numa explosão. A lareira se apagou a porta da frente se abriu, um vento frio e sombrio esfriou o lugar.

—O que esta havendo comigo? —Sussurrei para mim mesma.

Ela cantarola novamente a música que juro que ficaria impregnada em minha mente.

O chão estremecia e os ventos uivavam. A tempestade de gelo e granizo fazia barulho ao bater nas janelas no que restavam das janelas.

Assim que o relógio deu sua última badalada, tudo ficou silencioso e calmo, ainda de joelhos no chão me arrastei para a porta.

—Viu? Nada de ruim lhe aconteceu. —Ela pronuncia.

Ela estava certa, poderia dramatizar o momento, mas eu me sentia bem, porém, sedia por algo que nunca havia provado.

—Preciso ir... —Respondi me levantando do chão.

—Ainda falta algo... Sei o que você precisa.

Ela vai em direção a um grande armário e retira do mesmo uma bela garrafa.

—Vamos comemorar seu aniversário. —Ela indaga.

—Desculpa. Mas não é meu aniversário. —Respondi.

—Claro que é. Uma nova Vida se inicia, é nossa vez de governar. Vamos triunfar juntas. —Ela responde retirando a rolha da garrafa.

Ao servir a estranha bebida de coloração vermelha escarlate em taças de cristais, pude sentir um aroma estranho e ao mesmo tempo prazeroso, que me deu água na boca.

Ela toma um gole e parece apreciar.

—Anda. Aproxime-se... —Pede.

Dou pequenos passos em sua direção. O cheiro cada vez mais intenso. Sim, aquilo realmente me dava água na boca.

—Prove! —Ela oferece seguindo de um sorriso.

—Seguro a taça de cristal com as duas mãos e levo a mesma vagarosamente até minha boca. A bebida umedece meus lábios, fazendo-me arrepiar. Era o que eu precisava.

—Nãooo... —Alguém grita.

— Dmitry? —Me perguntei.De fato era ele. Mas era tarde demais...

Sentia algo me consumir por dentro, era algo voraz. Senti-me tonta como de costume, deixando a taça cair ao chão. Não conseguia com mim mesma. De joelhos ao chão novamente não conseguia evitar meu corpo cair com toda força.

Eu estava morta.

## Capítulo Um

Era uma noite chuvosa.

E por incrível que pareça, essa súbita tempestade me fazia muito bem. O som dos trovões, os raios, o insano barulho da água batendo e correndo em meu telhado me fascinava. Era tão mágico, que eu acreditava estar totalmente interligada àquele sublime fenômeno da natureza.

Olhei para o relógio de parede e o mesmo marcava uma e meia da madrugada. O tempo passou muito rápido, e estranhamente eu ainda estava sentada na cama.

Raramente essas coisas incomuns aconteciam, mas agora acontecem frequentemente.

Aconcheguei meu travesseiro, joguei-o de canto e me joguei sobre a cama. Fiquei parada viajando em pensamentos diversos, já me encontrava melancólica de sono, as pálpebras de meus olhos pesavam e em segundos despercebido, dormi profundamente.

Nesta mesma noite tive um pesadelo muito estranho. Sonhei que uma jovem mulher de aproximadamente dezenove anos de idade estava correndo numa floresta fria e escura, parecia que ela fugia de algo que a perseguia, notava-se medo e desespero no ar, mas eu de maneira alguma conseguia ver seu rosto. Seu belo vestido azul destacava-se no contraste infame da floresta e a deixava mais visível. Ela parecia não ter uma real direção para onde ir. As imensas árvores da floresta a desvairava e ela parecia cada vez mais confusa e assustada com tudo a sua volta. Quando menos se espera, ela tropeça em um tronco e cai sobre o solo encharcado d'água, da leve chuva que caía. Um homem se aproxima dela rapidamente, tão rápido, que nem parecia que estava andando. Sua pele pálida o indicava estar sofrendo de uma desconhecida doença. Ele cheirava a morte. Um suave perfume misturava-se ao cheiro da podridão do homem. A sua aproximação deixou a garota em choque, num curto período de tempo, sem que ela não pudesse se defender ou reagir ele pegou o braço da garota e a mordeu no pulso, como um animal.

Naquele exato momento um imenso trovão estremeceu os céus, que veio a acordar toda a floresta, e por fim, eu também.

— Lindsay? — Pronunciou minha mãe no momento em que eu acordei tremula e atordoada. — O que aconteceu minha filha? Teve outro pesadelo? — Ela completou, segurando firme em minha mão.

— Sim, mãe! Mas está tudo bem. — Respondi olhando para fora da janela. Ela notou minha expressão, sim, ela sabia o que estava acontecendo. Sabia dos meus pesadelos. — Vólte a dormir querida.

— *Bom, pesadelo?* — Pensei.

Eu vinha tendo o mesmo sonho ruim desde muito cedo, e outros que relatavam coisas semelhantes ao que acabei de descrever.

Não sei o que poderia ser ou o que esse sonho queria me mostrar ou dizer. Todos nós sabemos que os sonhos têm grandes significados, mas o que realmente esse sonho significava?

Apesar de não saber interpretá-lo não temia o pior. Minha curiosidade por certos assuntos morriam no começo.

Tentei ficar mais calma, e com a adrenalina ainda agitando meu corpo, deitei novamente na cama e dormi.

\*\*\*

Na manhã seguinte, minha mãe e eu, nos levantamos cedo e fomos arrumar toda a bagunça da tempestade.



Galhos, folhas e muita sujeira, era a situação da varanda da minha casa.

Tempestades eram comuns em Osbrück, mas não tão fortes quanto à desta madrugada.

Virei-me para entrar em casa quando vi de relance um homem, grande, magro e pálido. Ele me observava distante, parecia não estar aqui. Eu gelei na hora. Entrei e não tive coragem de dar mais uma espiadinha para ver quem era o marmanjo.

Meus instintos de mulher diziam que aquilo não era um bom sinal. Fui até a janela da sala e fechei as persianas por segurança, quando de repente alguém toca em meu ombro fazendo-me virar subitamente.  
— Filha!

— Mãe! Que susto. — Respondi com uma das mãos no peito, próximo ao coração.

— Você parece assustada, o que houve?

— Não foi nada mãe. É que aqui dentro está muito claro. — Tentei disfarçar.

Ainda assustada fui à cozinha tomar um copo d'água. Não contei nada para minha mãe, não queria preocupá-la. Além disso, ela ia achar que era bobagem de minha parte...

De alguma maneira eu o reconhecia de algum lugar, mas estava confusa demais para lembrar-se de onde.

— Não pode ser! — Pensei alto, num instante de distração deixei o copo de cristal cair ao chão e despedaçar em milhares de cacos.

— Você está bem? Sente alguma coisa? — Minha mãe perguntou nervosa com a situação.

— Eu apenas senti uma tontura, só isso. — Respondi ao me abaixar para tentar juntar os cacos.

— É melhor você subir para seu quarto e descansar mais um pouco, sua noite foi um tanto agitada. Deixe que eu recolha isso tudo. — Disse minha mãe já me ajudando a subir a escada de casa.

Pode parecer loucura, mas o cara magro e pálido que vi lá fora há alguns minutos, se parece muito com o homem de meus pesadelos, que de alguma forma parecem mais reais a cada dia.

Desde cedo fui uma garota um tanto perturbada por essas aparições misteriosas. Pelo menos na minha infância.

O que me fez acreditar por um momento que o homem que vi há pouco era uma assombração. Sua aparência de distinto ou freneticamente distante deste mundo só fazia-me acreditar que ele não pertencia a esse mundo real. Ou que ele pudesse apenas estar tentando me dizer algo.

Eu só precisava parar e tentar ouvi-lo. Só que não tinha cem por cento de certeza que isso seria uma boa ideia. É, isso não é legal...

## Capítulo Dois

Até meus quinze anos de idade eu não ia à colégios normais como as outras crianças. O medo que minha mãe sentira sobre a sociedade era intenso, ela temia que eu pudesse perder a minha inocência e ser corrompida como alguns naquela época. Então não me restava outra opção a não ser estudar em casa. Eu passava noventa por cento do dia dentro do meu quarto, os dez por cento restantes eu saía com minha mãe para colher alguns legumes ou dar uma volta na cidade que ficava a trinta minutos de onde morávamos.

Mudamo-nos novamente para a minha cidade natal, Osbrück. As coisas em Saint Refann não estavam lá essas coisas. Eu acabara de completar quinze anos de idade, e já demonstrava uma aparência de adolescente mais segura e determinada, minha mãe me deixou pela primeira vez frequentar um colégio “normal”, com colegas e vários professores.

O motivo da mudança repentina é que meu professor particular, o Jeffrey teve que viajar inesperadamente, e por fim, ele era o único que minha mãe confiava, também era o único que esteve sempre perto de mim quase toda minha infância e início da adolescência. Era uma pessoa boa e de coração gentil. Com seus problemas de saúde se alastrando cada vez mais o meu professor de setenta e três anos de idade teve que viajar para se cuidar e ficar um pouco perto da família, sua despedida fora emocionante, eu gostava muito dele, afinal, quando eu não sabia algo ele me ensinava de uma maneira que eu não conseguiria esquecer. Eu o chamava de professor mágico.

\*\*\*

Era uma tarde de outono quando eu me preparava para meu primeiro dia de aula no Colégio de Mont Serrat.

Estava um pouco receosa, pois sabia que faria pela primeira vez depois de quinze anos amizades com garotos e garotas de minha idade. Seria um máximo, e ao mesmo tempo um tanto estranho. Pois eu não sabia o que era a amizade, o único amigo que eu tivera era o Kannt o cão de minha vizinha Luci que por sua vez era uma senhora de setenta anos de idade. Eu às vezes também fazia pequenas amizades quando ia ao centro da cidade. Como por exemplo, com o padeiro ou com o garotinho da feira de legumes que ficava olhando e sorrindo para mim e com outras pessoas que paravam para cumprimentar minha mãe.

Muitos pensam que a falta da amizade poderia deixar você louco, e de fato sim! Porém, eu estava lúcida e cética que se é para ter uma amizade de verdade elas têm que ser puras e verdadeiras como nos contos de fadas que eu lia. Apesar de que devemos ser realistas com isso. Outro pequeno detalhe que me diferenciava dos outros era minha súbita forma de viajar em pensamentos que me retiravam deste Mundo.

— Lindsay querida, prepare-se. Ou você chegará atrasada no primeiro dia de aula. — Gritou minha mãe do quarto.

— Está bem, eu estou quase pronta. — Respondi terminando de pentear meus longos cabelos.

— Pronto! — Arfei baixinho olhando-me mais uma vez no espelho.

Agora eu sabia o que era sentir o friozinho na barriga e por Deus, aquilo era muito estranho. Eu já estava saindo de casa quando minha mãe me alcançou os meus livros.

— Já ia me esquecendo. — Respondi sorrindo.

— Bons estudos e comporte-se.

Teria que fazer o trajeto até o colégio de MontSerrat todos os dias a pé. Era um pouco longe, cerca de vinte minutos. Mas nada que pudesse me desanimar. Afinal, a minha caminhada matinal era uma das melhores coisas do meu dia, pois me dava tempo para refletir sobre certas coisas.

Assim que cheguei fiquei desconfiada de todos e de tudo. Para mim era tudo novo e diferente, eu tinha que aprender aos poucos e não poderia deixar nenhuma novidade passar despercebida.

Notei que os jovens estavam separados em grupos. Cada um demonstrava um interesse claro. Tinham, esportistas sarados, garotas bonitas e mal encaradas, pessoas estranhas e de olhar tímido, entre outros.

Imaginava em que grupo eu me encaixaria, mas, eu não me identificava com nenhum. Minha verdadeira vontade era de fazer amizades com todos. Indiferente de grupos ou classes.

Aproximei-me o suficiente para todos me lançassem olhares desconfiados, simplesmente os devolvia com um olhar mais curioso. Estava mais perdida que todos eles.

Longe de todos. Próximo a uma grande árvore, havia um garoto de cabelos negros como a escuridão e pele clara como o dia. Ele me observava diferente, o garoto também não tinha nenhum grupo e estava afastado o suficiente para se destacar dos restantes.

Eu não queria olhar direto para ele, mas sentia que o jovem rapaz me observava. Ele me fitava de forma descarada e isso não era uma coisa que eu considerava legal. Era inevitável não olhar para ele. Era muito bobo e ao mesmo tempo estranho. Eu o olhava e ele me olhava, pensei em sorrir, mas não queria ser indiscreta ou parecer meio oferecida.

Assim que me aproximei do colégio, em lentos e suaves passos, olhei por cima do ombro, e o garoto continuava a me olhar. Naquele momento ele começa a vim em direção ao colégio.

Claro que eu não podia esconder o nervosismo, pois a única coisa que eu sabia, era que... Segundo minha mãe, as garotas não deveriam andar com garotos, pois os mesmos são diferentes de nós meninas. Mas nesse momento ignorei qualquer coisa que ela me disse. O que um garoto como ele poderia fazer de mal a mim? Ele era bonito, bem vestido e parecia ser legal.

O soar dos sinos no topo do colégio parecia informar o início das aulas. Todos os alunos começaram a entrar na instituição. Eu me embreei na multidão e me adentrei também.

Parei no meio do enorme corredor e fiquei intacta no mesmo lugar, alguns alunos passavam por mim e se esbarravam ou resmungavam coisas que eu não conseguia compreender devido o zum zumzum que os alunos faziam.

Olhei em volta e num giro de trezentos e sessenta graus parei frente a frente ao rapaz que me fitava há pouco lá fora.

— Posso ajudá-la? — Ele sussurra com um sorriso no final de sua última palavra.

— Oi. — Eu respondi, tirando meus olhos dos dele e olhando para baixo.

— Eu... Estou bem. Obrigada... — Respondi.

— É que você parece confusa... Você é nova aqui, não é mesmo? — Ele insistiu.

Fiquei quieta por alguns segundos, estava praticamente “travada”. Mas desta vez tive coragem de encerrar novamente seus belos olhos verdes e responder;

— Sim... É meu primeiro dia de aula.

— Desculpe-me, eu não me apresentei. Eu me chamo Dmitry Vuotchk. — Ele respondeu estendendo a mão.

— Eu sou a Lindsay. Lindsay Lüscher. — Respondi.

— Que belo nome Lindsay! Cai-lhe muito bem. — Ele indaga.

— Obrigada. E... Desculpa, mas eu preciso ir até a direção do colégio. — Respondi saindo e deixando

ele no vácuo.—Com licença.

Ele apressa os passos a fim de me acompanhar.

— Mas já? Diretória no primeiro dia de aula? — Ele interrogou.—Isso é sério?

Sorri com sua ação e lhe respondi;

— Como eu disse, é meu primeiro dia de aula, e preciso falar com a diretora para que ela me apresente o colégio.

— Eu posso lhe ajudar. — Disse ele com um sorriso que mal cabia em seu rosto.

— É muita gentileza sua... Dmitry. Mas eu estou bem, vou só dar um pulo na diretoria. — Insisti.

— Tudo bem... Se precisar de algo pode contar comigo. — Respondeu ele se afastando de mim.

Acho que eu falei de mais... Ou o menosprezei o suficiente para ele me achar uma maluca de pedra.

O observei até ele entrar em uma sala que ficava no final do corredor.

— Senhorita Lüscher. — Indagou uma senhora ao se aproximar de mim.

— Sim. — Respondi.

— Presumo que esteja a me procurar?Sou a Diretora Väumler, responsável por Mont Serrat. — Apresentou-se.

Ela era elegante. Elegante demais para uma diretora, convenhamos.

— Estou procurando minha classe. — Respondi.

— Que pena que sua mãe não pôde acompanhá-la, ela me falou muito bem de você. Ela me contou que você é uma garota muito disciplinada.—Completo.

— Apenas busco resposta que acredito que me interesse, e que necessitam de respostas. — Respondi.

— Magnifico! — Exclamou a diretora.

— Acompanhe-me. — Completo.

Fomos até sua sala particular para conversarmos sobre as regras do colégio e o paragrafo número um, em forma de advertência esclarecia em letras legíveis e em caixa alta, afirmava que, era totalmente proibido qualquer tipo de relacionamento afetivo entre alunos dentro da instituição.

— Garanto que as lerei com mais atenção assim que estiverem casa. — Lhe disse.

— Ótimo! — Respondeu levantando-se de sua cadeira.

— Vou te levar até sua sala de aula, onde estarão dando aulas de literatura. — Ela completou.

— Tudo bem... — Respondi.

Caminhamos no corredor rumo à classe em longos passos, o som do calçado da diretora Väumler acuava e fazia eco no corredor.

Seguro firme em meus braços os livros pesados. Estava tão longe que temia entrar em outra paranoia minha.

Andávamos, e no percurso do corredor a diretora parava em cada porta para observar como estavam os alunos.

Passou à primeira, segunda e terceira sala, e logo na antepenúltima onde o tal do Dmitry entrou ela parou e olhou para mim.

— Bem-vinda! Essa é sua nova classe. Se você quiser eu lhe apresento aos alunos e a professora Norma.

— Ela indagou.

— Eu agradeço muito Senhorita Väumler. Mas eu prefiro não atrapalhá-los. — Respondi já suando frio.

— Eu insisto. Será bom para você. — Indagou.

Ela entra na sala e todos os alunos ficam de pé e quietos. A diretora cumprimenta a professora que por sua vez lhe respondi com um sorriso um tanto falso.

— Queridos alunos da classe B7... — Ela pronunciou.

— Nosso colégio recebe hoje uma nova aluna, a senhorita Lindsay Lüscher que ira ser colega de classe de vocês este ano. Espero que vocês a ajudem e que essa ajuda seja mútua. —

Sou bombardeada de olhares, desconfiados, de admiração e medo. Uma mistura de sentimentos que me

fizeram arrepiar.

O tal do Dmitry estava sentado no canto da sala e com seu famoso e indiscreto sorriso amigável ele faz que sim com a cabeça.

Depois de um caloroso “BEM-VIN-DA” dos colegas, eu entrei na sala sem abaixar a cabeça, não queria demonstrar medo ou vergonha naquele momento. E com um sorriso meio tremulo tento passar confiança.

Olhei em volta na intenção de encontrar algum lugar onde pudesse sentar e logo encontrei. Próximo ao garoto, Dmitry Vuotchk.

— Bem vinda à sala dos malucos. — Ele sussurra quando eu acabara de sentar na carteira à sua frente.

— Não estou no lugar errado. — Respondi sorrindo.

— Nossa... — Ele arfou.

— O que foi? — Lhe perguntei.

— Não foi nada. — Ele respondeu olhando para a lousa.

Coloquei meus livros sobre a mesa e tentei ignorá-lo um pouco.

Aliás, era o primeiro dia de aula. Evitar problemas era minha obrigação.

\*\*\*

Minha primeira semana no colégio de Mont Serrat foi um pouco inquietante e agitada, mas depois da segunda semana tudo começou a caminhar em seu devido lugar. Como o esqueleto de um relógio que encontrou sua peça perdida.

Certa manhã ajudava minha mãe a levar as roupas para a varanda.

— Como estão as coisas no colégio querida? — Ela me perguntou.

— Estão indo como eu imaginava. — Respondi.

— Ah, é? E como você imaginava? — Insistiu ela.

— Bom... Jovens de minha idade. Assuntos fáceis de aprender... Essas coisas... — Respondi tentando não ir muito longe.

— Fez amigos? — Perguntou.

— Amigos? Sim, claro. Um amigo... — Respondi rápido na intenção dela não me fazer mais perguntas.

Porém, o interrogatório só estava começando.

— Amigo? — Perguntou-se arregalando os olhos.

— Sim, um garoto de minha classe. — Respondi.

— Ele é legal. Não precisa preocupar-se. — completei a resposta cortando sua próxima pergunta.

— De certa maneira, peço-lhe cautela com certas amigadas filha...

Seu olhar era de preocupada. Mas sabia que era só preocupação materna e que aquilo passaria com o tempo, bastava tranquilizá-la com o tempo e evitar deixá-la muito preocupada ou nervosa. Pois as maiorias das pessoas mais velhas acreditam que jovens de nossa idade não tem consciência de seus atos. Apesar de estar na adolescência já tinha consciência suficiente para definir o certo do errado, mas mesmo assim. Continuo sendo a garotinha inocente que minha mãe costuma me ver.

\*\*\*

Apresso-me para evitar chegar atrasada em mais um dia de aula. Minha mãe deseja-me bons estudos e eu sigo.

Assim que cheguei ao colégio vi o Dmitry do outro lado da rua, sua expressão não era nada agradável. Parecia que ele estava com medo ou sentindo algo ruim. Não tive vergonha de acenar. Levantei um pouco o meu braço e acenei sem hesitar. Mas ele não me viu. Ele tinha algo em sua mão que me chamava à atenção, só que não conseguia identificar o que era aquilo. Então decidi entrar no colégio.

O tempo na classe passava lentamente e Dmitry não aparecia. Depois de dois intervalos eu já estava inquieta e por mais que eu não conhecesse bem Dmitry, sabia que ele poderia estar precisando de ajuda.

— Professora Rivera. — Levantei a mão.

— Sim, senhorita Lüscher? —

— É que faz um tempo que o... — Antes que eu terminasse, Dmitry entra quieto na sala só que com uma expressão de alívio. Parecia mais tranquilizado. Arfei como se retirasse subitamente de meu peito uma sensação de angústia.

— Preciso ir ao banheiro... — Respondi meio confusa.

A professora faz uma cara que entendeu e responde.

— Não demore muito.

Enquanto lavava o rosto na pia, pensava o porquê do Dmitry estar daquela maneira. Algo estava acontecendo com ele, gostaria de perguntar para ele o que realmente aconteceu, só assim talvez se possível, eu pudesse ajudá-lo. Mas acho que seria muito grosso de minha parte fazer isso.

Naquele instante alguém bate a porta do banheiro, fazendo-me dar um pequeno pulo com o susto.

— Tem alguém aí? — Pergunta. Era uma voz feminina.

— Sim, desculpa. — Respondi. — Eu já estou saindo.

— Ora se não é novata. — Responde Emily uma jovem bela loira, ela estuda na classe vizinha e sempre que a vejo ela olha para mim com indiferença.

— Desculpa, mas eu preciso ir. — Respondi sem dar muito assunto.

— Mas já? Vai ver seu namoradinho? — Ela provocou.

— *Namoradinho?* — Pensei.

A vontade que eu estava sentindo naquele momento era de responder aquela garota mimada ao seu nível. Mas me controlei. Se namorar no colégio é caso de expulsão. Imagina brigar no mesmo?

Sai do banheiro e não há respondi. Ela apenas empinou o nariz e não disse nenhuma palavra.

Andei apressada pelo corredor onde dava acesso as salas, e a minha ficava quase no fim desse corredor.

Na medida em que eu caminhava, percebia que tudo a minha volta se contorcia como um reflexo na água após ser atingido por uma pedra. Parei alguns segundos e tudo continuava girando e se contorcendo. Isso me deixou um pouco tonta. Não era novidade para mim esses casos acontecerem. Quando menos espero minha visão escurece e eu vou ao chão.

— Lindsay... Lindsay... — Alguém pronunciava meu nome.

Já não estava lúcida.

\*\*\*

Assim que despertei estava em uma sala fria, era a suposta enfermaria do colégio. Com uma cruz enorme na porta e macas enferrujadas. Não poderia estar em outro lugar.

— Você acordou. — Indaga a diretora.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Sua pressão caiu. Você ficou desacordada por uma hora. — Completou a diretora.

— Isso explica a dor na minha cabeça. — Respondi com a mão na mesma.

— Você precisa descansar mais um pouco e assim que estiver melhor pedirei para alguém acompanhá-la até sua casa. — Responde a diretora Väumler.

— É muita gentileza sua diretora, mas acho que já estou melhor, e posso continuar com os estudos... — Respondi.

— Eu insisto. Será melhor para você descansar mais um pouco. — Disse-me no momento em que caminhava até a porta da sala.

— Nos veremos em breve. — Completou ao sair.

Logo que a diretora saiu, enfermeira entrou no quarto para saber como eu estava.

— Espero que isso não aconteça novamente. — Respondi.

— Você é uma garota muito saudável. Não entendo o motivo disto ter acontecido. — Respondeu ela. Já me sentia bem de fato e fui liberada paracasa. Recusei o convite de alguns colegas que se ofereciam para me acompanhar até minha casa. Não era necessário e eu realmente já estava me sentindo bem. Assim que sai do colégio vi o Dmitry do lado de fora novamente, Mas desta vez tinha um motivo.

— Oi. Querida vez como você está. — Ele disse-me.

— Oi Dmitry. Eu estou bem. O que faz aqui fora?

— Estava esperando uma garota meio tonta sair. — Ele responde sorrindo. Não queria sorrir, mas dessa vez não pude segurar. Olhei para baixo e ri, então olhei para ele novamente e fiz que sim com a cabeça.

— Você virá amanhã? — Ele pergunta.

— Sim. — Respondi.

— Não quer que eu te acompanhe até sua casa? — Ele se oferece.

Não seria justo para os outros garotos eu dizer sim ao Dmitry, mas sua companhia era indispensável. Eu não poderia hesitar.

— É muita gentileza de sua parte, mas... Eu acho que não é necessário. Minha casa não fica muito longe daqui.

— Seria grosseria de minha parte deixar uma dama como você caminhar sozinha por aí, ainda mais depois do que aconteceu contigo. — Ele completa.

Sua preocupação fez com que eu não resistisse a ajuda.

— Tudo bem senhor Vuotchk. Você pode me acompanhar, mas é melhor você falar com a diretora Väumler antes de tudo para evitar futuros desentendimentos.

Ele sorriu e fez que sim com a cabeça.

\*\*\*

Enquanto caminhávamos, não sabíamos ao certo o que conversar um com o outro. O silencio estava mais que estranho e quando pensei em pronunciar uma palavra o Dmitry manifesta-se muito mais rápido.

— Há quanto tempo está em Osbrück?

— Como sabe que não sou daqui? — Respondi em forma de pergunta.

— Bom... Você pode ser até de Osbrück, mas seu suave modo de falar e sua maneira de se expressar a diferencia de qualquer outra garota.

— Bom, eu nasci aqui, mas morei numa pacata cidade próxima a Hanzen, por praticamente toda minha vida, e agora estou aqui de novo, faz alguns meses. — Respondi.

Ele sorriu e como se quisesse perguntar mais uma coisa, ele para no meio da estrada e eu faço a mesmo.

— O que foi? — Perguntei.

— Nada... — Responde em seguida.

— E você? — Tenteio dar continuação ao assunto.

— Eu estou aqui há muito tempo. — Foi sua resposta.

— Certo.

— Caso minha mãe o veja e comece a interrogá-lo de maneira maluca, por favor, não leve a mal. — O alertei.

— Tudo bem... — Ele sorriu mais ainda.

— Chegamos? — Ele pergunta.

— Sim, como sabe? — Perguntei.

— Você parou, e olhou àquela casa.

— Eu adoraria entrar e ser interrogado por sua mãe. Mas preciso voltar. — Ele completa.

— Tudo bem... — Respondi.

— Obrigado por me acompanhar até aqui. — Completei.

— Então nos veremos amanhã? — Ele perguntou.

- Sim, claro. — Respondi.
- Tudo bem. Até mais Lindsay. — Quando ele deu as costas eu reagi de forma inesperada...
- Dmitry! Espera... — Eu não sabia o que estava fazendo... Mas estava cética que não falaria bobagem.
- Quê? — Perguntou-se olhando diretamente em meus olhos.
- É... Que... Neste Sábado eu e minha mãe vamos sair para caminhar. Você não gostaria de ir junto?
- *Pronto falei!*—
- Caminhar? — Fez-se de desentendido.
- É! Dar uma volta, aproveitar o fim do verão. — Respondi sem saber onde por as mãos.
- Tudo bem. Eu vou falar com meu pai, e então eu te dou uma resposta. — Disse ele aparentando estar envergonhado.
- Certo. Tudo bem! — Respondi.
- *O que deu em você Lindsay?* — Me perguntei baixinho quando ele já se afastava.

Acho que eu tinha encontrado um amigo de fato. Desta vez esse não tinha mais de sessenta anos de idade e nem era mais novo que eu. Dmitry é totalmente diferente de qualquer outro garoto que eu já tenha visto ou lido em algum livro.

E eu sentia que por mais que ele fosse um garoto. Não poderia fazer mal algum a mim.



## Capítulo Três

Caminhava do pomar até minha casa em pequenos passos. Queria aproveitar o Sol que era apenas um turista em minha cidade.

O dia estava perfeito e fazia uma semana que meus pesadelos se foram. Acredito agora o quão a amizade era saudável.

— Lindsay. — Indagou minha mãe.

— Já sei! Quer que eu recolha as folhas da varanda? — Perguntei.

— Exatamente! — Foi sua resposta.

Já era final de semana, eu havia convidado o Dmitry para passear conosco e ele por fim aceitou. Minha mãe ainda não acreditava na loucura e na situação que eu a coloquei.

— Muito bem mocinha. Eu ainda não entendi! Você o convidou ou ele se ofereceu a passear aqui? — Perguntou minha mãe com um saliente sorriso.

— Bom, sabe o quão é difícil fazer AMIGOS nesta cidade? Eu apenas o convidei para caminhar conosco e jogarmos conversa fora. — Respondi.

— Eu espero que ele não nos dê problemas. — Indagou.

—MÃE! — Resmunguei.

— O Dmitry é um garoto legal, você ira gostar dele! — respondi confiante.

— D-MI-TRY. — Ela pronunciou baixinho.

— Esse nome lhe é familiar? — Perguntei.

— Não querida... Ele tem um belo nome.

Amizades verdadeiras são difíceis de encontrar e não é todo dia que alguém se torna amigo de você do nada. Por isso devemos tomar cuidado com o que falamos ou fazemos com os amigos. Palavras são fortes, podem machucar ou curar. Minha mãe havia tido amigos. Mas hoje é uma mulher solitária. O que houve com suas amizades, ou o que ela fez para ter esse final?

\*\*\*

Era manhã de sábado, o frio estava suavemente agradável. Naquela manhã, por volta das seis horas, escutei alguém bater na porta de casa.

— Dmitry? — Me perguntei.

Era cedo, não havia dito uma hora exata para ele vim aqui, porém, não imaginava que ele veria tão cedo.

— Lindsay? — Minha mãe grita da varanda. Debruço-me sobre a janela para respondê-la e com um sorriso banal, imagino as bobagens que ele iria pensar a me ver de roupas tão comuns.

— Senhorita Kalicies. — Responde ele cumprimentando minha mãe.

— Olá Rapazinho.

— Dmitry, não imaginava que estaria aqui tão cedo... — Disse.

— Eu sinto muito pelo imprevisto! Só queria ter mais tempo... — Ele respondeu com uma das mãos na cabeça.

— Tudo bem, não sinta. Que tal entrar e tomar algo? Eu e minha mãe acabamos de preparar o café.

— É muita gentileza sua Lindsay. — Responde ele com as bochechas vermelhas.

— Sua família é da região? — Pergunta minha mãe. Eu a lancei um olhar que juro que ela entendeu.

— Sim, e não. Meu pai é russo. — Responde ele tomando um gole de café.

— Russo! Genial. — Respondi

— Há quanto tempo estão na Alemanha? — Perguntou minha mãe.

— Há muito tempo. Perdi as contas. — Responde o Dmitry pegando mais uma bolacha.

— Seu pai deve ser um homem bastante ocupado? Em que ele trabalha? — Minha mãe pergunta me fazendo regurgitar o café que estava tomando e olhar diretamente para ela. — Até que não... Ele faz negócios...— Dmitry responde.

Minha mãe olha diretamente para mim e o silencio triunfa na sala de estar.

— Bom, vou preparar mais alguns biscoitos. — Ela responde retirando-se.

Para evitar mais constrangimentos convidei o Dmitry para um passeio em volta do bosque de Teubürg.

Eu morava em uma região muito rica em campos, florestas e lagos. Adorava o ar fresco das montanhas e o cheiro das flores que exalava nas primaveras. Eu pouco conhecia Teubürg. Mas, era um lugar incrível de se visitar.

Dmitry me contou um pouco sobre sua família enquanto caminhávamos.

Os Vuotchk eram russos e estavam em Osbrück desde 1800.

Dmitry exalava uma áurea misteriosa e incrivelmente diferente. Algo que nos passava uma paz e tranquilidade.

Caminhamos até um lago que ficava dentro da floresta de Teubürg. Dmitry sem medo algum de se sujar, joga-se no chão e sentado de pernas cruzadas arfa.

— Sente-se Lindsay. — Diz estendendo seu blusão na grama.

— Pode sentar aqui. — Concluiu.

— Não quero sujar seu casaco. — Respondi.

— Prefiro que suje meu casaco ao invés do seu belo vestido. — Diz ele.

— Certo. — Respondi sorrindo e sentando ao seu lado.

— Amo esse lago. — Falei olhando para lugar algum.

— Ele é sublime. — Dmitry tenta agradar. Nós rimos.

— Existem peixes coloridos na outra ponta do lago. —

— Peixes? — Ele pergunta.

— Sim! Peixes... Animais que vivem na água. — Respondi tentando deixá-lo incomodado.

Nesse mesmo instante ele olha. Para mim e com um sorriso pergunta.

— É mesmo?

Esses peixes estão aí há anos. Segundo uma lenda antiga. Se os peixes morrerem. Toda a vida da floresta Teubürg morre. Como se fossem parte daquela vida.

— legal.

— Há vários deles. Acredito que esse belo lugar jamais vai acabar. — Completei.

— Lindsay você sente medo de algo? — Perguntou Dmitry jogando uma pedrinha ao lago.

— Acho que o medo só existe se você acredita nele...E você, sente medo de algo? — Perguntei a ele.

Ele olha para as nuvens e responde.

— Tenho medo de só poder viver essa vida. Medo de não conhecer pessoas que possam me mudar.

As palavras do Dmitry me tocaram de maneira surreal. Eu sabia que éramos idênticos por dentro.

— Você é um pouco parecido comigo. — Disse ele

— Um pouco? — Ele perguntou.

— Eu não posso ser parecido contigo. Eu sou diferente de todos. Todos têm algo de diferente que nos torna únicos. — Completa.

— Continuo a dizer que sou parecida contigo. — Respondi.

— Como? — Ele pergunta.

— Na falta de atenção! — Completei.

— Ainda não entendi? — Pergunta ele coçando a cabeça.

— Por exemplo. Eu no seu lugar. Também não sentiria essas formigas subindo em suas pernas.

Ele joga-separafrente e pulando tenta derrubar os pequenos insensatos que o escalava.

— Tenho que admitir. Somos parecidos. — Diz ele em gargalhadas.

— Bom, me conta sobre você? —

— O que você quer saber de mim? — Perguntei.

— O essencial para não poder machucá-la. — Ele responde.

Viro-me e sinto a confiança em seus olhos.

— Você quer me contar algo Lindsay. — Insistiu.

— Há algo que gostaria de compartilhar com algum amigo há anos. — Foi minha resposta.

— Pode confiar em mim. — Responde ele segurando em minha mão.

Segredos são como seu próprio nome o diz, secretos, e não compartilháveis. Porém, segurar aquilo dentro do meu peito não era uma boa alternativa. Eu tinha que me livrar dessa dor.

— É sobre minha família. — Início.

— Foi há muito tempo atrás. Eu era apenas um bebê. Não sabia o quão o mundo poderia ser violento até descobrir aos meus oito anos de idade que meus pais haviam morrido em um acidente. —

— Eu sinto muito Lindsay. — Ele responde abraçando-me.

— Está com você querendo prosseguir. — Completa.

— Não cheguei a conhecer meus pais biológicos. Mas os sinto como se eles sempre estivessem comigo.

Minha mãe Victória veio de muito longe para cuidar de mim. Eu não tinha mais ninguém da família que pudesse me acolher. E ela me deu um lar quando o Mundo estava desabando sobre mim.

— Você deseja algo? — Ele perguntou levantando-se.

— Pode dizer que eu farei o possível para te ajudar a realizar esse desejo. — Ele completou.

Meu coração salta.

Eu estava insanamente fácil. Falar sobre minha vida pessoal para um garoto que eu acabara de conhecer era uma coisa que eu não costumava fazer. Mas talvez esse fosse o real significado da amizade. Compartilhar momentos juntos.

— Não sei como agradecer pelo apoio Dmitry. — Respondi.

— Anda Lindsay. O que você deseja? — Insiste ele.

— Você acredita em contos de fadas? — Conclui ele me fazendo rir.

— Mais ou menos. — Respondi.

— Olha só. — Ele diz indo em direção a uma árvore.

— O que você vai fazer? — Perguntei.

— Observa. — Ele responde recolhendo uma pedra do chão.

— Você sabia que as árvores detêm poderes especiais? — Pergunta-me tocando em uma árvore.

— A principio não sabia dessa. — Respondi meio desconfiada.

Ele se aproxima da árvore e pronuncia baixinho algo que não entendi, tocando na árvore ele começa a desenhar um círculo perfeito no tronco e dentro do círculo ele faz seu nome.

— O que você disse? — Perguntei.

— Apenas pedi permissão à árvore. — Ele responde.

— Para poder desenhar nela? — Insisti.

— Você pode achar engraçado. — Ele responde rindo. — Mas devemos pedir permissão à natureza antes de fazermos qualquer coisa.

— Agora eu faço parte da vida desta sabia árvore. — Ele completa.

—E o que acontece depois disso? — Perguntei.

—Ela faz parte de mim. E tudo que eu desejar, agora pode tornar-se real. — Respondeu.

— Quando o círculo for preenchido com o nome de outra pessoa. O que sentimos por aquela pessoa durará para todo o sempre. — Ele indagou.

— Quer tentar? — Perguntou oferecendo-me a pedra.

— Não posso fazer isso Dmitry. Vou ferir a árvore e não acho isso uma ideia plausível. — Respondi.  
Ele ri e responde.

— Tentei. — Jogando em seguida a pedra na grama.

— Eu até colocaria meu nome aí, mas sua letra tomou todo o espaço. — Provoquei. Ele riu.

— Mas Lindsay. Quando se sentir triste ou precisar de alguém eu estarei sempre a seu favor para poder ouvi-la. — Ele responde beijando minha mão.

— A meu favor. — Pronunciei baixinho e o abracei.

Dmitry certamente era o garoto mais legal que conheci em toda minha vida...

## Capítulo Quatro

Se a amizade era algo difícil de compreender imagina o Amor. Sentimento existente desde o principio da humanidade a atuais tempos. Julgado por alguns como doença ou praga. Sentimento de dupla face capaz de controlar você e manipulá-lo a algo que você jamais teria coragem de fazer quando não o possuía em seu coração. Mas segundo livros, o amor nem sempre foi vilão e é algo que devemos praticar. Amar para ser amado.

Apaixonar-se por Dmitry Vuotchk era inevitável. Sabia que ele de alguma forma, poderia me ajudar. Mas não só por isso, como eu disse, Dmitry tem algo que nos instiga. Algo que faz a gente querer saber mais sobre ele e sobre suas origens.

O que eu tanto temia estava por acontecer. Havia encontrado a redenção do meu amor? Talvez eu pudesse ter uma segunda chance no amor.

Era vinte para as quatro da tarde e eu estava indo para o colégio quando senti uma forte dor na cabeça. Aquilo me paralisa por alguns segundos. A dor era irritante. Pareciam milhares de agulhas perfurando minha cabeça. Tentei gritar por socorro só que não obtive sucesso. E já de joelhos ao chão esperei aquilo passar. Tinha infinita certeza que aquilo passaria. Afinal, não era a primeira vez que sentira. Mas desta vez eu estava sozinha em meio a uma estrada de terra. Longe o suficiente para ninguém me ouvir ou socorrer-me.

Escuto alguém me chamar. A voz parecia estar longe.

— Dmitry? — Me perguntei. Nesse exato momento alguém me agarra pelas costas.

— Lindsay! O que houve?

— Dmitry! —Pensei. Só o abracei fortemente. Aquilo foi passando e quando eu tive fôlego suficiente para falar algo ele apertou o abraço.

— Vou te levar para sua casa. — Respondeu ele desabranchando-se a mime erguendo-me do chão úmido daquela tarde chuvosa.

Assim que chegamos à minha casa ao ver minha mãe. Por algum motivo desmaiei.

Quando acordei estava deitada na minha cama.

Abri um de meus olhos e vi que Dmitry estava ali em pé, frente à janela do meu quarto. Ele observava a chuva lá fora. O brilho em seu olhar mostrava que ele gostava daquela sensação um tanto mais que eu.

— Adoro o som da chuva... — Falei baixinho o suficiente para ele escutar, ele vira-se e me olha.

— Linda. Como se sente?

— Agora me sinto muito bem. — Respondi.

— Eu fiquei preocupado. — Responde ele aproximando-se da cama.

— Não precisa preocupar-se. — Respondi.

— Obrigado por me ajudar. — Completei.

Ele se aproxima mais ainda de mim e encarando meus olhos segurou minha mão. Eu a puxo, como reação instantânea, mas logo a movimento novamente em sua direção.

Ele apenas arfou e com um leviano sorriso beijou minha mão.

Alguém bate na porta abrindo-a em seguida. Era minha mãe acompanhada do Doutor Antonin. Minha mãe o deixou entrar e logo em seguida saiu.

Dmitry ficou um pouco estranho com a presença do doutor e saiu do quarto.

— Como se sente Lindsay? — Perguntou aproximando-se de mim.

— Me sinto muito melhor. — Foi minha resposta.

— Há quanto tempo você sente essas sensações de desconforto? — Perguntou ele abrindo uma agenda e sentando-se em uma cadeira que estava próxima a minha cama.

— Eu não sei uma data exata. Mas essas sensações estão presentes já há algum tempo. — Respondi tentando recordar-se.

— Certo. Há dias? Semanas? Meses? — Insistiu ele.

— Há alguns anos. Mas agora cada vez mais frequentes. — Respondi com convicção. Ele tomou nota.

— O que você sente realmente após um caso? — Ele pergunta.

— São vários quadros e casos, sinto tontura, às vezes pontadas em algumas partes do meu corpo, entre outras sensações que eu não consigo descrever direito. — Respondi olhando para ele.

Ele fez mais anotações.

— Posso ver seus olhos? — Ele me pergunta.

— Sim, claro!

Ele põe luvas e começa a examinar meus olhos. Enquanto ele fazia isso, eu observava os olhos dele, Antonin tinha um olhar diferente, desta vez eu pude ver perfeitamente como eles eram.. Violetas! Uma mistura infame de vermelho escarlata com um azul marinho.

— Problemas na melanina. — Responde ele ao perceber minha fixação em seus olhos.

— Como? — Perguntei confusa.

— Eu disse que eu tenho um problema nos olhos. A melanina responsável pela coloração dos mesmos falhou. Isso é genético. — Ele respondeu virando o rosto.

— Ah, sim. São bonitos. — Tentei agradar.

— Obrigado! Pelo menos são diferentes de todos. — Ele respondeu com um súbito sorriso que logo morre em uma expressão de ansiedade.

— Você está perfeitamente bem. Mas deverá comparecer amanhã em meu consultório para finalizar os exames de hoje.

Faço que sim com a cabeça e acompanho-o até a porta.

— Mãe? Onde está o Dmitry? — Perguntei.

— Ele já foi. Desejou-lhe melhoras e disse que se possível a veria no colégio amanhã. — Ela respondeu.

— Não pude agradecê-lo o suficiente. — Pensei.

O Sol resplandecia e triunfava naquela manhã. Ainda na cama me virei de lado para evitar os raios solares que se adentravam no meu quarto através de uma fresta na persiana da janela.

Os pássaros assobiavam mais que lenhador na floresta e o perfume das rosas em meu quarto misturando-se com o cheiro de café da mamãe, tudo isso me dava mais ânimo.

Levantei-me da cama e olhei para o relógio, já esperava minha mãe berrar meu nome.

— Linda! Hora de levantar. — Grita ela me fazendo rir.

— Só mais dois minutinhos. — Gritei em resposta. Arrumei-me e desci.

Minha mãe já estava pronta.

— Bom dia filha.

— Bom dia mãe. O que é isso? — Perguntei ao ver alguns papéis em cima da mesa.

— São alguns documentos. Os deixei ai para não esquecer. — Respondeu ela.

— Sabe que vamos fazer uma visita ao Dr. Antonin hoje? — continua.

— Sim mãe. — Respondi puxando uma cadeira e sentando-se à mesa.

— Mas para quê esses documentos? — Perguntei abrindo um envelope.

“Óbito.”

— São somente documentos que o Dr. Antonin pediu. — Respondeu ela retirando os papéis de minha mãe.

— Mais alguém morreu? — Perguntei fazendo minha mãe derrubar uma xícara de porcelana e despedaçar-se ao chão. — Não se fala em morte nesta casa mocinha. — Ela resmungou olhando em meus olhos e retirando-se.

— Anda. Arruma-se! — Exigiu.

Ela poderia tentar me esconder algo. Mas, cedo ou tarde eu acabaria descobrindo. Essa é uma simples regra da vida.

Já bastava a morte de meus pais biológicos para me magoar e deixar-me mais confusa, e agora, esses problemas que insistem em me fazer mal.

Minha mãe Victória sabia de alguma coisa e eu sentia isso, mas tirar informações dela era uma coisa quase impossível, só me restava investigar...

## Capítulo Cinco

Assim que chegamos ao consultório do Dr. Antonin. Percebi uma movimentação um tanto diferente.

— Lindsay... Victória. É uma honra para mim, recebe-las hoje aqui. Por favor, entrem. — Respondeu ao abrir a porta.

— O que está havendo? — Perguntei ao ouvir vozes numa sala próxima.



— Uma pequena reunião... — Ele respondeu olhando para minha mãe.

— Victória e eu iremos participar desta reunião e se você não se importa, gostaria que ficasse aqui na sala, por favor, sinta-se em casa, nós não iremos demorar mais que cinco minutos. — Ele completou.

Eu não dificultei. Mesmo pensando o quão está situação era estranha.

— Tudo bem Dr. Antonin, eu aguardo aqui. — Respondi sentando-me numa poltrona que estava no canto da sala.

Alguns minutos se passaram e eu já estava sem paciência. Afinal, os cinco minutinhos já haviam se passado e há muito tempo. Levanto-me da poltrona e vou em direção à porta na intenção de ouvir o que eles estavam conversando quando de repente a maçaneta gira. Eu dou um passo à trás. Era o Dr. Antonin e minha mãe.

— Sinto muito pela demora Lindsay. — Ele se desculpa.

— Tudo bem... — Eu sorri.

Numa outra sala, a porta se abre e meia dúzia de homens engravatados sai dali, todos me observam e cumprimentam o Dr. Antonin com um aperto de mão.

Assim que eles foram embora Dr. Antonin me convidou;

— Podemos conversar?

Eu fiz que sim com a cabeça e o acompanhei até sua sala.

Ele abre a porta para mim e com um gesto cavalheiro me deixa entrar primeiro.

— Sente-se. —

— Obrigado. — Agradei.

— Lindsay, você esta aparentemente saudável. Já lhe falei isso varias vezes, e é o que mais me incomoda também. Não pelo fato de estar saudável, mas por ser tão estranho o fato de você estar bem depois de grandes episódios de uma suposta doença desconhecida. — Respondeu.

Ele havia falado muita coisa, mas o que eu absorvi e interroguei foi...

— Doença? Que doença?

Não podemos chamar de doença, pois não sabemos ao certo o que você pode ter senhorita Lüscher, mas sua mãe e eu decidimos, ou melhor, sugerimos que você deverá passar alguns meses em casa de repouso, assim, poderei continuar minhas consultas e você evitará ter esses tipos de episódios de tontura e outras reações que você sente ultimamente em lugares onde não poderá ter ajuda. Seu amigo foi um verdadeiro herói em estar perto de você naquele dia. — Diz ele.

Sim, realmente eu fiquei grata pelo Dmitry ter me ajudado, mas sobre o colégio e ficar em casa por alguns meses...

— *Bom, e o Dmitry?* — Foi o que eu pensei.

— Mas, e o colégio? — E isso, foi o que tive coragem de falar.

— Você poderá estudar em casa. Pode ser tão divertido quanto você pode imaginar... — Respondeu ele.

— Você não imagina o quão é divertido... — Respondi em tom sarcástico e sem medo de revirar os olhos.

Ele sorriu.

— Isso será o mínimo que podemos fazer por enquanto Lindsay. — Respondeu ele. — Bom, me aguarde próxima semana, levarei amigos. — Completou. — Ah, sim, aguardarei. — Respondi me despedindo e saindo da sala.

\*\*\*

Alguns dias se passaram e o Doutor Antonin voltou a minha casa para um *checape*.

— Lindsay querida, o Dr. Antonin está aqui... — Pronunciou minha mãe.

— Tudo bem mãe, já estou descendo. —

Arrumei-me e descí, era o Doutor Antonin de fato, ele trouxe consigo um amigo. Para minha surpresa. Bom, mas eu estava avisada. Só não me recordei deste pequeno detalhe.

— Lindsay como está? — Perguntou Antonin estendendo a mão para cumprimentar-me.

— Estou muito bem. — Foi minha resposta.

O jovem rapaz que o acompanhava me fitava de forma descarada.

— Ah, esse é o Erich, ele é meu sobrinho. — Ele indaga apontando para o garoto.

— Prazer Erich. Chamo-me Lindsay Lüscher. — O cumprimentei.

— O prazer é todo meu. Sou o Erich Epsargran. — Respondeu.

Ele não parecia um garoto normal da região de Osbrück. Ele era diferente, suas vestes, seu modo de falar, seu sotaque. Tudo indicava que ele era de fora da cidade.

— Antonin, termine de entrar, temos chá. — Diz minha mãe.

— Adoro chá. — Ele responde acompanhado de um leve sorriso.

Já sentados no sofá dou corda a uma nova conversa.

— Então Dr. Antonin, espero que o senhor tenha boas notícias para nos dizer.

— As melhores. — Responde ele enfatizando.

— Isso é ótimo! — Minha mãe indaga.

— Bom, Lindsay, o que você tem não é nada grave, ao que tudo indica. Só está acontecendo uma enorme mudança no seu sistema hormonal. Causando esse quadro de surtos. O fenômeno é raro, mas não grave.

— Ele completa.

— Fico mais tranquila em saber. Isso significa que posso voltar ao colégio? —

— Ainda é muito cedo. Talvez daqui a duas semanas. — Ele responde ironicamente.

Eu retribuo o sorriso.

— Bom preciso conversar a sós com sua mãe, que tal você e o Erich conversarem um pouco lá fora? — Sugere Antonin.

— Ah... Sim... Claro... — Respondi meio sem graça roubando um sorriso do garoto.

Levanto-me do sofá e com um ápice da vergonha eu tropeço no tapete e vou ao chão.

— Você está bem? —

— Sim, sou um belo desastre... — Respondi enquanto ele me puxava pelo braço. Sua pele era fria.

— Desculpa. — Respondeu ele puxando as mangas de seu casaco e cobrindo as mãos.

— Está muito frio lá fora. — Tentei entender.

Fomos até a varanda e sem saber ao certo o que dizer, ele pergunta-me.

— Acostumando-se a Osbrück? —

Era a pergunta mais clichê de todas, — *Vocês garotos só sabem perguntar isso?*— Me perguntei.

— Sim, é uma cidade incrível. Estou muito bem aqui. Bom, suponho que você não seja da cidade também? — Respondi.

— Eu sou do sul da França. Vim à Osbrück estudar um pouco com o meu tio Antonin. — Responde ele.

— Estudar? — Perguntei.

— Sim. Um pouco da medicina tradicional da família. — Foi sua resposta.

Ele era jovem, sua expressão era saudável e uma leve forma de respirar me chamava à atenção.

— Parabéns. Tão jovem e tão avançado. — Tentei agradecer.

— Não sou tão jovem quanto aparento ser. — Ele responde olhando em meus olhos.

Fiquei um pouco assustada, e olhei para outro ponto.

— O que será que o Antonin está falando para minha mãe?

— É um mistério. Mas não se preocupe, o tio Antonin é um ótimo profissional. — Foi sua resposta.

— Dr. Antonin e seus mistérios... — Ironizei a frase.

Erich riu.

Nesse mesmo instante Dr. Antonin aparece com minha mãe cortando o assunto e sussurrando a última frase.

— Bom, vamos senhor Erich? — Diz Antonin.

— Sim, claro. — Ele responde.

— Até mais senhorita Lüscher. Espero revê-la logo. — Ele completa.

— Tudo bem. Agradeço a visita de vocês. — Respondi.

— Até mais senhoritas. — Responde Antonin saindo pela porta da frente.

\*\*\*

Por mais garota e inocente que fosse, sentia algo. Como se Antonin e minha mãe compartilhassem um segredo. Algo que eu não pudesse saber. Erich era diferente para ser sobrinho do Doutor e esses pequenos detalhes que podem ser insignificantes para uns, é totalmente cruciais para mim.

Erich não parecia apenas mais um garoto do sul, algo nele era estranho. Ele escondia algo e estava ansiosa para conhecê-lo.

## Capítulo Seis

Como fim de minhas preocupações com a saúde. Pude relaxar mais um pouco e esquecer algumas coisas. Isso fez com que eu pensasse mais no Dmitry do que em qualquer outra coisa. E ele por sua vez estava cada vez mais próximo de mim.

Nossa amizade parecia indestrutível.

Era final de outono e início do rigoroso inverno, o não aparecia há algumas semanas e o clima de depressão pairava ao ar.

Naquele dia minha mãe havia gritado meu nome antes da hora, motivo? Dmitry. Ele teve a ideia de colher algumas maçãs, algum tempo atrás eu havia dito que conhecia macieiras próximas à floresta. Então ele quis que eu mostrasse onde ficavam.

Ele e eu corremos até lá. Enquanto passávamos pelo bosque repleto de árvores gigantescas tive uma estranha sensação de estar sendo observada por alguém, como se tivesse alguém por perto. Olhei para trás e vi um vulto passar rapidamente atrás de mim, não fiquei com medo e nem disse ao Dmitry para não assustá-lo.

— O que foi Lindsay? Parece que você viu um fantasma. — Ele diz sorrindo.

— Nada não, eu... Eu só estou admirada com essa parte do bosque. — Respondi gaguejando.

— Achava que você conhecia? — Ele responde.

— Eu o conheço só que hoje está mais majestoso, não acha? — Disfarcei.

— Talvez seja porque as árvores estejam sem folhagens. É início do inverno. Gosto do inverno! — Responde o Dmitry.

— Verdade. — Respondi.

Ao chegarmos, fiquei perplexa.

— É impossível. — Sussurrei.

— O que é impossível? — Dmitry perguntou com a curiosidade estampada no rosto.

— *Boa audição.* — Pensei.

— Nada, eu só fiquei impressionada com uma maçã gigantesca que vi. — Respondi apontando para a macieira e disfarçando a situação.

Algo de estranho cercava o lugar, mas o estranho é que eu já havia ido ali inúmeras vezes, e neste dia, parecia que eu recém tinha conhecido.

Enquanto Dmitry buscava a maçã em meio às folhagens da pequena árvore eu caminhei lentamente olhando para todos os lados da imensa floresta.

Após ficarmos fartos de tanto comer maçã, seguimos caminho a um lugar especial batizado pelo Dmitry de paraíso. Foi ali que fizemos nosso encontro subliminarmente informal. Eu confesso. Amava o paraíso. Eu às vezes achava que Dmitry também pudesse estar gostando de mim ou até mesmo apaixonado, não tinha tanta certeza! Ele nunca falou nada a respeito, porém, sei que em seus olhos existia algo que me dava certezas para acreditar na tolice.

Dmitry e eu ficamos debaixo de uma árvore, estendidos no chão e falando bobagens sobre a vida. Não poderia imaginar nas histórias que ele me contava. Eram lendas sobre magos e seres sobrenaturais que viviam nas escuridões das florestas. Novamente. Ele começou a me contar uma história sobre uma jovem bruxa que foi queimada viva. Era o que acontecia com feiticeiros e bruxos na época. Quando se refere a magos, bruxos e até vampiros, já imaginavam em demônios infernais. Não acreditava que o ser humano poderia ser tão hipócrita e ignorante de machucar outras pessoas só por elas serem diferentes. Eu acredito que todos nós somos diferentes e especiais de certo modo, e é isso que nos define um ser. Somos o que somos devidos o que necessitamos ser. Dmitry defendia minha tese, e dizia que se existisse bruxos e bruxas os mesmos poderiam ser do bem, como pessoas que fazem o bem ao próximo. E também bruxos do mal, ou das trevas como dizia ele. Aqueles que queriam o mal de todos e passavam o dia querendo controlar o Mundo sobrenatural.

Dmitry olhava para mim como se quisesse me dizer algo, eu apenas sorria.

Minha mãe estava um pouco preocupada comigo, ela falava para mim que eu já estava em uma fase de minha vida que não era um pouco adequado andar com adolescentes que estavam com os hormônios à flor da pele. Porém ela confiava em mim, e no Dmitry também. Ele era um garoto muito especial, e bonito também. Ele era alto e magro, mais não um magro esquelético, era esbelto, ou como dizem. "Um magro falso". Sua pele era branca num tom um pouco pálida, sua boca era avermelhada e chamativa, como um botão de rosas. Seu sorriso leviano e místico dava um toque final em sua personalidade e aparência. Tinha cabelos negros e olhos que eram verdes e azuis, uma mistura dos dois. Como cor-de-mel, que por fim, lhe caíam muito bem.

— Linda olha aquela nuvem. Livre leve e solta! Sem destino algum. Às vezes queria ser como um pássaro ou como uma nuvem voando na imensidão dos céus e sumindo no horizonte desconhecido.

Disse o Dmitry com os olhos brilhantes como diamantes.

— Pois eu penso um pouco diferente. Queria ser como uma montanha, forte, firme e grande. Com os pés no chão! Tenho medo de voar e cair, medo de não conseguir parar de ir mais longe pelo simples desejo de querer descobrir o que há de novo e diferente no horizonte e além. — Respondi.

Dmitry respirou fundo e sentou-se a pensar. Eu continuei deitada na grama, e olhei de relance para ele. Então ele levantou-se e disse:

— Vamos correr até sua casa! O último que chegar comerá maça podre. — Disse ele saindo correndo e me deixando pra trás. — Isso é trapaça! — Gritei em defesa. Levantei-me rapidamente rindo e corri atrás dele.

\*\*\*

Uma semana se passou, Antonin e minha mãe me deixaram continuar os estudos, alias nada havia acontecido comigo e eu estava melhor do que nunca.

Arrumo-me felizmente para meu retorno ao colégio depois de quatro semanas, a diretora e os professores sabiam de meu estado então, não haveria problema algum.

Como em todo Colégio que se prese. Não poderia faltar valentões.

Era intervalo e quase todos os alunos estavam do lado de fora conversando e aprontando fora do alcance dos olhos do vigia Brian.

— Ora, ora. A cabeça de fogo parece preocupada. — Responde Stephanie. Uma metida da classe B5.

Tentei fingir que não foi comigo e sai andando, mas ela segurou firme em meu braço e isso eu não ia

tolerar. — A sardenta está com medo? —

— Medo? Você não sabe nada sobre o medo! — Exclamei.

— Olha! Ela sabe falar... — Resmungou o inseto.

Evitei mais uma vez não respondê-la. Mas mais uma vez ela me tocou. Só que desta vez em forma de empurrão.

Eu nunca havia brigado e eu era totalmente contra a violência, só que por algum motivo, talvez, por intuição. Cerrei o punho como um garoto e a soquei no estômago.

Um golpe certo que fez cambalear e ir ao chão.

— Senhor! — Pensei alto.

— Briga! —

Enquanto os outros alunos gritavam em uma sinfonia infernal. Eu formulava algum plano para sair ilesa da surra de boas vindas ao colégio.

Em um pequeno intervalo de tempo o céu escureceu e os trovões rasgavam o ar como se os deuses estivessem presentes na cerimônia. Ventos uivavam e adolescentes medrosos gritavam e corriam assim como a Stephanie. Todos queriam se proteger da inesperada tempestade. Eu fiquei no mesmo lugar. Cai de joelhos ao chão e como se eu agradecesse os céus. Ri sem motivo, aliás, a chuva era a última coisa que poderia assustar a ruiva dos punhos de aço.

— Linda! Vamos entrar... — Era o Dmitry, novamente me aparando do chão.

Quando entramos no colégio encontramos a diretora Väumler e seu belo vestido de seda. Ela estava de preto, qualquer um em sã consciência palpitaria que ela acabara de sair de um funeral.

— Senhorita Lüscher, que surpresa agradável! — Ela exclamou. — Não esperávamos chuva, muito menos a senhora tão cedo. — Completou.

— *Será que isso foi um elogio?* — Pensei.

— Pois é. Eu estou bem melhor. Essa chuva me pegou de surpresa. Preciso me secar. — Falei.

— Claro! Acompanhe-me... — Respondeu ela.

— Nos falamos em breve. — Sussurrei para o Dmitry. Ele fez que sim com a cabeça.

Para minha sorte, a professora de história local estava organizando uma Excursão à Lostville. E é lá onde está a indústria de Rosfox, lugar onde houve o acidente com meus pais. O local era aterrador para mim, mas eu precisava ir até lá. Precisava entender. Mas não acreditava que minha mãe deixaria ir, afinal, era mais um motivo para ela ficar louca de preocupação.

— Atenção alunos! Estou organizando a excursão à Lostville, para estudarmos um pouco sobre o local e entendermos sobre a peste que expulsou os moradores da pequena cidade... — Disse a professora.

— Para que haja organização, vou separá-los em grupos de três. Assim, cada grupo nos entregará um trabalho com informações colhidas do local. Alguma dúvida? — Completou.

— O que é Lostville? — Perguntou Sainn o cara mais engraçadinho da sala, ele fazia piadas com todos.

— Isso é o que você descobrirá senhor Sainn. — Respondeu a professora sem poder evitar sua expressão de boba.

— Vamos coletar amanhã os nomes dos alunos que irão à excursão. — Completou a professora.

— Linda... Você vai? — Dmitry sussurra atrás de mim.

— Preciso falar com minha mãe. Eu gostaria muito de ir, mas acho que ela não vai deixar. — Respondi em resposta sem olhar para trás.

— Sei de um método para irmos no mesmo grupo. — Dmitry responde fazendo eu vira para trás automaticamente.

— Ah é? E como você fará isso? — Perguntei.

— Me aguarde... — Foi sua resposta.

— Senhor e senhorita Lüscher. Vocês deveriam prestar atenção no que estou falando. Afinal, qualquer informação é uma nota a mais em seu bloco.

— Desculpa professora, pode continuar. — Dmitry responde.

— Isso, o que ele falou. — Respondi.

\*\*\*

Faltavam alguns dias para meu décimo sexto aniversário. Minha mãe estava eufórica. Era comum ela perguntar-me o que eu gostaria de ganhar de presente. Só que este ano, não queria nada, há não ser a felicidade dela e algumas respostas. Minha inquietação aumentava de forma voraz.

— Filha o que você gostaria de ganhar de presente este ano? — Começou.

— Bom, a senhora tem sido tão boa comigo sempre e ultimamente melhor ainda, não precisa se preocupar com nada para mim.

— Não filha, eu adoraria lhe presentear com algo que você gostasse muito! — Insistiu ela.

— Já disse que não precisa se preocupar. — Respondi rindo.

Não poderia falar para ela sobre a excursão. Saber que a resposta seria negativa. Então não comentei sobre o assunto.

— Tudo bem mocinha... — Ela respondeu.

Sabia que ela compraria algo, ela era teimosa demais.

\*\*\*

Estava entrando em uma grande ideia maluca. Falsificar a assinatura da minha mãe já era o bastante para apontar o quão isso poderia me deixar encrencada.

Mas era preciso. E eu estava disposta a seguir com isso.

Minha mãe havia ido à cidade procurar algumas coisas para meu aniversário.

Depois de alguns minutos alguém bate a minha porta. Eu me assusto.

— Quem será? — Me pergunto.

Afinal, não estava esperando visitas.

Era o Dmitry, ele está rindo.

— Qual a graça? — Perguntei.

— Nada.

— Posso entrar? — Pergunta em seguida.

— Claro.

— Você realmente ama me visitar não é mesmo? — Perguntei a ele lhe servindo água.

— Eu adoro. — Foi sua resposta.

— Então, pronta para descobrir como iremos no mesmo grupo? — Ele respondeu levantando uma de suas sobrancelhas.

— Eu não sei o qual seu plano maluco, mas estou disposta a aceitar. —

— No ano passado a professora havia organizado uma excursão à outra cidade. Os alunos haviam colocado seus nomes na lista. O sorteio havia acontecido e os nomes dos alunos sorteados, só que alguns alunos haviam faltado e os mesmos também queriam ir à excursão, desta maneira a professora foi obrigada a fazer um grupo especial com os alunos faltantes. — Respondeu ele em euforia como se fosse o plano mais brilhante do mundo.

— Certo senhor criador de planos malucos e como você tem tanta certeza que isso vai dá certo? — Perguntei meio confusa.

— Faltaremos amanhã, é isso? — Acrescentei.

— Exatamente! — Ele exclamou.

— A gente vai faltar amanhã e no dia seguinte falaremos que queremos ir à excursão sendo assim ela colocará nós dois no mesmo grupo. —

Esse era o motivo da graça quando você chegou a minha porta? Não aguentava imaginar o quão esse plano era engraçado e infalível... — Perguntei.

— Não era isso. É melhor não saber. —

— Tudo bem... — Respondi mostrando desinteresse.

— Certo. Mudando de assunto. Você vai fazer aniversário? — Perguntou ele.

— Como você sabe? — Perguntei em resposta.

— Eu fuzei o diário escolar e vi que você faz aniversário agora na sexta.

— Bom, é verdade. Farei dezesseis anos de idade. — Disse sentando-se na cadeira que estava na sala.

— Eu não havia te dito mais eu tenho dezessete anos. — Retruca Dmitry.

— Eu sei. — Respondi.

— Como você sabe? —

— Andei fuçando o diário escolar. — Respondi o fazendo rir.

\*\*\*

O dia passou e Dmitry e eu matamos aula escondidos de nossos pais. Eu pedi para que ele me encontrasse na cidade de qualquer forma para conversarmos e conhecer alguns lugares.

— Me conta um pouco sobre sua família... Com quem você mora? — Perguntei.

— Ele ficou um pouquinho sem graça e após arfar responde.

— Com meu pai. —



— Parece que seu pai não é muito presente? — Insisti.

— Não muito. Ele anda muito ocupado ultimamente, então eu costumo passar a maioria do tempo sozinho em casa.

— Eu sinto muito. — Respondi ao perceber seu baixo astral.

— Tudo bem, ela se foi feliz. — Responde.

— Vamos sentar debaixo daquela árvore e conversar um pouco sobre um assunto delicado. Preciso de uma ajudinha sua. — Falei levantando um sorriso de seu rosto.

— Dimi, Lostville é uma cidade que significa muito para mim. Foi lá onde aconteceu o terrível acidente na indústria de Rosfox. Depois do acidente tudo mudou em minha vida, queria poder compreender direito tudo isso, afinal, é uma oportunidade grande. — Respondi.

— Entendo Lindsay. — Quando ele substituía o “*Linda*” por “*Lindsay*” era sinal que estava falando sério.

— Estaria disposto a ajudá-la em tudo que for preciso. — Completou.

— Eu fico grata Dimi. — Respondi.

Não saberia de fato o que fazer quando chegar à Lostville, procurar uma biblioteca para consultar a história local era uma das melhores opções. Mas, precisávamos de cautela, afinal, Rivera estaria de olho em todos os alunos e fugir dos olhos dela era uma tarefa árdua.

No dia seguinte Dmitry e eu fomos ao colégio, e se você quer saber se o plano maluco dele deu certo, a resposta é... SIM!

Rivera não teve outra opção a não ser colocar Dmitry Joseph e eu em um grupo diferente. Mas não contávamos com mais um participante. Joseph!

Ele era o menino mais quieto e ao mesmo tempo inteligente da classe, talvez ele estivesse fazendo o mesmo plano que a gente. Ou não. Mas de certo modo ele dificultaria as coisas. Afinal, não é todo dia que alguém aceita fugir de uma excursão e caminhar sozinho em uma cidade desconhecida a procura de algo que realmente não temos certeza que iremos encontrar.

— Atenção alunos. A excursão será na próxima quinta, então espero que vocês estejam preparados para a viagem até lá. As regras e orientações estão nesse bloco. — Disse a professora entregando-nos alguns papéis.

— Que a missão comesse! — Dmitry exclamou em risos.

## Capítulo Sete

Na manhã do grande dia do meu aniversário, o dia estava muito agradável, o que me deixou mais feliz, os problemas como meus pesadelos haviam desaparecidos e eu estava cada dia mais bem e saudável.

Desci as escadarias de casa lentamente até chegar à cozinha onde minha mãe preparava algo.

Como um gato travesso. Ando devagar na porta dos pés afim de evitar qualquer ruído. Me esquivo para o lado da porta ao ver minha mãe se virar para o outro lado. Ela cantarola algo angelical e eu me seguro para não rir da tamanha alegria dela.

— Senhorita Kalicies. — Areverencio.

— Senhorita Lüscher. — Responde ela entrando na brincadeira.

— Vamos receber visitas? — Perguntei roubando uma uva passa da tigela que estava à mesa.

— Eu quem pergunto? — Ela retrucou.

— A princípio. Eu convidei o Dimi. — Respondi.

— Mas não sei se ele vai vir.

Neste mesmo instante subo até meu quarto e pego algumas roupas para sair. Fazia frio lá fora. Porém o Sol me atraía como a luz de uma lamparina para um inseto.

Saio e caminho até um pequeno bosque que havia perto de casa. Os raios solares massageavam minha pele e parecia revigorá-la.

Precisava de um momento só meu. Para distrair-me um pouco. Esquecer algo que por engraçado que pareça, não pode ser esquecido.

Noto uma borboleta diferente. Sua cor azulada parecia realçar sua beleza. Ela me rodeava e parecia brincar comigo. Rodopiava para cima e para baixo. Porém, algo nela me surpreendeu além de sua coloração. Ela brilhava e parecia ter saído de um conto de fadas.

A borboleta gira e continua a rodopiar em direção a mim. Estendo a mão a fim de lhe oferecer um leito para pousar. E como imaginei ela posa em minha mão, tão delicada e frágil que não parecia me tocar. O momento mágico foi interrompido ao sentir uma ardência muito forte na pele. Fazendo-me sacudir a mão e espantá-la. Jamais poderia imaginar que a dor tinha ligação com a frágil criatura.

A dor era grande o que me fez cair ao chão sem sentir um músculo do meu corpo. A sensação de ardência aumentava rapidamente, não poderia imaginar em outra coisa. Mas parecia que eu estava em chamas.

Gritei por ajuda o mais alto que eu pude. Porém, meus esforços foram em vão. Estava um pouco longe para ser ouvida. E sem aguentar a dor. Desmaiei.

— Lindsay Lüscher, precisamos de você. Lindsay, Lindsay... — Uma voz me chamava, era uma voz feminina e doce. Parecia que eu estava sonhando. A voz foi sumindo e quando não pude ouvir mais nada. — Lindsay! — O que houve com você? O que faz deitada no chão? Por que não me respondia? — Era o Dmitry.

— São muitas perguntas. — Eu pensei.

— Eu acabei dormindo. — Respondi afim, de não assustá-lo. A expressão de alívio em seu rosto era

notável.

— Assim? Jogada ao chão? — Ele não acreditou.

— Sim.. Na verdade não sei como acabei dormindo, estava apenas sentada próxima a essa árvore. — Respondi apontando para a árvore.

Acho que eu havia convencido ele. Citamos a viagem a Lostville.

Iria à excursão escondida de minha mãe, e não poderia contar isso ao Dmitry para não acabar com meus planos, então não me restava outra opção a não ser destorcer a verdade para ele.

— Você me assustou Linda. — Diz ele voltando ao assunto.

— Desculpa.— Respondi sorrindo no final.

Levei o Dimi até minha casa e passamos a tarde a conversar.

Meu aniversário estava só começando e ter a companhia do Dmitry era um de meus melhores presentes.

\*\*\*

—Filha fecha os olhos. — Diz minha mãe.

— Tudo bem. — Respondi.

— Sei que sou teimosa, mas uma teimosa legal. — Responde ela me fazendo rir.

— Certo senhorateimosa. Estou ficando curiosa. — Respondi.

— Pode abrir os olhos agora. — Disse ela eufórica.

— Ai meu Deus, é lindo... — Respondi. — É tão bonito mãe. Obrigado. — Completei.

Ela havia me presenteado com um belo vestido de seda com detalhes em azul ciano. Eu estava supercontente.

— Anda experimenta. — Indagou Dimi.

— Isso, experimenta. — Insistiu minha mãe.

— Tudo bem. Volto num instante.

Cabia perfeitamente em mim e me deixava mais diferente. Uma lagrima escorreu. Estava realmente feliz. Desço as escadas lentamente. Com um pouco de vergonha é claro. Dimi estava comendo um pedaço de torta. Rapidamente ele bebe um gole de suco, acho que ele havia se entalado.

— Você está linda. — Diz minha mãe.

— Realmente linda. — Responde Dimi fazendo minha mãe olhar para ele.

— Obrigada! É tão perfeito...

— Bom, eu iria pedir para você retirar antes que o sujasse. Mas você está tão linda que não precisa se trocar novamente. — Responde minha mãe.

—Tenho que ver como estãoastortas. — Responde minha mãe indo até a cozinha.

— Você está realmente muito bonita. —Sussurra o Dmitry me fazendo sorrir.

— Obrigada. —Respondi.

— Eu também tenho um presente para você. Diz ele...

— Eu não sabia muito bem o que lhe dar de presente. Eu comprei isso para você! — Completa ele erguendo as mãos à minha frente e me mostrando uma gargantilha dourada. O pingente em detalhe de coração completava a peça.

— Dimi, é muito linda. Não precisava comprar um presente para mim. Você já é um bom amigo. Mas de certa forma obrigado. — Respondi abraçando-o.

Ele aperta o abraço e sussurrando responde. — Você merece.

O melhor aniversário de todos os tempos. Não poderia estar mais contente. Dmitry realmente é uma pessoa muito legal o que me deixava mais apaixonada.

Não poderia falar isso para ele, era informal de mais para uma garota. Mas esperar que ele pudesse perceber naturalmente não me soava muito inteligente.

## Capítulo Oito

O grande dia da viagem à Lostville havia chegado. A professora Rivera estava muito empolgada. Até mesmo mais que próprios alunos.

Reunimo-nos na frente da estação de trem de Sainseo, esperaríamos o trigésimo-terceiro Expresso até Lostville. Eram aproximadamente vinte alunos, e isso facilitava as coisas para a professora. Lostville não era muito longe. Praticamente era a cidade vizinha.

O apito anunciava a chegada do trem. Estávamos empolgados e ansiosos com a viagem. Posicionamo-nos em fila e em postura de sentido esperamos o trem desembarcar alguns passageiros para que pudéssemos embarcar.

—Minha terceira viagem de trem. —Sussurra Dmitry.

—Ah, legal. É minha primeira vez. —Respondi.

—Dentro de alguns minutos embarcaremos. Vou fazer a chamada dos nomes e respondam com um passo a frente. —Diz Rivera.

— Niwer... Klaus...

Enquanto a professora fazia a chamada dos nomes, pude perceber um homem estranho na terceira parada. Ele me observava.

— Dimi, olha... —Apontei com a cabeça.

—O quê? —Ele pergunta sem entender.

Havia sumido rapidamente. Talvez fossem alucinações.

—Não foi nada. Só coisa da minha cabeça mesmo. —Completei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Lindsay. — Rivera chama.

Dei um passo à frente.

Ao embarcarmos sentamos uns perto dos outros. Havia dividido lugar com o Dmitry e Joseph.

—Vocês são namorados? —Pergunta o rechonchudo garoto.

—Oh, não... Somos bons amigos. —Respondi com as bochechas vermelhas de vergonha. Dmitry sorriu vermelho também.

—Desculpa. — Joseph indagou.

— Tudo bem... — Diz Dmitry.

Depois de uma tediosa viagem de uma hora chegamos a tão esperada e pacata cidade. Enchi meus pulmões do ar puro que reinava no local e sem medo algum caminhei para junto dos outros alunos.

— Famosa Lostville. — Diz Joseph olhando em volta.

O que eu poderia falar do local, era uma cidade pintada em cinza, branco e preto. A vida no local parecia impossível. Umacidade morta e abandonada. De vez em quando sentia um leve arrepio. Lostville era

mais fria do que eu poderia imaginar. Porém, no meio de tanta desordem, uma pequena parte da cidade funcionava. Quando digo pequena, me refiro a duas ruas no centro mesmo. Não havia prefeitura, indústrias, muito menos pessoas que quisessem morar no lugar.

— População de Lostville hoje! Cinquenta e cinco habitantes. — Responde a professora em ênfase.

— Cinquenta e cinco pessoas conosco? — Pergunta Dmitry me fazendo rir.

— Não senhor Vuotchk. Faça as contas conosco e saberá a resposta. — Respondeu a professora.

— Setenta e cinco pessoas senhorita Rivera! — Exclamou Joseph. Mas ninguém ligou.

— Joseph, você me parece um garoto muito inteligente. — Respondi o fazendo erguer o peito e agradecer com as bochechas vermelhas.

— Obrigado!

Dmitry olhou para mim e erguendo uma de suas sobrancelhas parecia pensar; “*O que diabos você está tentando fazer*”?

— Vamos explorar a cidade! Nós três. — Palpiti.

— Isso é loucura! — Responde Joseph. Dmitry revirou os olhos.

— Eu acho uma boa ideia. Aliás, eu estou indo agora mesmo para a biblioteca sem a professora me ver e não estou nem aí para o que possa acontecer. — Responde Dmitry andando alguns passos. Desta vez ele me surpreendeu.

— Dmitry, eu vou com você. — Responde Joseph.

— *Como ele fez isso?* — Me perguntei boquiaberta.

Não importava. O que era mais importante é que deveríamos sair sem que a professora Rivera e os outros alunos nos vissem. Só deveríamos ter um pouco de cautela, afinal, nos erámos responsáveis dela. E se acontecesse alguma coisa conosco os responsáveis teriam que arcar com os prejuízos. Doía-me ter que fazer essa pequena loucura. Mas era preciso.

— O que vamos fazer? — Perguntou Joseph aparentando ser o desordeiro do século.

— Vamos até a biblioteca. — Responde nitidamente Dmitry sem olhar para trás.

— E o que vamos fazer lá? — Insiste o gorducho.

— Vamos ler livros. Não gosta de ler senhor Joseph? — Respondi em questão.

— Vamos fazer uma loucura desta magnitude por livros? — Continuou.

Era o bastante. Dmitry para de caminha e vira-se para trás. — Não Joseph, vamos até a biblioteca matar a bibliotecária e roubar alguns livros, pois somos vampiros de conhecimentos. Mas alguma dúvida? Quer fazer isso com a gente? Outra opção é você voltar para a saia da professora e fingir que nada está acontecendo.

Joseph fica calado por alguns segundos e logo protesta.

— Então prefiro ir com vocês. — Eu fiz que não com a cabeça atrás dele.

— E que tal você nos dar cobertura? Assim ninguém é suspenso, muito menos você que é um menino tão inteligente... — Sugere Dmitry destacando em voz rouca a última palavra.

— Certo. Tive uma ideia. Vou ficar com os outros alunos e lhes dar cobertura. — Responde Joseph com seu plano plágio.

— Perfeito! — Dmitry e eu exclamamos simultaneamente.

Assim que Joseph nos deixou, seguimos por uma rua diferente.

— Será que a biblioteca funciona? — Perguntei.

— Sim, ela é uma das principais centros históricos da cidade. E contém muito conteúdo sobre a história do local.— Responde.

— Linda, por aqui. — Sussurra Dmitry.

— Eles vão descobrir a gente... — Respondi meio assustada.

— Tudo bem, não se preocupe. Aquela professora é tão maluca que logo ela vai acabar esquecendo-se de nós. — Responde Dmitry sorrindo.

Assim que chegamos abrimos a porta da biblioteca e um som da pequena sineta alertava a visita. Neste mesmo momento a bibliotecária retira os olhos de seu livro e nos observa.

— Posso ajudá-los? — Pergunta voltando os olhos para o livro novamente.

— Sim, claro. — Respondi. — Nós estamos procurando alguns livros que falam sobre a história local da cidade. — Continuei.

— Não vemos visitas há meses, podem acabar de entrar. — Responde a velha senhora levantando-se de sua cadeira.

— Aquela é a estante onde estão todos os livros que falam a respeito da cidade, sugiro cautela e delicadeza. Eles estão um pouco desgastados, a humidade os consome. — Completa a senhora tossindo no final da frase.

— Tudo bem, obrigado pela ajuda. — Responde Dmitry.

— Qualquer coisa estou à disposição, meu nome é Jenny. — Responde a boa velhinha.

— Gostei dela. — Sussurrei.

— Também gostei, ela é um doce de pessoa... — Responde o Dmitry.

— É, há muito trabalho pela frente. — Respondi apontando para a montanha de livros.

Um livro em especial me chama a atenção. Ele era grande e pesado, pude perceber ao pegá-lo.

— Vou começar por esse. — Indaguei.

— Certo, e eu por esse. — Responde Dmitry erguendo um pequeno livro. — Fragmentos Históricos Municipais. — Completa.

Livro vai e vem, viramos páginas, olhamos imagens, pegamos mais alguns livros e nada. Já haviam se passado trinta minutos que estávamos ali e nada de encontrarmos algo sobre Rosfox.

— A Peste de 1860. — Pronuncia Dmitry fazendo-me retirar os olhos do livro que eu lia.

— Deve conter informações sobre a indústria de Rosfox. — Responde aproximando-se dele.

— Acredito que sim.

*[...] Após o surto da pior epidemia de uma doença fatal, habitantes da então cidade de Gloryville tiveram que abandonar suas casas e a cidade depois da perda de quase oitenta por cento da população. Quase depois de trinta anos, não se pôde recuperar nem um terço dos habitantes, todos haviam ficados traumatizados e jamais conseguiriam voltar ao centro do inferno.*

*Hoje a cidade perdida ganhou um novo nome. Lostville.*

*E é apenas uma cidade esquecida no mapa tentando ganhar seus então amaldiçoados habitantes. [...]*

— Sabemos sobre a doença. Mas nada encontramos sobre Rosfox. — Indaga Dmitry.

Não havíamos encontrado nada. Rosfox realmente existia? Ou não passava de mais um suposto enigma?

A única maneira de descobrir isso era perguntando à então senhora bibliotecária.

— Senhorita Jenny. Temos uma dúvida. Acreditamos que a senhora possa nos ajudar. — Respondi ao chegar perto do balcão.

— Bom, espero que meu conhecimento seja suficiente. Podem perguntar o que quiserem. — Responde ela balançando as mãos.

— É sobre Rosfox! — Exclama Dmitry.

Ela para e pensa por alguns segundos. — Esse nome me é familiar. — Responde.

Como se estivesse lembrado ela estala os dedos. — Sim, a indústria de Rosfox. — Completa ela.

— O que vocês gostariam de saber? — Pergunta.

— Bom, há um tempo meus pais haviam trabalhado lá. E houve um acidente, acho que um incêndio. — Respondi engolindo a dor.

— Não, não... Não é possível. A indústria de Rosfox foi apenas um projeto da cidade para dar empregos aos seus habitantes, mas nunca saíra do papel. — Completa ela fazendo-me respirar fundo.

— Então a indústria de Rosfox não existe? — Pergunta Dmitry.

— Exatamente querido jovem. Chegaram a construir, mas nunca abriu as portas, e depois da peste aquele local ficará fechado para sempre. — Responde a velha rindo.

— Obrigado pelas informações senhorita Jenny, foram muito precisas. Mas temos que ir agora. — Respondi.

— Você não quer saber mais nada sobre Rosfox. — Pergunta Dmitry.

— Não é necessário. Já recebi informações suficientes.

— Obrigado pela visita. Jovens como vocês me deixam mais feliz... — Agradece a senhora.

— Nós que agradecemos. — Dmitry responde.

Saímos.

Eu estava com dúvidas, minha mãe havia mentido para mim, ou ela não sabia a real história sobre a morte de meus pais. Eu estava totalmente sem chão depois do que soube e esconder uma dor eminente para o Dmitry era impossível.

— Sua cara não é nada boa. — Ele responde.

— Isso significa que seus pais não morreram no suposto acidente de Rosfox. — Completa ele.

— Tudo não passou de uma mentira! Qual o motivo para ela ter me enganado Dmitry? — Perguntei.

— Eu sinto muito Lindsay. Você quer continuar a investigação? — Pergunta ele.

— Não. Vamos voltar ao grupo. — Sugeri.

— Se você quer desta forma, será. — Responde Dmitry me abraçando.



Não tivemos dificuldades para localizar o restante dos alunos, afinal, eles estavam vindo para a biblioteca. Dmitry e eu só aguardamos atrás de uma mureta para quando eles passassem a gente pegasse carona na multidão e fingir que nada havia acontecido.

—Eu sinto muito Linda. — Dmitry segura em minha mão.

—Tudo bem... Eu estou bem. — Sorri tentando disfarçar. Mas o que eu sentia era forte o bastante para guardar no peito.

\*\*\*

O grupo havia chegado à biblioteca central de Lostville e havíamos se jogado no grupo, fazendo Joseph abri um grande sorriso de alívio. Não demoramos muito em Lostville e antes que o Sol se pôr já estávamos a caminho de Osbrück.

## Capítulo Nove

É claro que eu não ia falar nada para minha mãe. Não estava com raiva dela, apenas um pouco decepcionada. Afinal, mentir para um filho não é uma das melhores formas de educá-lo.

Não sabia mais se poderia contar com o Dmitry para minhas investigações. Estava expondo ele de mais a informações pessoais, e não queria que ele descobrisse comigo algum podre sobre minha família. Então a partir deste momento eu não ia contar a ajuda dele.

Estava disposta a recomeçar minhas investigações sozinha e nada melhor do que fuçar nas coisas da mamãe. Coisa que eu jamais faria, por respeito a ela. Mas, depois de estar cansada de ser a menina adotada que não sabe nada sobre os pais. Decidi mudar.

\*\*\*

Na manhã seguinte minha mãe estava olhando alguns papeis, concentrada de mais para perceber minha presença. Eu cheguei por trás dela cautelosamente. Aproximei-me por trás do sofá e sussurrando disse:

— O que você tem ai senhorita Kalicies?

— Filha! Que susto...

Ela responde.

— Que papelada é essa mãe? — Perguntei ao perceber os papeis.

— São alguns papeis que separei para o Dr. Antonin. Ele vem nos visitar amanhã à tarde. — Completou.

— Você não havia me dito. — Respondi. — Eu havia me esquecido. — Ela retrucou em resposta.

Dr. Antonin era uma espécie de anjo da guarda e confiante o bastante para minha mãe. Pareciam que eles se conheciam a bastante tempo, e se mãe o chamasse, é claro que ele jamais recusaria o contato, afinal, Antonin também demonstrava bastante interesse nos assuntos de minha mãe. E eu percebia isso. Já não acreditava cem por cento em minha mãe, quem dera no Dr. Antonin.

\*\*\*

Havíamos nos mudado para essa nova casa em Osbrück há pouco tempo. Fazia aproximadamente um ano, mais ou menos. E eu ainda não há conhecia o bastante. Então, vem-me em mente vasculhar o porão a procura de algo que pudesse ser de total interesse a mim. O porão da minha casa era escuro e cheirava a mofo, as coisas ali dentro pareciam ser do século passado. E de fato eu não estava errada. Essa foi a única parte da casa em que minha mãe não mexeu. Desci as escadas lentamente. Estava escuro, e eu temia pisar em algo, e isso não seria uma coisa muito legal, afinal, eu estava de pés descalços.

Avistei um baú no canto, debaixo de algo que parecia uma mesa, de certo modo ele sempre esteve ali, a poeira que o encobria o julgava estar intacto há alguns anos. Essa antiga casa pertencia a uma velha tia distante da família Lüscher, ela foi herdada por minha mãe Victória há algum tempo atrás, só que apenas hoje, depois de cinquenta anos, ela descobriu que haviam passado a casa para seu nome, num antigo testamento. O interessante desta história toda é que Victória não pertence à família Lüscher, o que me deixa mais confusa. Ela nunca se pronunciou a respeito, apenas me disse que mantinha uma amizade muito forte com um parente distante da família.

Não tive dificuldades para abrir o baú, seu cadeado estava aberto e isso me deu acesso rápido. Dentro do velho artefato havia cartas, poemas, algumas moedas, livros e várias outras coisas, já lá no fundo,

encontrei uma caixinha misteriosa... Ela era bem pequena do tamanho da palma da minha mão, o que realmente me dava mais motivos para chamá-la de pequena. Ela também tinha uma fechadura que me impedia de abri-la. Tentei procurar a chave que me pudesse dar à honra de ver o que tinha dentro da caixa. Procurei dentro do baú todo, mas não a encontrei, há não ser mais papéis e outras coisas antigas. Então procurei a chave pelo porão inteiro, só que não consegui achá-la, cansada desisti e decidi levar a pequena caixa para meu quarto.

A noite estava chegando. Já estava pronta para dormi, fui para meu quarto, e minha mãe ficou na varanda.

Eu me deitei na cama e fiquei observando a caixinha, então acabei pegando no sono e dormindo.

— *Lindsay... Lindsay...*

Uma voz feminina falava repetidamente meu nome.

Sim, era outro misterioso sonho.

Sonhei que caminhava por uma estrada sombria e escura. Não conseguia enxergar o que estava a minha frente. O sonho era agonizante. Apesar de o sonho ser estranhamente diferente, eu me sentia bem. Aquela voz sussurrava suavemente em meu ouvido. Seria um anjo? Acreditava que sim, pois ela me acalmava com sua voz suave e acolhedora.

— *Lindsay... Livre-se do colar de Unbekannt. Aconselho-lhe a destruí-lo antes que ele a destrua.*

Disse lentamente aquela voz.

Por mais que eu tentasse responder ou ver algo a minha frente, só me deixava mais congelada. Tinha total certeza que era um sonho, tentei acordar, mas não consegui. Era como se eu estivesse presa. Como eu havia dito, conseguia ouvir e sentir tudo que estava ao meu redor, porém era quase impossível de se mover.

— *Destrua-o!* — Exclamou a voz, mas desta vez. Assustadoramente...

— Droga! — Exclamei acordando do pesadelo.

Era bom de mais para ser verdade. — *Mais um pesadelo para coleção de mistérios da Lindsay.* — Pensei.

Ainda estava agitada, e olhando para caixa me perguntei. Quem ou o que é Unbekannt?

Quando imaginava que só começava minha jornada por buscar de resposta sobre minha família. Aparece de cortesia um novo mistério. O COLAR DE UNBEKANNT.

\*\*\*

Na manhã seguinte acordei muito bem. Estava disposta a descobrir o mistério de Unbekannt. Peguei a pequena caixa e tentei abri-la de qualquer jeito, até mesmo de um modo forçado, só que todos os meus esforços foram em vão, pois ela parecia estar protegida por uma espécie de magia além da realidade. Desci as escadas correndo até o porão para ver se eu poderia encontrar algo que pudesse abri a pequena caixinha, procurei dentre várias coisas, só que nada de encontrar chave alguma. Pensei até que talvez não existisse mais a tal chave.

Revirando o baú decido ver o que estavam escrito naqueles velhos papéis e dentro de um envelope havia encontrado a chave. Mas será que era a que eu estava procurando?

De fato, eu não estava equivocada.

Ela simplesmente abriu, mas para minha tristeza e decepção a caixa estava vazia.

Vóltei para meu quarto peguei e coloquei a caixinha dentro do meu baú e tranquei. Enquanto descia as escadas para ir à cozinha senti uma forte dor de cabeça, que por incrível que pareça, começou a doer do nada. A dor era insuportável.

Sentei no degrau no meioda escada e tentei chamar minha mãe. Só que eu não conseguia pronunciar nenhuma palavra.

Depois de mais ou menos uns cinco segundos agonizantes, a dor desapareceu assim como se manifestou.

Com a mão na cabeça cheguei até a cozinha.

Minha mãe estava preparando o café-da-manha.

— O que foi minha filha, esta com dor de cabeça?

Não queria preocupá-la então disfarcei

— Não foi nada mãe! Está tudo bem..

Por mais que eu não estivesse bem mesmo, não queria deixar minha mãe mais preocupada do que ela já estava com os problemas financeiros.

— O café está pronto e estou indo à cidade para resolver algumas coisas, gostaria que ficasse cuidando da casa. — Ela pronunciou saindo pela porta da frente.

—Novidade. —Sussurrei.

— Tudo bem mãe, a senhora não vai se decepcionar. — Respondi em resposta.

Assim que terminei meu café-da-manhã eu fui para o pomar colher alguns legumes para o almoço.

Sai pelos fundos da casa, e em passos devagar andei até lá. Naquele instante notei que havia um homem me observando de baixo de uma árvore a mais ou menos trinta metros de distância de mim. Eu fingi que não o vi, peguei uma roupa do varal para disfarçar e entrei em casa novamente.

Tranquei todas as portas e janelas. Quando de repente...

Alguém bate na porta...

Eu estava parada na sala e não sabia o que fazer na situação bizarra e assustadora.

Caminhei lentamente até a porta... Meu coração estava muito acelerado, batia tão rápido que não parecia que estava pulsando.

Seguro a maçaneta e giro a chave suavemente na intenção de abri-la.

Quando eu finalmente abri...

— Ufa! — Suspirei em alívio.

Era apenas o Dmitry.

— O que foi Linda parece que você viu um fantasma. — Ele afirmou rindo da situação.

— Você quase me matou do coração. — Resmunguei.

— O que estava fazendo? Pensei que não houvesse ninguém em casa. — Perguntou já entrando e sentando-se no sofá.

— Minha mãe saiu e eu fiquei sozinha, e quando fui lá fora eu vi um homem parado olhando para mim. — Respondi.

— Então quer dizer que a mamãe saiu e a criancinha ficou em casa, com medo dos vizinhos curiosos? — Ele retrucou ironicamente.

— Deixe quieto! — Respondi.

Não contar mais com o Dmitry para minhas investigações eu tinha prometido. Mas não poderia cumprilas, pois depois desse novo mistério de Unbekannt eu pensei em talvez contar para o Dmitry a história toda, ele poderia me ajudar de alguma forma. Pois sabia que ele conhecia muita coisa e talvez pudesse saber algo sobre o tal colar.

Servindo-lhe um pouco d'água comecei...

— Dimi, há uma coisa que gostaria de saber?

— E suponho que você acredite que eu tenha a resposta... — Ele responde.

— Exatamente! — Respondi.

— É sobre algo chamado de Unbekannt. — Continuei.

Ele regurgitou a água e com os olhos arregalados me perguntou. — Onde você ouviu falar do Colar de Unbekannt?

— Espera. Eu não falei de colar... — Respondi.

Ele ficou um pouco nervoso, mas em seus olhos a verdade estava por vim.

— É uma lenda antiga. Unbekannt seria uma pedra poderosa de um grande mago. Para disfarçar os poderes que existiam no objeto mágico, o mago criador, decidiu transformá-la em um colar diferente, assim, passou a se chamar de colar de Unbekannt. Mas há séculos ele está desaparecido...

— Como você sabe sobre essa história? — Perguntei sem medo da resposta.

— Aprendi por aí, com os mais velhos... — Foi sua resposta.

Acreditei na história contada por ele, mas tinha absoluta certeza de que o que ele acabara de falar, era a mais pura distorção da verdade.

— Dimi, há várias coisas acontecendo comigo ultimamente e, eu gostaria que as pessoas fossem um pouco mais verdadeiras comigo.

Ele arfou e como previsto pronunciou;

— Coisas? Que tipo de coisas?

— Visões, sonhos, pessoas... Dmitry. Preciso descobrir quem sou. — Respondi.

— Lindsay, mexer no passado pode ser perigoso. Às vezes, certas coisas jamais deveriam ser descobertas. Sei como você se sente. Sei o quão você se sente arrependida e sozinha com tudo isso e a respeito da morte de seus pais. Eu realmente sinto muito. — Ele completa.

O que deveria fazer? Continuar com tudo isso ou fingir que nada aconteceu e seguir minha vida pacata?

— Você precisa me ajudar... — Sussurrei.

Ele olhou no fundo dos meus olhos e levantou-se do sofá.

— Vou lhe ajudar Lindsay. Você tem razão. Somos muito parecidos. — Foi sua resposta.

## Capítulo Dez

Dmitry parecia entender minha parte e estava mobilizado com minha história. Sabia que ele me ajudaria a descobrir algumas respostas.

— Onde você ouviu falar do colar de Unbekannt? — Ele pergunta.

— Na verdade foi em um sonho. Os mesmos que venho tendo há algum tempo. — Respondi.

— Isso é estranho. — Responde.

— Não sei muito sobre o Colar de Unbekannt, mas o pouco que sei é que o Colar é muito perigoso e que você deve esquecê-lo. — Completou.

— Como você soube do Colar? Quem lhe contou essas histórias? — Perguntei confusa.

Ele parecia um pouco desconfortado com todas as perguntas.

— Lindsay, preciso que você saiba de uma coisa. — Ele responde aproximando da janela.

— Estou pronta para ouvir. — Respondi sem me levantar do sofá.

— Certas coisas também aconteciam comigo. Quer dizer... Ainda acontecem... — Ele responde olhando fixamente em meus olhos.

— Você pode confiar em mim. — Lhe assegurei.

— Sei que posso. — Ele aproximou-se de mim.

— Lindsay. Eu sempre fui uma pessoa sozinha... Não tinha muitos amigos ou alguém que me ensinasse as coisas boas e ruins da vida. Eu simplesmente aprendi sozinho. — Completa.

Enquanto ele abria o seu coração para mim, uma lágrima correu pelo seu rosto. Sabia que suas palavras eram verdadeiras e que tudo que ele falava era a verdade. Suas palavras me comoviam. Erámos realmente parecidos, como duas almas que num impactante instante se reencontram novamente.

— Meu pai sempre ocupado com o trabalho... Via em você algo que me chamava mais que a atenção. Você é especial Lindsay.

— Obrigado por confiar em mim. Eu sinto que posso confiar em ti também.

Abraçamo-nos e sentimos um no outro o quanto erámos verdadeiros e únicos.

— Há um livro em minha casa que meu pai sempre cuidou. Até mesmo mais que mim. Nunca pude tocar nesse livro. Nunca soube o que tinha nele. — Compartilhou.

— Sempre quis saber quem eu era e como mudar, como ser uma pessoa melhor, e depois que eu descobri e aceitei isso, eu simplesmente mudei. — Continua.

O que precisávamos era de apoio mútuo. E eu estava disposta a isso.

Poderia confiar meus segredos ao Dmitry e ele me confiar os deles. O que nos restava agora era apenas questão de confiança.

Quem eu era? E como poderia mudar? Eram as perguntas que me foram concedidas. Agora, teria a missão de descobri-las.

## Capítulo Onze

Sugeri para o Dmitry irmos até sua casa tentar achar o livro...

— Isso é loucura. — Responde ele rindo da minha sugestão.

—Se no livro você descobriu quem você era. Talvez no mesmo eu pudesse...

—...descobrir quem você é... —Ele completou sussurrando.

—Quem realmente você é? —Completei.

Ele deu um passo atrás e com a mão na cabeça parecia nervoso em me dar uma resposta plausível.

—Sou a pessoa mais sortuda do mundo, por ter a amiga mais legal de todas. —Ele tentou disfarçar.

Mas a maneira que ele falava fazia qualquer um acreditar em suas palavras.

—Tenho medo de quem eu sou... —Ele completou.

— Uma coisa que aprendi durante minha pequena experiência na vida, é que os medos só existem porque nós os deixamos habitar nossas mentes. — Respondi com convicção. Foi o bastante para encher seus olhos de lágrimas e reagir...

— Vamos procurar o livro...

— Sabia que poderia contar contigo, você é como um anjo querido Dimi. —Respondi lhe retribuindo com um carinhoso beijo no rosto.

— Será uma tarefa árdua. — Ele respondeu com firmeza, mas sua expressão de preocupado e assustado predominava.

Seguimos até sua casa. Enquanto íamos imaginava na enrascada que havia colocado o Dmitry. Se o pai dele descobrisse nossa amizade correria o risco de acabar para sempre.

Quando chegamos, vi uma senhora saindo de sua casa. Quando ela passou por mim, olhou fixamente no fundo dos meus olhos. Era como se ela me conhecesse de algum lugar. Eu simplesmente abaixei a cabeça e sentei na varanda da casa dos Vuotchk.

— Linda você não se importa de ficar um pouco ai, enquanto eu vou lá dentro ver o que eu posso fazer?

—Dmitry disse.

— Tudo bem. — Respondi.

— Você não vai me convidar para entrar? — Perguntei.

— Deixa só eu arrumar algumas coisas bagunçadas. — Ele respondeu.

— Tudo bem, de novo. Vou sentar aqui e esperar o tempo que for.

Dmitry entra em sua casa, e eu fiquei a aguardar.

Aqueles minutos eram eternos, parecia que eu estava esperando há horas, para não dizer dias de espera. Eu pensava de tudo, achava que talvez ele pudesse ter encontrado outra coisa e esquecido de mim ou talvez tivesse morrido arrumando a bagunça de seu quarto. Eram mil e uma ideias que vinha a minha mente. Quando eu me levantei para espiar pela janela, Dmitry pronuncia meu nome.

— Linda...

— Dimi, é você? Onde você está? — Perguntei.

— Aqui, embaixo... — Respondeu.

Dmitry estava no porão de sua casa, tinha uma janelinha na parede lateral, assim como os porões tradicionais.

— Você tem que entrar por aqui. — Disse ele.

— Como? — Perguntei meio confusa.

— Confia em mim. — Respondeu.

— Certo. Minha primeira visita a sua casa e eu tenho que entrar pela janela do porão. — Resmunguei.

Ele riu. Mas logo ficou sério de novo.

— Segure-se. Cuidado... Apoie-se aqui...

— Tudo bem Dimi eu não vou cair... — Respondi já com quase sessenta por cento do corpo para dentro da casa e rindo do nervosismo dele.

Assim que consegui entrar vieram em mente algumas lembranças de meus sonhos, ou melhor, pesadelos.

— Tudo bem Linda? — Pergunta Dmitry ao perceber.

— Estou um pouco impressionada. Seu porão muito bem organizado. Parabéns. — Disfarcei.

— A proposito. Quem era aquela senhora que encontrei lá fora? — Completei.

— Senhorita McPhay. Ela quem cuida de mim. — responde Dmitry.

— Ela é do bem. Só é meio quieta e na dela. — Completa.

— Quando você diz que ela é do bem, o que você quer realmente dizer? — Perguntei.

— Que ela é do bem... Não é mal, como algumas madrastas e cuidadoras. — Responde ele abrindo uma porta que havia em nossa frente.

— Vem. — Completou pedindo para eu entrar.

— Você não havia me falado de sua madrasta. — Perguntei.

— É que ela não é de fato mulher de meu pai. Mas considero-a como minha segunda mãe. Pois ela sempre esteve comigo. — Respondeu.

O papo estava bom, mas foi cordado por um pequeno grito, ou gemido. Acreditem, era o meu.

— O que foi Lindsay?

— Desculpa. É que me assustei com aquilo. — Respondi apontando para um animal empalhado. Era um veado. Quer dizer, parte dele. Era só a cabeça mesmo.

Dmitry não conteve o riso. — Tudo bem... Meu pai gosta desse tipo de “decoração”. — Responde destacando a última palavras com um gesto de aspas com os dedos.

— Sorte que não era um urso. Tenho medo de ursos. — Respondi fazendo-o levantar um sorriso.

— A onde estamos indo? — Perguntei ao dobrarmos para outro corredor.

— Estamos indo a biblioteca. — Respondeu ele.

— Vocês tem uma biblioteca? — Perguntei empolgada.



— Sim, aqui esta ela. — Responde abrindo a porta de mais um cômodo.

Não era uma grande biblioteca, mas tinha uma enorme quantidade de livros. Eu gostava de livros e era como se eu já estivesse familiarizada com o local.

— Não sei se o seu pai guardaria o tal do livro numa biblioteca. Seria obvio de mais. — Me manifestei.

— Eu concordo. Mas, uma vez eu vi meu pai entrando aqui com o livro assim que entrei em seguida ele havia desaparecido. — Ele responde com convicção.

— Acredito que meu pai não seja uma espécie de magico. Então. Suponho que nessa biblioteca haja uma passagem para algum local. — Completa ele.

— Isso faz sentido. — Pronunciei.

— E como acharemos essa suposta passagem secreta? — sussurrei.

— Mexendo em todos os livros? — Ele sugeriu.

— A proposito, como seria o tal do livro? — Perguntei colocando a mão em um livro da estante.

— Ele é bastante grande. — Completa.

Numa questão de segundos Dmitry grita como se tivesse ganhado um jogo.

— Como este! — Levanta o livro com as duas mãos.

Mas era muito fácil para ser verdade. Alguém estava chegando, ele pediu para que eu saísse rapidamente do local. Eu não pensei duas vezes em abrir a porta e correr rumo à saída.

\*\*\*

Já estava fora da casa, mas esperava o Dmitry aparecer.

Já haviam se passado alguns minutos quando de repente.

— Linda! Segura... — Exclama o Dmitry me alcançando o livro pela janela do porão.

No momento que minhas mãos entram em contato com o grande livro, várias imagens que não fazia sentido passaram perante meus olhos. Eram pessoas, cores, cheiros e o que não fazia sentido, sangue. Dizem que quando estamos morrendo, nossa vida passa de relance diante de nossos olhos. Mas, não estava morrendo ou pelo menos era o que eu acreditava.

— Linda. Vá para sua casa e leve o livro consigo. Logo mais eu estarei lá.

Disse Dmitry saindo da janela.

Corri para casa segurando o livro com todas as minhas forças, como se ele fosse algo muito precioso para o Dmitry.

Após chegar à minha casa, subi para meu quarto. Minha mãe ainda não havia chegado o que era ótimo.

Coloquei cuidadosamente o livro em cima do criado-mudo e me sentei na cadeira. Fiquei observando e então o abri. Na primeira página do livro tinha um desenho estranho, assim como a capa do mesmo. Eu não conseguia entender esse desenho, parecia com uma mão ou árvore ao mesmo tempo. As folhas do livro estavam um pouco desgastadas, e exalavam um perfume conhecido. Eu já tinha sentido aquele cheiro em algum lugar, mas não sabia onde.

“стократно сжигания” (Cem vezes mais ardor). Esse era o suposto título do livro que estava escrito manualmente em uma língua diferente. Parecia Russo.

Olhei o estranho livro, folha após folha, não conseguia encontrar nada que falasse sobre a família Vuotchk. Decidi adiantar e olhar logo a última folha. E encontrei um nome feminino.

— Evelinn! — Eu sussurrei.

Estava escrito simplesmente assim, não tinha mais nenhuma informação. Por um momento eu imaginava que ela poderia ser a autora do livro, mas eu estava totalmente equivocada.

— Minha bisavó! — Dmitry exclamou atrás de mim.

Não pude disfarçar o susto que havia levado. E perguntei meio confusa e assustada com a situação.

— Por onde você entrou?

— Pela porta! Você a deixou aberta... —Ele respondeu.

— Bisavó? Não me admira que o livro seja tão velho. — Respondi em um tom de brincadeira.

— Nossa você tem senso de humor bastante amplo. — Ele respondeu fingindo esconder um sorriso.

Aproximadamente mil páginas e nada de informação. Então pedi para que Dmitry procurasse para ver se talvez pudesse achar algo ou lembrar-se de alguma coisa.

—O que você descobriu no livro? —Perguntei.

—Não muita coisa, é a segunda vez que ponho minhas mãos nele. A primeira vez me deixou em uma grande enrascada. —Ele completou.

—Então vamos descobrir juntos... —Indaguei.

Ele pegou o livro e começou a procurar, nada ele encontrou. Então com as mãos na cabeça apenas se manifestou.

— Folheei praticamente todas as folhas e não achei nada que pudesse falar sobre Unbekannt. —Ele respondeu.

O livro parecia mágico. E suas informações eram difíceis de serem descobertas.

Passei minha mão esquerda cuidadosamente sobre o livro e puxei uma fita vermelha que separava algumas páginas marcadas.

— U.n.b.e.k.a.n.n.t. —Soletrei sussurrando.

Quando eu terminei de pronunciar a última letra, as folhas do velho livro que estava aberto em cima do criado-mudo começaram a passar rapidamente. Naquele momento imaginei que poderia ser o vento, mas olhei para a janela e a mesma estava fechada. Eu e Dmitry sentimos um arrepio simultaneamente.

— Sentiu isso? — Ele perguntou.

— Sim, eu senti... — Respondi.

O livro parou em uma página onde se podia ver um colar, ele era incrível! Parecia ser de ouro, tinha uma pedra cor de violeta como decoração. Notava-se que assim como o livro o colar também era de extrema magia.

Então Dmitry e eu nos aproximamos do livro na intenção de ler o que estava escrito, tivemos uma enorme surpresa. O livro estava escrito em um idioma desconhecido para nós. Eu não me admirei.

— Que idioma é esse? Você consegue identificar Dimi? —Perguntei para confirmar.

— Sim, está escrito em russo. A língua de minha família. —Responde ele.

— *Supimpa!* — Pensei.

— Consegue entender algo? — Perguntei.

— Eu não entendo muito bem o russo, minha família deixou de falar a um bom tempo. Mesmo praticando de vez em quando, eu acho complicada de entender. — Responde.

— Deve ser o Colar de Unbekannt. — Ele sussurrou e olhou para mim.

— Qual a relação da minha família com a sua? — Perguntei.

Encontrei-me em uma tempestade de duvidas, e o Dmitry aparentava mais confuso ainda.

— É isso que devemos descobrir... — Responde.

## Capítulo Doze

DESENTENDIMENTOS SÃO NORMAIS.

Dmitry estava disposto a descobrir quem ele era, e por incrível que pareça, minha família parecia ter uma relação diferente e desconhecida com os Vuotchk. Ele se concentrou e começou a ler algumas palavras e frases bem baixinhas:

*“A magia dos dois mundos estão sendo quebradas. O Colar de Unbekannt é a chave para unir-se novamente à luz e as trevas. Desde exato milênio, Bruxos e Vampiros não poderão ficar juntos, serão castigados com uma maldição mortalos que tentarem modificar essa lei irrevogável”.*

Enquanto Dmitry ia lendo uma forte intuição fez me lembrar do papai.

A ausência de sua presença na minha infância me afetou fortemente. Eu não tive uma vida normal como as outras crianças, a falta dele me afetou o suficiente para eu ficar paranoica e doentia por respostas.

— Você está indo muito bem... — Incentivei.

Sentei-me na cama para poder ouvi-lo.

*“A traição dos vampiros lhe renderam uma maldição. Todos aqueles que tiverem relações com bruxos novamente ficaram enfeitiçados. Sua sede não poderá ser saciada nem a sede de seus filhos primogênitos. Aquele que experimentar o sabor do sangue animal. Morrerá envenenado pelo próprio prazer”.*

— Isso deve ser uma lenda antiga, certo? — Perguntei confusa. Dmitry não queria continuar. O silêncio reinava e em seus olhos pude ver sua insanidade.

— Dimi você está bem? — Perguntei.

— Agora eu entendo... — Sussurra.

— Entende o quê? — Perguntei levantando-me da cama.

— Meu pai, ele mentiu para mim. — Foi sua resposta.

— *Você não foi o único.* — Pensei.

— Essa maldição, essa história de bruxos e vampiros é uma lenda? — Perguntei freneticamente louca por respostas.

Olhei para o livro e para o Dmitry formulei minha última pergunta:

— Sua família pertence a alguma clã de bruxos?

Dmitry olhou para mim com uma cara de assustado e com uma resposta que parecia convincente manifestou-se

— Não...

— Linda! Bruxos e Vampiros não existem... Minha bisavó era escritora e... Todas essas estorinhas de outro Mundo eram coisas inventadas por ela para poder contar para seus filhos e netos para que os mesmos não saíssem de casa a noite. — Completou.

Por mais que eu acreditasse nessa sua tese, via em seus olhos que ainda restavam dúvidas.

— Chegamos aonde chegamos para você me falar que isso não passa de estórias infantis? — Perguntei.

— Não era o que a senhorita queria ouvir? Você não havia me questionado se as histórias eram reais ou não? Quer saber... Isso não importa Lindsay. Isso tudo não passa de um grande mal entendido, eu não deveria ter trazido esse maldito livro para cá e nem confiar meus segredos a você... — Ele desabafou, mas não sabia o quão suas palavras me machucavam...

Estava chocada o bastante para poder responder.

E ele, confuso o bastante para não continuar com aquilo.

— Eu preciso ir... — Diz ele pegando o livro e saindo do quarto.

Ele não ouviu minha resposta. Não havia respostas.

Já não sabia em quem acreditar, eu estava com medo, dúvidas, e sem amigos pelo visto.

Eu era o tipo de pessoa que acreditava em um Deus e não acreditava em Bruxos, Vampiros ou qualquer outra coisa que andasse nas escuridões frias de Osbrück e região. Minha tese era; os únicos monstros ou seres do mal que pudessem fazer mal éramos nós mesmos, humanos.

Depois de alguns casos ridículos que soube. Eu não tinha medo de afirmar.

Minha mãe havia chegado. Eu a observei da janela e senti o quão precisava dela. Mas, necessitava saber de algumas coisas. Talvez se eu perguntasse, ela poderia me responder.

— Você está bem querida? O que aconteceu? — Perguntou minha mãe sentando-se junto a mim na cama.

— Parece que o Dimi não quer ser mais meu amigo. — Respondi.

— Não pense assim filha. Vocês estão em uma fase da adolescência em que as brigas entre amigos são inevitáveis. E mesmo assim, não significa o fim das amizades. — Ela tentou conformar-me.

— Por que sou tão diferente? — Perguntei.

— Não vejo nenhuma diferença entre você e outras garotas de sua idade. — Respondeu ela logo que terminei a pergunta.

— Talvez eu não mereça amigos, afinal, sou a ruiva estranha que sempre andou sozinha.

— Filha, você sempre foi especial e forte. Uma menininha tão inteligente e astuta via crescer e hoje, vejo uma mulher, uma doce MULHER que não mudou muito. — Respondeu ela fazendo-me sorrir.

— Se ele realmente for seu amigo, voltará a falar com você. — Ela completou.

— Obrigado mãe. — A agradei com um abraço.

Não pude perguntar. Não queria mexer em um ferimento da família, por mais que eu quisesse saber de tudo que aconteceu. A verdade deveria ser dita, esperava ansiosamente que ela pudesse falar sobre meus verdadeiros pais e sobre minha família. Mas ela nunca toca no assunto, e se eu inicio a conversa, ela logo troca e fala sobre outras coisas.

Sempre soube que minha mãe Victória jamais gostou de minha biológica mãe, Lindsay. Segundo ela, alguns desentendimentos acontecerem muitos anos atrás, afastando-a da família. Depois do suposto acidente, ela foi abrigada a ficar comigo, já que eu não teria ninguém, a não ser um tio distante, que fala com animais. Não vejo problema, mas foi assim que cheguei até Victória. Ela me aceitou. Aceitou a filha

de sua irmã distante, não sei se essa é a palavra certa.

Saber que poderia perder meu único amigo me lastimava de maneira vorás.

Se ele soubesse o quão gosto dele e que só queria seu bem, talvez não chegasse a esse humilhante fim.

Da janela de meu quarto pude ver o céu que mudava de cor. Suas nuvens grandes e espessas irradiavam uma cor purpura. Nunca pensei que fosse tão inocente. Deveria ter percebido muito mais cedo. Talvez, eu esteja mudando. Algo em mim está evoluindo. Espero que não possa me machucar ou machucar as pessoas que tanto amo.

## Capítulo Treze

Um suave som agudo adentrava meu ouvido. Acordei com o zumbido que cada vez ficava mais intenso. Minha cabeça doía, ou melhor, latejava. Eu estava muito fria. Vou até a janela do meu quarto e de alguma forma eu via anjos voando. Temia estar louca. Talvez fosse um sonho. Mas antes que eu descobrisse uma tontura me toma e eu vou ao chão.

Acordo em meio a uma cama de hospital. Não conhecia o local e não me lembrava de nada. Isso fez meu coração pulsar aceleradamente de medo. No mesmo instante o Doutor Antonin entra na sala e com uma expressão nada agradável pronuncia. —Lindsay. Que bom que você despertou. Lembra-se de alguma coisa...—

—Não me lembro de muita coisa. Mas sinto uma leve dor na cabeça. O que houve Dr. Antonin? Cadê minha mãe? —Perguntei olhando em volta.

Ele vira-se e senta em uma cadeira. —Não se preocupe. Ela chegará em breve. —Ele responde.

—Descansa mais um pouco Lindsay.

—*Como cheguei aqui?*—Me perguntei.

Realmente não me lembrava do ocorrido, porém, sabia que envolvia meu problema.

No mesmo instante minha mãe entra no quarto e me abraça fortemente. Nunca havia visto ele daquela maneira. Ela parecia assustada e eu, claro. Não conseguia esconder a preocupação também.

—O que houve mãe? —Perguntei tentando levantar-se da cama.

—Acalme-se querida. Você teve outro desmaio.—Ela responde.

—O que há de errado comigo? —Perguntei sem conseguir segurar as lágrimas.

Antonin olha para minha mamãe. Os dois trocaram olhares longínquos.

—O que há de errado comigo? —Perguntei novamente.

Só que desta vez num tom de voz mais alto.

— Ah Lindsay, o inevitável chegou. E é difícil te falar... —Diz Antonin aproximando-se de mim.

—Há algo que você precisa saber. Mas não sei se esse é o melhor momento. —No fim de sua última palavra direcionada a mim. Minha mãe caiu em pranto.

—Eu estou lúcida. Por favor, eu quero saber o que está acontecendo comigo... —Respondi mais uma vez.

—Não, não, não... —Responde minha mãe loucamente.

—Eu preciso saber... Por favor... —Respondi engolindo o ar seco.

Antonin respira fundo e gaguejando pronuncia.

—Lindsay.. Você vai morrer.

O som daquelas palavras me tocara tão violentamente que achava que poderiam me rasgar. Havia entendido. Mas já não me restava palavras para poder perguntar e confirmar o que eu havia ouvido.

Eu ia morrer. Isso eu sabia. Só que agora teria prazo.



## Capítulo Quatorze

Uma inesperada notícia mudaria toda minha vida...

— Lindsay, você sofre de uma rara doença chamada de vampirismo. Você sentirá sede por sangue. Mas o sangue é venenoso para seu sistema. — Diz Antonin como se fosse o assunto mais normal do Mundo.

— Eu estou sonhando...Eu estou sonhando...Eu estou sonhando...—Surtei.

Doutor Antonin tentou me segurar e acalmar-me. Só que foram necessários três enfermeiros para controlar-me naquele súbito momento.

Antonin injeta com uma seringa um liquido em meu braço o que faz acalmar-me e ficar sonolenta.

\*\*\*

Já era noite. Quando despertei de um sono nada agradável, vi minha mãe deitada perto de minha maca. Ela estava dormindo. O silêncio do quarto foi cortado ao escutar um enorme trovão. Uma tempestade havia chegado.

— Lindsay. —Pronunciou minha mãe me fazendo retirar os olhos da janela.

—Preciso ir para casa.—Arfei.

—Claro querida. Assim que você se recuperar melhor.—Responde minha mãe apertando minha mão.

—Já estou recuperada. —Retruquei.

—Eu sinto muito minha filha. Farei o possível para que tudo dê certo.

—AMorte não tem solução mãe!—Respondo.

—Se vou morrer. Preciso ver as pessoas que amo antes que seja tarde.—Completo.

—Te entendo filha. Sei a dor da perda. —Responde minha mãe com os olhos cheios de lágrimas.

—Me leva para casa. Preciso ficar sozinha.

Uma enorme melancolia toma conta de mim, eu soava depressiva e mal compreendida. Tentava entender o que estava acontecendo comigo, mas cada vez que eu fazia isso me vem uma lágrima.

Antonin concordou em levar-me para casa. Afinal, a única coisa que restava naquele momento era me agradar.

Minha mãe procurou pelo Dmitry, mas não o encontrou na cidade. Era o pior momento para ficar de mal de um amigo, e agora que eu precisava tanto dele.

Queria desabafar com alguém que pudesse me dar ouvidos. Então mandei a mamãe chamar o Dr. Antonin.

Não queria perguntar a minha mãe coisas que ela pudesse ficar magoada ou que me fizessem mal.

O Dr. Antonin era inteligente e me aparentava saber de bastante coisa. Se ele começou com esse assunto ele levará até o fim.

De alguma maneira eu estava bem, desci as escadas e fui até a sala de estar onde ele já me aguardava.

—Olá, Dr. Antonin. —Pronunciei.

— Lindsay. —Ele me abraçou.

—Vou deixá-los a sós. —Diz minha mãe.

—Tudo bem. —Responde Antonin.

—Bom, o quê você quer me dizer? —Completa a perguntar.

—Talvez eu não tenha nada a dizer... —Foi minha resposta.

—Talvez você tenha algo a me dizer. Mas... Quero que seja franco e, por favor, sem argumentos...—  
Completei.

— Lindsay, há muito tempo. Um casal apaixonado cometeu um crime por loucura momentânea. Só que esse crime, soou tão intensamente que ele repercutiu por muitos e muitos anos... —Ele para e parecendo tentar lembra-se, continua.

—...há maldade nesse Mundo. E esse mal, jamais aceitou o Amor. A vingança também está presente, e com ela nossos maiores pesadelos tornaram-se reais... Preciso que você acredite em mim. Preciso que seja aberta para o que eu falar.

Eu me aproximo dele e com minhas mãos sobre a dele, respondo.

—Eu nunca fui tão feliz em toda minha Vida. Eu gostaria de entender. E estou disposta a saber...

—...Há muito e muito tempo. Bruxos e vampiros dominavam a terra. A ganância, o ódio, o horror e a maldade sempre fizeram parte deste Mundo, por isso éramos tão temidos...

—Éramos? —Perguntei sobre uma nuvem de dúvida.

—Você acredita em magia? —Pergunta Antonin.

—Depende da magia... —Foi minha resposta.

—Magia do Amor, magia do bem... —Ele conclui.

— Lindsay, eu sou uma espécie de... Humano... Eu pertenço a uma nova sociedade de seres especiais que estão nesse Mundo agora para pregar o bem e a paz. —Completa ele.

—Que tipo de ser você se diz ser? —Perguntei.

—Sou o que vocês humanos chamam de vampiro. Mas, muito diferente do que vocês inventam. Eu não durmo em caixões ou viro morcego. Apenas tenho uma pequena anomalia em minha genética que me torna imortal.

Acho que ele percebeu minha desconfiança. Mas ele não ligou. E continuou.

—Sei que é difícil de compreender sobre esse assunto, há muito que ser aprendido elevaria uma eternidade para ficar sabendo cem por cento de tudo o que envolve nosso mundo real e sobrenatural...

—Você disse que eu posso estar me transformando em uma suposta vampira? —Perguntei.

— Segundo a lei padrão da natureza isso não era para acontecer. Mas como eu lhe disse. Há maldade nesse mundo. A ciência jamais entenderá o que realmente é magia... Para transformar-se em um vampiro de fato, você deveria trocar sangue com algum infectado. Mas o seu caso é diferente. Você está amaldiçoada. —Ele responde olhando para o vácuo.

—Amaldiçoada. Mas estou no quadro de vampira ou feiticeira? —Perguntei confusa.

— O casal que eu lhe disse no inicio é responsável pelo que está acontecendo.

Engoli seco e fiquei quieta a pensar. Logo me vem uma dúvida à ponta da língua.

—O casal da história tinha ou tem alguma relação comigo? —Perguntei.

Antonin arfa e olhando em meus olhos responde.

— Sim.. Eles eram seus pais.

Fechei meus olhos por alguns segundos e mordendo minha bochecha interna me manifestei.

—Eu te falei para me contar direto e sem argumentos. O que realmente aconteceu com meus pais?

—Seu pai era um vampiro, sua mãe uma belíssima feiticeira. Ambos eram bastante apaixonados. Mas certo dia, seu pai tentou furto um colar para presentear a amada. Esse tal colar era bastante conhecido. Foi criado pelo famoso bruxo Unbekannt. O objeto era de extrema magia. Capaz até mesmo de controlar o Mundo real e sobrenatural. O mesmo em mãos erradas e será o fim da humanidade como a conhecemos. O pior de tudo isso, é que foi um completo mal entendido. Seu pai não sabia o quão o colar era idolatrado e poderoso. O escândalo tomou imensas proporções. O que levou a um grande julgamento.

O juiz era Klaus Vuotchk. Sentenciou seus pais à morte, mas uma bruxa da época chamada de Eliot refez as acusações cessando o julgamento fatal. O segundo julgamento acabou em uma sentença mais que justa. Bruxos e vampiros não poderiam mais ter relações afetivas e os que rompessem essa lei irrevogável seriam amaldiçoados ou mortos. Por fim, a casal Lüscher foi amaldiçoado e expulso da região. Ambos tornariam vampiros e após provarem do sangue morreriam com seu próprio prazer. A maldição dos Lüscher'sé irrevogável e seguira por todo o sempre...

—Você está bem Lindsay, acho melhor parar por hoje. —Responde Antonin ao perceber minha expressão de duvida e medo.

Eu havia me perdido em três pensamentos, meus pais e a maldição, o colar de Unbekannt e o sobrenome eminente do Juiz. Vuotchk.

—Eu ouvi algumas histórias que talvez você conheça, mas gostaria de compartilhar com você.

Enquanto falava com o Dr. Antonin sobre o que havia descoberto com o Dmitry ele surpreendeu-se e ficou tão curioso em saber mais quanto eu. Eu estava cansada, a conversa era longa e gerava mais dúvidas. Então Antonin decidiu continuar no dia seguinte.

## Capítulo Quinze

A família do Dmitry de alguma maneira fazia parte da minha história. Mas quem era Klaus Vuotchk?

Queria tanto poder ver o Dmitry não para interrogá-lo ou prosseguir com esse bizarro assunto.

Antonin havia me dito que havia uma solução, eu poderia me salvar, não era o fim, o por mais que a esperança me escapasse pelas frestas dos dedos eu seguiria atrás de uma solução até o fim.

Não havia comentado com minha mãe sobre a minha longa conversa com o Dr. Antonin. E ela não me perguntou, de certo modo ela estava me entendendo e me deixava sozinha. Às vezes eu a procurava, como na manhã de hoje em que te dei o abraço mais apertado e afetivo que eu já dei em toda minha vida.

Vou até a cozinha para tomar um copo d'água quando escuto alguém gritar meu nome e estranhamento o nome de minha mãe.

— *Lindsay... Victória...*

Abro a persiana da janela e tento identificar quem era. Estava longe o bastante para saber. Mas “ele” corria loucamente em direção a nossa casa.

— Mãe... — Gritei subindo as escadas.

— Fique aqui querida não saia... — Diz minha mãe me empurrando para o quarto descendo as escadas e indo em direção à porta de entrada ligeiramente.

Vou até a janela do meu quarto e me debruço sobre a mesma.

— Erich? — Sussurrei.

Desço apressadamente as escadas.

Minha mãe junto com o Erich entra pela porta da frente.

— Vocês precisam sair deste local urgente! — Responde ele ofegante.

— O que esta acontecendo? O que houve com você? Cadê o Antonin? — Perguntei.

— São muitas perguntas para serem respondidas em pouco tempo. — Responde ele.

— Vocês precisam confiar em mim. Venham comigo. — Responde ele olhando ao redor.

— Não sairei daqui sem explicações. — Exclamei.

— Filha nós corremos muito perigo. — Responde minha mãe em resposta. O medo em seu olhar era vibrante. Isso me fez acreditar pelo menos por algum segundo que tudo aquilo era realmente verdade.

Sem pensar duas vezes decidi confiar nas palavras curtas do Erich.

— Certo, para onde estamos indo? — Perguntei.

— Não a tempo de pegar nada. Só me sigam. — Responde Erich saindo pela porta da frente.

Minha mãe faz que sim com a cabeça e saímos atrás dele.

Erich parecia nos defender de algo. Sua expressão de alerta me chamava à atenção e o meu enorme medo de confiar em um cara que conheci em menos de dez minutos era a pior sensação que eu pude sentir.

Caminhamos, ou melhor, corremos em direção ao sul de Osbrück até quando avistamos de longe um carro se aproximando. Erich puxa o ar para dentro de seus pulmões como se necessitasse de bastante oxigênio, mas o real motivo estava à deriva.

—É o Antonin. —Ele pronuncia.

— *Como?*—Me perguntei.

O carro estava longe o bastante para poder ser identificado, mas se o Erich afirmou que era o Antonin. Ele tinha uma boa visão.

Quando o carro aproximou-se mais. Erich parou e falou; —Vocês devem ir com o Antonin. Lindsay fique com isto.—Responde ele jogando-me um pedaço de algo que se parecia com alho.

—Ã? Alho?—Respondi observando a raiz.

—Não é alho, é um legume das bacias do norte. Algo que digamos, vai te trazer sorte. —Ele responde.

—Coloque-o no bolso... —Ele completa.

Descido fazer o que ordenado. Assim que o carro para a nosso lado pude compreender que aquilo tudo era algo sério, Dr. Antonin não poderia estar mais apreensivo. Entramos no automóvel e seguimos em direção oposta.

Antonin o dirigia e não pronunciava uma só palavra.

— Para onde estamos indo? — Sussurrei para minha mãe.

— É o que queremos saber... — Foi sua resposta.

— Prometo te explicar tudo quando estivermos em um lugar mais seguro. — Ele pronuncia ao perceber que eu iria fazer uma pergunta.

Após chegarmos a uma casa um pouco afastada da cidade, descemos do carro. Uma garota de cabelos dourados e de sorriso encantador nos esperava na varanda da casa.

—Que bom que você conseguiu. —Pronuncia a garota cumprimentando o Antonin.

Assim que entramos Dr. Antonin me apresenta a irmã do Erich. Melissa Epsargran.

—Prazer Melissa. Eu sou a...

—...Lindsay Lüscher. —Ela completa.

—Você me conhece? —Perguntei.

—Sim, o Antonin tem falado muito de você ultimamente. Mas não se preocupe, só comentamos coisas boas... —Ela completou.

Eu apenas sorri, pelo visto o problema de melanina era de família. Erich, Antonin e Melissa tinham olhos violetas. Que surpreendentemente me chamavam a atenção.

—Agora será que posso saber o que está acontecendo? —Perguntei exaltante.

## Capítulo Dezesseis

O incerto me perseguia, e por mais que eu evitasse não encontrá-lo ele sempre consegui me alcançar. Estávamos reunidos em uma sala, e eu tentava descobrir o que estava acontecendo.

—Acho que o Erich está chegando...—Anuncia Melissa ao olhar pela janela.

—*Mas já?* —Me perguntei.

—Estão todos bem? —Pronuncia Erich ao entrar pela porta.

—Sim... —Responde Melissa.

— Lindsay, você corre muito perigo... —Diz Antonin.

—Que tipo de perigo? —Perguntei.

—Há alguém tentando te encontrar...

—E isso é ruim? —Perguntei assustada.

—Sim. Esse alguém simplesmente quer te matar...—A maneira que o Dr. Antonin me falou aquilo me chocou.

—Antonin não seja precipitado.—Responde Erich em tom de ira.

—Ela precisa saber. Não podemos mais esconder isso. — Antonin retruca em um tom de voz mais alto.

—Quem ou o que persegue a Lindsay? —Pergunta minha mãe assustada mais que eu.

—Parece que a clã dos Nórvidas voltaram. Só que desta vez, eles querem a Lindsay. — Erich completa.

—Como vocês tem tanta certeza? E como sabem que eles querem me matar?—Perguntei com a mão na cabeça.

—Eles são bruxos muito perigosos. Soubemos através de terceiros que Petrus está atrás de você. Eles buscam a filha da profecia. —Diz Melissa.

—São muitos nomes. Eu simplesmente não sei o que está acontecendo. Há dois dias eu tinha uma vida normal, com amigos e tudo mais. Agora, estou à beira da morte e um bruxo do malestá querendo me capturar, pois faço parte de uma profecia maluca... —Indaguei.

—Provavelmente eles descobriram que você é filha dos Lüscher's... —Completa Melissa.

—Para onde devemos ir? Onde estaremos seguras? —Pergunta minha mãe.

—Por enquanto esse é o melhor local para se ficar. Erich e eu vamos proteger a casa e Melissa tomara conta de vocês duas. —Diz Antonin saindo logo em seguida.

Já não sabia o que era real ou paranoia de minha mente. Não me restava outra opção a não ser confiar neles.

Todas essas informações me deixaram freneticamente inquieta, me assustava com o mais simples barulho e minha mente não encontrava algo para se ocupar.

## Capítulo Dezessete

Melissa Epsargran era uma garota bonita, tinha olhos grandes e arredondados, sorriso pequeno e parceiro. Cabelos brilhosos e louros. Um pouco diferente do Erich, na verdade nada parecida. Ela vestia-se muito bem e seu vestido azul assentava-seperfeitamente em seu corpo delgado.

— Melissa... — Pronunciei.

— Sim? — Responde ela.

— E sua família? Ela está na França? — Perguntei.

— Na verdade é apenas Erich e eu, não somos irmãos de sangue, fomos criados em um orfanato há muito tempo atrás, quando ficamos maiores de idade, tivemos que sair, e acabamos conhecendo algumas pessoas ruins que nos levou a uma vida de crime. Mas o Dr. Antonin nos tirou desta vida e hoje somos gratos a ele. — Responde ela calmamente.

— Eu sinto muito... — Respondi.

— Tudo bem. — Ela retrucou.

— Você tem belos olhos. — Tentei agradar.

Ela abaixou a cabeça e arfando responde.

— É engraçado... Eu tinha olhos azuis. Eram lindos. Mas a vida me presenteou com esse par de olhos estranhos e diferentes.

— São lindos... — Respondi.

— É como uma maldição Lindsay. Nada em um vampiro é bonito. — Ela responde retirando-se.

Melissa, Erich e Antonin eram vampiros. Mas algo neles me incomodava.

Cada vez que tentava compreender mais a história a situação ficava mais embaraçada. Depois que todas essas informações chegaram como uma nuvem de destroços. Tentei assimilar alguma coisa com a história que Dmitry e eu havíamos visto no grande livro magico.

E se a história ali contada fosse a minha história? Eram uma coincidência e tanto e aquilo me deixou sentida.

\*\*\*

Por volta das oito da noite ouço passos em volta da casa. Estava deitada no sofá da sala junto com minha mãe.

— Ouviu isso? — Sussurrei.

— Sim. — Minha mãe responde.

— Talvez sejam os rapazes... — Ela completa.

— Melissa... — Sussurrei para ela.

— Quê? — Ela respondeu abrindo um de seus olhos.

— Acho que tem alguém ao redor da casa.

— Acho que são os rapazes... — Ela responde levantando-se da poltrona e indo em direção à porta. O suspense toma conta do local, mas Melissa não estava assustada, ela parecia estar cética e

verdadeiramente certa de que era o Erich e Dr. Antonin.

Quando a porta se abre suspiro em alívio.

De fato eram eles dois, e pareciam sujos. Talvez houvessem brigado na lama.

— O que aconteceu com vocês dois? — Pergunta Melissa boquiaberta.

— Um pequeno imprevisto... — Respondeu Erich indo em direção a um quarto.

— Tiraram uma noite para tomar banho de lama? — Completa Melissa, sem esconder o sorriso.

— Haha. Muito engraçado... — Erich ironiza.

— Vamos nos trocar e tomar um banho. — Completa Antonin.

— Ótima ideia. — Melissa enfatiza.

Depois que os rapazes estavam devidamente limpos e perfumados, todos nós reunimo-nos na sala de estar.

Eram aproximadamente nove e meia da noite.

— Não, ela não teve nenhum quadro. — Sussurra Melissa para o Dr. Antonin.

— Como se sente Lindsay? — Antonin pergunta.

— É para falar sério? — Ironizo.

— Estou longe de casa e sendo perseguida por um vampiro do mal, fora isso estou ótima. — Completei.

Melissa ri.

— É um caso sério. Não podemos brincar. — Responde Antonin cortando o clima hilariante.

— Tudo bem. Desculpa. — Respondi.

— As transformações são inevitáveis. Porém, você não sabe quando ou como elas ocorreram. Mas segundo a maldição... O filho primogênito dos amaldiçoados sofrerá da mesma maldição após o fim do outono de seu décimo sexto aniversário. — Dr. Antonin responde.

— O quê? — Perguntei.

— Isso significa que tenho pouco mais de alguns meses? — Completei.

— E a solução? Se acharmos o colar? — Sugere minha mãe parecendo saber um pouco mais sobre o assunto.

— Segundo a lei, a maldição junto com a sentença são irrevogáveis. Mas o Colar de Unbekannt tem a fama de poder quebrar qualquer feitiço. — Responde Melissa.

— Tentar achar o Colar de Unbekannt é como procurar agulha em um palheiro. — Responde Erich.

— Mas é nossa única chance! — Antonin exclama.

— O Dmitry. Ele tem um livro que fala um pouco sobre essas coisas. — Respondi.

— É sobre ele que quero conversar contigo também. Lindsay, não podemos mais confiar em ninguém. Muito menos em seu amigo. — Antonin responde.

— Que livro é esse? — Pergunta Melissa curiosamente voltando à atenção a ela.

— É um livro muito grande e pesado... Eva... Evelinn... É alguma a escritora ou a dona do livro. — Respondi.

Melissa para e seus pensamentos anseiam saírem pela boca.

— o Livro de Mondos. De Evelinn Vuotchk. — Ele pronuncia destacando o nome.

— O livro não existe mais. Não há sinal dos Vuotchk em nenhum lugar. — Responde Dr. Antonin.

— Ah não. — Responde minha mãe.

Eu olho para ela.

— Sim. — Respondi.



— Bem que achei esse nome bastante familiar. — Minha mãe pronuncia.

— Do que vocês duas estão falando? — Dr. Antonin perguntou.

— Dmitry é um Vuotchk. — Destaquei.

— Isso é impossível. — Erich resmungou.

— Pode ser possível, uma vez que os Vuotchk sumiram da Rússia, eles podem ter migrado para a Alemanha.

— Isso explica algumas coisas... — Dr. Antonin respondeu levantando-se da poltrona.

— Dmitry parecem não conhece muito sobre tudo isso, eu até acho que ele não sabe a real história de sua família, assim como eu. — Respondi.

Minha mãe abaixa a cabeça.

— Não podemos arriscar... Não sabemos o que esse tal de Dmitry nos reserva, mas devemos tomar bastante cuidado. — Antonin pronuncia.

— Eu poderia pedir para ele nos entregar o livro para que possamos analisá-lo e se possível achar a solução. — Respondi.

— E assim ele poderia informar sobre nosso paradeiro para os outros bruxos. — Erich responde me interrompendo.

— Lindsay, já disse que por enquanto não podemos confiar em ninguém. É para seu próprio bem... — Antonin assegura.

Arfo, e passando os dedos sobre meus cabelos manifesto-me.

— Isso é loucura... Vocês não podem evitar minha amizade com o Dmitry. Ele é meu único amigo.

— É para seu próprio bem filha... — Minha mãe responde.

— Sinto muito. Mas eu não concordo com isso... — Respondi e sai da sala deixando-a com um clima nada agradável.

Talvez eles estejam certos, mas é muita... Muita falta de consideração...

Fui para a varanda quando vi de relança alguma coisa passar rapidamente distante sobre a escura floresta de Sirius.

O céu estava claro, e podia se ver todas as estrelas. Erich aproxima-se e senta-se a meu lado.

— Tudo bem? — Ele pergunta.

Não quis responder.

— Sei que você deve estar chateada conosco, sei que tudo isso parece loucura e imagino o quão você deve estar assustada. Confie em nós. — Insiste.

— Confiar? Vocês não confiam em meu amigo Dmitry, muito menos em mim e ainda pedem para que eu confie em vocês. Acho que algo está errado. — Respondi.

— Lindsay, sua vida corre muito perigo. E eu não vou deixar você se machucar à toa. — Ele completa.

Erich, ele se preocupa comigo. Mas como isso foi acontecer? E qual o motivo de sua preocupação?

— Agradeço a preocupação, mas eu sei me cuidar sozinha... — Respondi levantando-me do chão da varanda e indo em direção à porta.

— Lindsay... — Ele pronuncia, fazendo-me parar quando já estava com a mão na maçaneta.

— Sei que você não me conhece o suficiente para confiar em mim. Mas lhe peço uma chance, eu confiei em seu pai e sei que posso acreditar em você também.. — Completa.

— Você conheceu o papai? — Perguntei demonstrando interesse.

— Por que acha que estamos ajudando você? — Ele responde.

— Eu sinto muito... Eu estou tão sem chão, já não sei se o que eu penso é certo ou errado... — Respondi com os olhos transbordando.

— Eu confio em vocês. Mas vocês precisam me dar uma segunda chance. Quero vê-lo pela última vez... — Completei.

Erich fez que sim com a cabeça.

## Capítulo Dezoito

Na manhã do dia seguinte Dr. Antonin e Erich acompanhou minha mãe e eu até nossa casa. Voltaríamos para lá para pegar alguns pertences, eu usava as roupas da Melissa, segundo Dr. Antonin, era uma forma de confundir e despistar o vampiro que me seguia.

Assim que chegamos Erich sai do carro e entra primeiro na casa. Esperávamos no carro. Depois de alguns minutos ele sai e faz um sinal com a mão para entrarmos.

Quando finalmente entrei em casa subi as escadas depressa e fui ao meu quarto. Minha mãe vinha logo atrás de mim e seguia meus passos. Antonin e Erich esperavam do lado de fora, mais precisamente na porta da frente.

— Antonin disse para não pegar roupas. — Responde minha mãe ao ver-me colocando uma peça de roupa na mochila.

— Tudo bem... — Arfei, retirando-a logo em seguida.

Minha mãe vai até a janela, subitamente mudando sua expressão para algo próximo a dúvida e medo.

— Ah, não... — Responde ela sem tirar os olhos da janela.

— O quê mãe? — Perguntei confusa.

— Acho que o Dmitry, ele está lá fora... — Foi sua resposta.

Vou até a janela para confirmar. De fato era o Dmitry. Ele estava parado perto da estrada, olhava fixamente para nossa casa.

— Você precisa tomar algumas decisões... — Minha mãe sussurra.

— Ele não mãe... Sinto muito.

Sai do meu quarto desci as escadas e fui até a parte de fora da minha casa.

Antonin e Erich estavam apostos na porta como guardas. Quando saio pela porta Erich segura em meu braço.

— Solte-me! — Exclamei furiosa.

— Lindsay, não faça isso. — Antonin responde.

— Ele continua sendo o mesmo, e ninguém, absolutamente ninguém mudará isso.

Dr. Antonin faz que sim com a cabeça e Erich solta o meu braço.

Corri em direção ao Dmitry, ele sorriu, mas logo muda de expressão ao notar que eu não parecia nada

bem.

— Tudo bem Linda? — Pergunta quando estava próximo o bastante para puxá-lo pelo braço e arrastá-lo até a floresta de Teubürg.

— O que está acontecendo? — Ele pergunta com uma expressão de mal entendido.

— Lindsay! Lindsay! Você pode me explicar o que está acontecendo? — Insistiu.

Eu parei e ele se esbarrou em mim. Então respondi;

— Eu posso te explicar, porém o que lhe direi não nos deixará mais próximo nem menos próximos um do outro.

Ele fez uma cara de confuso e pergunta;

— Do que você está falando, pode ser mais clara?

Eu o abracei e com os olhos cheios de lágrimas respondi;

— Não podemos mais ficar juntos... Muito menos sermos amigos. — Apertei o abraço.

Ele respondeu apertando-me mais forte ainda.

— Como assim Lindsay?

Eu o soltei e fiquei segurando sua mão. Neste exato momento ele se aproximou de mim e nós nos beijamos. Eu fiquei simplesmente sem reação, era meu primeiro beijo. Não sabia muito como agir perante aquela situação. Ele me abraçou de novo, e com os olhos cheios de lágrimas disse;

— Não me deixe Lindsay. Eu te amo. Sei que pode parecer estranho, mas eu sempre te amei. — Ele respondeu.

— Sinto muito Dmitry.

Sai e o deixei. Ele ficou quieto e no mesmo lugar, eu não quis olhar para trás, o pior de tudo é que eu mal expliquei qual era o motivo para essa fatídica mudança em nossa amizade. O céu daquela tarde que estava com um lindo sol caloroso, ficou cheio de nuvens rapidamente, como um céu de grandes tempestades de verão. Nem parecia que aquilo eram ações da natureza, e sim, talvez de um pequeno bruxo triste e confuso.

Fui para minha casa, minha mãe estava do lado de fora junto com o restante da gangue e eu entrei sem dizer uma só palavra. Subi para meu quarto, fechei a porta e chorei. Chorei muito, queria que tudo aquilo sumisse subitamente como mágica, minha vida estava se esgotando aos poucos.

A chuva que caía com bravura se igualavam as minhas lágrimas de tristeza. Tempestade que por sua vez, fora a mais forte que já presenciei. O som da chuva e dos trovões que sempre me faziam pensar, agora me amedrontava.

Alguém bate na porta do meu quarto, mas não respondi.

— Filha. Posso entrar? — Pergunta.

Não quis responde-la. Sei que minha mãe não desiste facilmente, então mesmo com a porta chaveada, sabia que ela iria conversar comigo de qualquer forma.

— Filha! Sei que isso é muito difícil, porém nós temos que passar por desafios e dificuldades para que possamos crescer mais forte e preparada para a vida.

— Você não consegue entender como eu me sinto mal por tudo isso? — Foi minha única resposta.

Eu não queria falar com ninguém. Estava presa em meus próprios medos e decepções. Minha mãe não disse mais nada e me deixou sozinha no quarto.

Em pouco menos de quatro minutos ouço alguém bater na porta novamente.

— Lindsay?

Era o Erich. O que ele pensa que está fazendo?

— Me deixa em paz... — Sugeri.

— Preciso falar com você. Eu sinto muito. — Diz.

— Senti? Você realmente sente muito?

— Também já sofri por um amor... Era um amor impossível, mas eu superei. — Ele completou.

Pulo da minha cama e vou até a porta e sento-me no chão frente a ela.

— Você realmente não sabe o que está falando... — Sussurrei na intenção dele não ouvir-me.

— Eu estarei lá fora caso precise conversar comigo...

— Espere. — Respondi abafado.

Abro a porta para ele e deixo-lhe falar sobre seus romances.

— Obrigado por confiar em mim. — Ele retruca.

Ele vai até a janela e dá uma espiadinha lá fora.

— Uh, tempestade...

— Gosto do som da chuva. — Iniciei.

— Também me sinto bem com a mesma. — Ele sorriu.

— Mas não esperava uma tempestade tão forte. — Completou.

No silencioso momento eu tiro alguns segundos para observar o Erich. Tão diferente. Não é como os vampiros que imaginávamos que fossem. Tão contraditório quanto roupa de inverno no verão.

O Sol não o machucava, ele não tinha aparência de morto-vivo, muito menos dormia em caixões ou abomina alhos.

— Posso sentar-se? — Ele pergunta aproximando-se da cama.

— Sim, tudo bem..

— Lindsay feche seus olhos e conte até três. Não se preocupe que não irei fazer nada de mais.

Fiquei sem graça e interroguei.

— Como posso confiar em ti? Ultimamente estou confiando muito em pessoas que não conheço.

— Imagine que eu sou como você, se você confia e acredita em ti. Não tem como eu lhe fazer mal.— Foi sua resposta.

Eu olhei no fundo de seus distantes olhos e vi que poderia confiar assim como confiava no Dmitry. Eu neste momento comecei a lembrar dele, fechei meus olhos e comecei a contar os eternos segundos estranhos.

— Um... Dois... Três...

Eu senti que o Erich segurou firme minha mão, notava-se que era tão gelada e fria quanto à noite de inverno. Nesse mesmo instante ele sussurra ao meu ouvido bem baixinho;

— Você é um anjo.

Eu me arrepiei e abri meus olhos, eu fiquei sem jeito, percebi que os olhos do Erich estavam azuis como o mar, e logo voltaram a serem violetas como mágica. Já não sabia como as lendas de vampiros surgiam, mas algo estranho eu pude perceber no Erich.

Levando-me da cama e vou até a janela.

— Eu não sou um anjo... — Respondi.

— Não há nada de divino em mim. — Completei.

— Há um propósito para eu estar aqui. — Ele indaga.

— Todos têm algum motivo para estar aqui... — Respondi.

— Quem realmente é você Erich?

Ele levantou-se de minha cama e olhando para mim pronunciou;

— Você acredita em anjos-da-guarda? — Ele perguntou.

— Nessa altura do campeonato eu acredito em quase tudo. — Ironizei.

— A verdade é que Melissa, Antonin e eu estamos protegendo-a. É nosso dever ajudá-la.

— Em troca do quê? — Perguntei confusa.

— Já recebemos nossa recompensa. Seu pai nos ajudou em uma parte de nossas vidas, e ajuda-la é o mínimo que podemos fazer para agradecê-lo. — Responde.

— Agradeço a vocês por tudo que estão fazendo para me proteger de “algo” que venha a me machucar. Mas saibam que meus pais são os principais responsáveis por tudo isso que está acontecendo comigo.

Fui até a porta do meu quarto e a fechei, e sentei-me novamente na cama.

— Tenho pouco tempo Erich, desta vez, você precisa confiar em mim...

Não sabia ao certo se Erich poderia confiar em mim. Mas estava disposta a oferecê-lo uma proposta aceitável.

— Não precisa ter medo. Não conte ossegundos... — Ele responde.

— Você precisa falar com o Dmitry. Precisa me ajudar a encontrar o colar de Unbekannt. — Respondi esperançosa.

— Isso é loucura Lindsay. Não sabemos quem realmente é o Dmitry. E se o Antonin estiver certo. Jamais poderei me aproximar de um bruxo. — Foi sua resposta.

— Como assim..? Você por um acaso estaria com algum tipo de preconceito. Ou coisa parecida?

— Não... É que bruxos e vampiros são agora inimigos mortais e por mais que alguns entendam que essa rivalidadetola, outros seguem essa lei com tanta bravura que tememos uma grande guerra. — Erich completou.

Neste instante alguém bateu na porta. Era minha mãe que logo entrou no quarto e perguntou;

— Como você está filha? Interrompo alguma coisa?

— Muito bem mãe. Não atrapalha, aliás, Erich já estava de saída. — Eu respondi.

Em seguida Antonin também entra no quarto e acena com a cabeça para mim.

Erich se aproximou do Antonin e lhe disse algo que não pude escutar e logo saiu do quarto me dizendo;

— Até breve Lindsay.

— Até mais ver Erich.

Minha mãe sentou-se na cama junto a mim e olhando em meus olhos respondeu;

— Você é uma garota muito forte... Tenho orgulho de você. — Ela parecia sincera. E algo esperançoso eu pude ver em seus olhos, então sorri e a abracei.

Minha mãe era a minha única família. Era a minha razão de viver, ficava triste só de pensar em perdê-la, ou separarem ela de mim.

— Lindsay, temos uma grande oportunidade. — Responde Antonin com um sorriso eminente.

— Podem me dizer, eu estou preparada.

—Eu conheci uma ex-bruxa que me ajudou a descobrir algo que lhe pode livrar do feitiço. O nome dela é Justina. — Inicia.

—Ex bruxa? Como assim? — Perguntei.

— Justina era bruxa de um clã do norte de Downville, e agora ela é apenas uma velha e amaldiçoada mulher. Ela foi renegada pelas próprias irmãs por traição. Ela havia manipulado algumas informações para outro grupo de bruxos que seguiam uma linha mais escura. — Responde.

— E como essa humana pode nos ajudar, pois você sabe que ela não é mais bruxa? — Perguntei.

—Ela tem informações suficientes e uma revelação que só falaria pessoalmente a ti Lindsay. — Antonin responde confiantemente.

— E como saber que ela não está mentindo Dr. Antonin? — Minha mãe pronuncia.

— É a única solução senhorita Victoria.

— Quando poderemos vê-la? — Indaguei.

Minha ansiedade de descobrir se a bruxa Justina poderia me ajudar era aterradora. Poderia ser a solução deste pesadelo.



## Capítulo Dezenove

Meu principal desafio era a confiança, estava confiando em muitas pessoas. E isso me fazia reprimir-se. Mas não poderia perder mais tempo nessa altura do campeonato. Qualquer porta que se abrisse em nossa frente seria nossa plausível oportunidade, aliás, todos os caminhos têm suas consequências, cabe a nós escolhermos o correto...

— Vamos a casa desta senhora amanhã mesmo, não podemos perder mais tempo... — Indaga minha mãe.

— Você está certa. Essa é a hora. — Antonin apoia.

Estava preparada e com medo ao mesmo tempo, queria que tudo isso desse certo. Só assim poderia reorganizar minha vida.

\*\*\*

No dia seguinte quando estávamos saindo de casa, uma forte intuição me fez lembrar o Dmitry. Como se algo estivesse prestes a acontecer com ele.

Respirei fundo e fui até a varanda.

— Preparada? — Erich sussurra ao aproximar-se de mim.

— Preparadíssima.

— Me desculpa se eu estou ou fui chato demais para você. Eu só quero o seu bem...

Viro-me para ele e olhando de canto respondo.

— Tudo bem... Eu te entendo perfeitamente.

Ele sorri.

— Opa. — diz Melissa ao sair de casa e perceber nossa presença na varanda.

— Melissa... — Pronunciei seguindo de um sorriso.

— Junte-se a nós. — Completei.

Ela passa a mão em seus cabelos e aproxima-se de nós.

— Fridz se aproxima. — Sussurra Melissa.

— Como? — Perguntei.

— Um amigo do tio Antonin. O Fridz, ele vai nos acompanhar até a casa de Justina. — Ela responde.

— Ah, é preciso? — Perguntei.

— Sim. E como... — Erich manifesta-se.

— Não conhecemos essa tal de Justina e não podemos dar espaço. — Melissa completa.

Nesse momento Antonin aparece e pede para entrarmos.

— Faremos uma visita a Justina, mas não comentaremos nada sobre a maldição ou sobre qualquer outra coisa referente à mesma. — Antonin completa.

— Tudo bem. — Respondi.

Erich e Melissa fazem que sim com a cabeça.

\*\*\*

*Essa eraa oportunidade de mudar drasticamente minha vida, não poderia desperdiçá-la por nada.*

Pegamos poucas coisas e saímos de casa, do lado de fora estava o tal do Fridz. Um homem alto e robusto, sua barba cumprida o deixava com uma aparência de mais velho, mas acredito que ele poderia ter uns trinta e cinco anos de idade.

— Esse é Fridz, meu colega e amigo de Darköan. Sempre é bom ter mais alguém no grupo caso as coisas digamos, saiam do controle. — Antonin responde.

— Olá... — Acenamos.

Ele sorri.

— Então você é a famosa Lindsay Lüscher... — Ele indaga.

— Famosa? — Sorri em resposta.

— Os Lüscher's são bastante conhecidos. — Ele completa.

— Um pouco de má fama, digamos... — Ironizei.

— Senhorita Kalicies. Quanto tempo. — Ele a cumprimenta puxando a mão dela e a beijando.

— Vocês se conhecem? — Duvidei.

— Sim, faz tempos que eu não te vejo Fridz. — Minha mãe responde.

— Bastante tempo. — Ele sorri.

— Bom, precisamos ir. — Antonin indaga.

— Claro. — Fridz responde.

Erich olha para mim e segurando em minha mão diz baixinho;

— Vai dar tudo certo.

Uma leve e magnífica lágrima do que me restava de humana, corria sobre meu rosto levemente até morrer em meus lábios fartos e saudáveis.

Num momento eu era apenas uma adolescente normal. No outro, era julgada como inimiga mortal.

\*\*\*

Transformações à parte não era o que me amedrontavam, tinha medo de machucar as pessoas que eu realmente amava, como minha querida mãe e meu amigo.

Enquanto entrava no carro olhei para o céu crepúsculo e frio que reinava sobre nossas cabeças. O inevitável é o princípio.

Estava disposta a ir até o fim.

## Capítulo Vinte

Não pensava mais em nada. Estava vazia por dentro, à noite estava chegando e ela trazia consigo o frio do outono que talvez não se igualasse a pele dos meus amigos vampiros.

Minha mãe e eu fomos no carro do Dr. Antonin. Melissa e Erich foram com o Fridz em outro carro.

A viagem era longa e silenciosa, isso me dava tempo de pensar sem se preocupar com alguma coisa, quando estava com Antonin me sentia mais segura.

\*\*\*

— Chegamos. — Foi a primeira palavra pronunciada depois de horas silenciosas enquanto viajávamos.

Eu saí do carro, tímida e quieta... Como se eu fosse a responsável por tudo que estava acontecendo. O gramado que arroteava aquela pequena e velha casa estavam murchas e enrugadas, devido ao frio. Estava a quase quarenta metros de distância da casa e notei que uma velha senhora nos observava da janela. Sabia que era ela, Justina! Caminhávamos rumo a casa, minha mente visualizava tudo lento. Eternos passos até a vitória. Ou a perda... Pois não sabíamosse Justina era de confiança.

Olhei para a Melissa e ela olhou para o chão. Olhei para o Erich e ele apenas sorriu um tanto nervoso. Minha mãe segurava minha mão. E o Antonin...

— Lindsay... — Ele pronunciou meu nome.

Já estava de joelhos no chão enquanto minha mãe e ele seguravam para que eu não caísse. A partir daí em diante eu não conseguia entender ninguém. Todos pareciam me chamar, todos pareciam estar me tocando. Meus olhos estavam vidrados.

— *Será que estou morrendo?* —Pensei...

— Calma Lindsay — Escutei alguém me dizer. Parecia o Erich. Sentia alguém colocando as mãos sobre mim e me levantando.

Fui carregada no colo até a pequena e velha casinha.

— Entrem — Diz uma voz velha e adoentada.

Neste momento eu já estava melhorando, conseguia ouvir com exatidão, abro meus olhos bem devagar como se eu acabasse de ter acordado. Dentro da casa estava quente e bem aconchegante. Colocaram-me deitada em um sofá que tinha na sala de estar. A senhora aproximou-se de mim e disse com uma cara insana: — Lindsay Lüscher!

— Sim... — Sussurrei um pouco confusa.

—Acredito que vocês estão com fome e com sede... Querem algo para comer? — Perguntou a velha senhora.

Para falar a verdade eu estava com medo desta tal de Justina, ela parecia não girar muito bem da cabeça.

— Desculpa pela falta de educação Sra. Justina. Mas estamos bem..— Respondeu minha mãe evitando que ela nos trouxesse algo para comer, pois de certo modo não a conhecíamos para poder aceitar o que ela oferecia.

— Certo. — Ela responde.

— Como sabe o meu nome?— Perguntou minha mãe.

— Você deveria perguntar o que eu não sei a respeito deste mundo. — Respondeu a velha senhora com um sorriso insano.

Ela olha para o Doutor Antonin e responde sutilmente;

— Esperem aqui.

Justina sai da sala e caminha até um quartinho. Eu me sento no sofá e olho para o Erich. Ele sorri e vem até mim.

— Tudo bem Lindsay.

— O que será que ela foi fazer? — Eu perguntei para ele.

— Não sei, mas acho que foi pegar algo. — Ele responde.

Eu me levanto do sofá e vou até minha mãe, ela me abraça.

— Tudo bem filha, agora é só esperar para ver o que Justina tem que pode mudar nossa história.

Justina sai do quarto e vem em direção a mim e logo inicia.

— Por favor, querida Lindsay Lüscher sente-se no sofá.

Olhei para minha mãe e ela fez que sim com a cabeça. Vou até o sofá e o Erich se levanta oferecendo-me o

lugar. Justina logo se aproxima e senta-se perto de mim.

— Lindsay! Esperei por muito tempo para poder encontrar a pessoa certa, e essa pessoa é você. Alguns de nós sabemos que existem bruxas, vampiros, feiticeiros, magos, deuses, e outras coisas que habita este Mundo. Porém as maiores destas seres estão em um mundo anexado a este, como uma segunda dimensão. Sabemos que existe o bem e mal, a luz e as trevas. Existem pessoas poderosas e pessoas sem poder algum. Quando fui expulsa da minha irmandade já não sabia quem eu era. Mas algo em mim sempre pulsava. O poder não havia morrido, eu não era totalmente bastarda. Em minhas andanças conheci muitas pessoas, principalmente a que pode mudar tudo isso que está acontecendo contigo.

As palavras da velha senhora me soavam inteligentes e verdadeiras, longe de perigo. Prestávamos atenção em tudo que ela nos dizia, afinal, qualquer informação era crucial.

— O que houve contigo? — Antonin pergunta a Justina.

— A feiticeira! — Ela exclama.

— Feiticeira? — Perguntei.

Ela levanta-se e pega um livro de cima da mesa.

— A grande feiticeira me salvou, devolveu meus poderes.

— Isso significa que você continua sendo bruxa? — Erich duvida.

— Essa realmente é sua dúvida garoto? — Ela retruca.

— Quando não havia mais esperança para mim, Elizabeth me acolheu. Não me restava mais nada além da solidão numa velha e fria casa de madeira. Fui recolhida da dor das ruas e mais que isso, eu fui consagrada com meus poderes novamente. Ela era diferente de qualquer outra bruxa, seus feitiços e encantos sempre foram para o bem, e não me restam dúvidas que ela possa te ajudar. — Completa segurando firme em minha mão.

— E o porquê de nos ajudar? — Minha mãe interroga.

— Preciso encontrá-la, sozinha não iria muito longe. Mas com vocês isso poderia ficar fácil. — Foi sua resposta.

— Qual foi a última vez que a viu, e onde? — Antonin inicia.

Respostas fluíam e cada vez mais nos aproximávamos da solução. Absorviam cada informação, e com o passar do tempo na presença da velha senhora, assegurávamos que ela era confiante. E de fato não estávamos equivocados.

## Capítulo Vinte e Um

Semanas haviam passado. O outono anunciava que tínhamos pouco tempo para fazermos algo. Não sabíamos por onde começar. Justina havia falecido semanas depois, mas nos deixou uma pista que poderia ser utilizada para encontrarmos a feiticeira Elizabeth.

Ainda assim, precavíamos a todo instante. Afinal, Petrus ainda me perseguia. A verdade caía como uma luva. E cada dia que passávamos mais coisas descobríamos sobre a maldição e seus problemas eminentes.

Bruxos e vampiros eram de um modo informal, inimigos. Porém, o nosso encontro com Justina e nossa possível solução com Elizabeth me fazia pensar que ter me afastado do Dmitry era total tolice.

Acredita que Bruxos e Vampiros poderiam sim ser amigos e pudessem viver juntos, mas segundo o Antonin tentar mudar isso poderia causar uma grande guerra de clãs. A rivalidade era antiga e ainda que alguns não praticassem, ainda existiam bruxos e vampiros que se odiavam vorazmente.

O tempo havia se passado e não restavam mais indícios do Dimi em nenhum lugar, minha volta ao colégio para simular uma transferência de cidade me entregou uma notícia peculiar. Dmitry Vuotchk havia se mudado de cidade. A diretora do colégio de Mont Serrat não sabia para onde os Vuotchk haviam ido, e isso me fez engolir a dor do arrependimento. Talvez eu não voltasse a vê-lo. Não havia comentado com mais ninguém, mas Antonin havia descoberto. O que o deixou mais preocupado.

\*\*\*

Era manhã do dia dezessete de outubro, e me levantei da cama um pouco tonta. Melissa dormia a meu lado numa outra cama e ao perceber minha inquietação pergunta;

— Não consegue dormir não é mesmo?

— Sinto um pouco de dor de cabeça. E as preocupações me deixam mal. — Respondi.

— Ele é bastante importante para você não é mesmo? — Ela pergunta sentando-se na cama.

— Ele? Refere-se a...? — Me fiz de mal entendida.

— O Dmitry. Você parece gostar bastante dele... — Ela responde.

Fiquei quieta por alguns segundos mais logo me manifestei.

— Sim, ele era muito importante para mim.

— Era? — Ela insiste.

— Nossa amizade não existe mais. Talvez devesse esquecê-lo. — Respondi.

— Eu sinto muito... — Ela responde.

— Tudo bem..

— Vamos descer e comer algo. — Completei disfarçando com um sorriso. Mas Melissa não era boba.

Descíamos a escada quando parei no meio dela. Sentia algo.

— O que houve? — Melissa sussurra.

— Uma sensação estranha, como tivesse alguém presente.

Ela arregala os olhos e olha para o vão.

— Não consigo sentir. — Ela desacreditou.

Vampiros tinham sentidos extremamente aguçados e isso os fazia ótimos caçadores.

— Coisa da minha cabeça. — Respondi.

Erich e Antonin estavam na cozinha ajudando a minha mãe, ambos com um copo de café na mão. A cena era engraçada. E não pude conter o riso.

— Bom dia garotas. Chegaram na hora exata. — Indaga Antonin.

— Qual a graça?— Pergunta Erich.

— Vampiros, tomando café? — Duvidei rindo em seguida.

— Tão natural quanto um esquilo comendo nozes. — Erich entra na brincadeira. Todos riem.

— Como foi a noite de vocês? — Minha mãe pergunta.

— Bem, se a Lindsay não roncasse tanto. — Melissa brinca.

— O quê? — Respondi boquiaberta.

Por mais que o clima fosse de total harmonia e alegria, eu me sentia fria e sozinha por dentro. Restavam apenas duas semanas para o fim do outono. A maldição teria seu triunfo logo e isso é inevitável.

Vamos para a sala quando vejo de relance a sombra de alguém passar rapidamente pela janela.

— Tudo bem? — Erich sussurrou ao notar minha expressão de medo.

— Sim... — Tentei disfarçar.

— Melissa você não contou aquilo para o Erich não é mesmo? — Perguntei tentando criar curiosidades.

— Aquilo o quê? — Ele pergunta levantando uma de suas sobrancelhas.

Ele ri e senta-se no sofá, Melissa o acompanha e senta ao lado.

— Fiquem aqui. Vou até a cozinha pegar algo. — Respondi mais suspeita ainda.

Após entrar na cozinha tomo um pouco d'água.

— Eles estão esperando ansiosos pelos bolinhos. — Respondi para minha mãe.

— Que bom. Vou levar até eles... — Minha mãe responde saindo da cozinha.

Abro as persianas da janela e observo o clima lá fora. Quando me viro me bato no Erich. E isso me assusta.

— Ele está aí... — Pronuncia.

— Como? — Fiz de desentendida, mas de fato não sabia o que ele estava me dizendo.

— Quem está aí? — Perguntei.

— Seu amigo, Dmitry. Parece que ele quer explicações... — Erich responde com uma expressão nada agradável.

— Não quero vê-lo. — Respondi.

— Não quero que você o veja. — Corta minhas palavras.

— Quem você pensa que é? — Enfrentei.

— Ele não me parece muito amigável Lindsay. — Ele responde segurando-me pelo antebraço.

— Você não é meu guarda-costas... — Falei com um pouco de ira, fazendo com que faíscas saíssem do vãoque dividia a mão dele sobre meu braço. Erich soltou rapidamente, como se houvesse se queimado. Ele olha surpreso para mim, mas não pronuncia nenhuma palavra.

— Eu sinto muito... — Sussurrei indo logo em seguida para a porta dos fundos.

O céu rosa e intuitivo anunciava algo poderoso que estava por vim, o vento uivava e fazia meus longos cabelos ruivos dançarem em ritmo livre. Olho em volta e não o encontro. Talvez ele não estivesse ali.

Corri sem direção para a floresta de Teubürg. Embrenho-me sobre alguns troncos que estavam caídos no chão. E sem querer engancho uma parte do meu vestido em um velho galho desfiando-o em seguida. Não liguei e segui em frente.

Uma vez ou outra olhava para trás para ver se eu estava sendo seguida por alguém.

Vou até a árvore em que o Dmitry havia colocado seu nome pego uma pedra afiada e ali insiro o meu também. Não sabia o real motivo para essa ação. Mas sentia que de alguma forma poderia estar mais próxima dele.

Observo o bem feito e ouço o som de um quebrar de galho, isso faz com que eu olhe sobre o ombro rapidamente para trás.

— Lindsay... — Dmitry pronuncia meu nome.

Eu rapidamente viro-me e ele me abraça.



— Perdoa-me por tudo Dimi. — Eu respondi, com os olhos lacrimejando.

— Boba. — Foi sua resposta.

— Não tenho muito tempo, precisava vê-lo. Está acontecendo coisas que você jamais entenderia.

Ele desabroça-se de mim e responde.

— Você precisa vir comigo Lindsay...

— Para onde? — Perguntei.

— Não há tempo para explicações agora. — Foi sua resposta.

Algo nele me chamava à atenção. Principalmente quando ele me chamava de “Lindsay”, curto e seco.

— Preciso te explicar muitas coisas...

— Eu já sei o suficiente. — Ele responde sorrindo em seguida.

— E sei como te proteger e ajudá-la. — Completa.

Quando seguro em sua mão ouço alguém me chamar.

— Lindsay.

— Erich? — Me perguntei, confirmando em seguida.

— O que faz aqui? Deixem-nos em paz. — Completei.

— Ele não é o Dmitry. — Foi sua resposta.

Essa afirmação faz com que eu olhasse diretamente para ele. Não conseguia enxergar nada de errado. Mas algo me alertava que estava em perigo.

— Que tolice... — Responde Dmitry.

— Vamos Lindsay. — Ele completa segurando-me pelo braço.

— Eu não vou deixar você sair daqui com ela...

— Quem você pensa que é? — Dmitry dá um passo à frente e levanta suas mãos.

O clima muda, nuvens espessas fecham o céu, o vento balança os galhos das árvores e trovões estrondam.

— Acalme-se Dmitry. — Pedi.

Erich põe-se em posição de ataque. Estava de frente de um duelo de clãs.

— Lindsay. Faça sua escolha... Ficaré do meu lado ou será uma deles. — Ele impõe. Já não sabia o que realmente fazer na situação. Dmitry era tudo para mim, mas não poderia desapontar o Erich que chegou aonde chegou para poder me defender e me ajudar com tudo isso.

O vento uivava de maneira assustadora conforme o tempo passava. Erich estende a mão para mim.

— Eu sinto muito Erich. — Foi minha resposta.

— Lindsay. Não! — Erich responde correndo em minha direção, mas Dmitry o impediu lançando-o uma linha de raio tão intensa que o lançou a uns cinco metros de distância.

— Erich! — Gritei e corri em sua direção. Mas Dmitry me impediu segurando-me pela cintura. De alguma forma estrondosa, aquele garoto franzino de pouco mais de um metro e noventa conseguiu me segurar com uma força surpreendente.

— O que você está fazendo? — Perguntei enquanto socava o seu braço.

— Tirando você desse pesadelo. — Foi sua resposta.

Eu tentei com todas as minhas forças sair dos braços do Dmitry, mas era algo impossível, ele me carregou até um cavalo.

— Agora vamos para casa. — Responde ele com um súbito sorriso.

— Você não é o Dmitry. — Respondi tentando entender o que realmente estava acontecendo com ele.

— Você tem absolutamente certeza que não?

## Capítulo Vinte e Dois

Acordo numa cama de palha com o sol pegando no meu rosto. Tento me levantar, mas é quando percebo que estava amarrada na cama. O nó estava apertado o suficiente para deixar minhas mãos e pés dormentes.

Quando olho para a porta do quarto noto que um homem forte e alto me observava. Ele retira o cigarro da boca e soprando a fumaça em meu rosto, logo pronuncia;

— Ora, ora. A Bela Adormecida despertou...

— Quem é você? — Perguntei tentando me livrar das cordas que me prendia. Mas em instantes de observações pude perceber que ele era familiar. Sim, ele era o cara do metro, o cara que me perseguia na floresta.

Ele ri e aproxima-se de mim.

— Dmitry Vuotchk.

— Onde está o Dmitry. Você não é o Dimi. — Indaguei.

— Você me parece inteligente. — Foi sua resposta.

— Noto que você realmente gosta deste garoto. Ficar parecido com ele não foi nada fácil. Mas até que te convenceu. — Completou.

— Isso é impossível... — Sussurrei.

— Trouxe-lhe algo para comer. Espero que goste. — Ele responde colocando um prato com algumas frutas no criado-mudo que estava ao lado da cama.

— Não quero nada a não ser minha liberdade.

— Isso é um pouco difícil, você é importantíssima para uma pessoa e receberei uma boa recompensa por você. — Responde ele rindo em seguida.

— Me tira daqui. Eu sou extremamente perigosa e você vai ficar eternamente arrependido se não me soltar deste local horrível. — Indaguei em fúria.

— Quieta! — Respondeu ele dando-me uma bofetada.

Fiquei horrorizada e quieta. Mas logo me manifestei.

— Como se atreve a bater em uma garota? Lembre-se de minhas palavras, você vai se arrepender eternamente. — Não tive piedade em cuspir minhas palavras amaldiçoadas. No fundo, podia sentir que minha personalidade mal estava mais viva do que eu poderia imaginar.

# Capítulo Vinte e Três

ERICH

Acordar e não ver a Lindsay me deixou em desespero. Ao chegar a sua casa todos já estavam apreensivos.

—Onde está a Lindsay. — Antonin pergunta.

— Ele a capturou. Não pude evitar... — A reação do Antonin foi extrema. Socar a parede até abrir um buraco não ia adiantar.

— Como você deixou isso acontecer. Era sua responsabilidade cuidar dela.

Antonin estava furioso comigo e eu estava me sentindo impotente. Eu não consegui protege-la e isso bastava.

Vamos nos espalhar e procurá-la.

— Eu sinto muito senhorita Kalicies, mas você deverá ir para este local e entregue isso a Röan. Você estará segura lá.

A senhorita Kalicies estava desamparada e não sabia o que fazer. Mas aceitou a carta.

— Eu acompanho você até a cidade. — Melissa responde para ela.

— Por favor... Não deixem que nada aconteça com a Lindsay. — Ela responde em pranto.

— Não se preocupe, vai dá tudo certo. — Antonin respondeu.

— Erich você vem comigo. Melissa acompanhe a Victória até a cidade e em seguida procure o Fridz. — Foram dadas as ordens.

Não podíamos perdê-la. A caçada começou.

# Capítulo Vinte e Quatro

LINDSAY

Após perceber que o homem havia saído do local, arquitetei alguma forma de sair dali. Sabia que se usasse a pouca força que tinha talvez nunca pudesse escapar. Mas se eu usasse minha inteligência eu teria alguma chance.

Olhei para todos os lados e não conseguia me concentrar ou achar algo que pudesse me libertar das cordas.

Na silenciosa tarde fria, exausta de me debater acabei desmaiando.

\*\*\*

Via-me em um lugar tranquilo e bonito, eu estava com um belo vestido branco e caminhava num campo coberto de violetas. O perfume das flores era intenso e agradável, fazia lembrar-me da mamãe. Parecia não haver um propósito para eu estar ali, mas de repente no horizonte avisto alguém. Um homem em um cavalo branco, ele vinha em minha direção. Em nenhum momento me assustei com a situação e esperava que aquele encontro pudesse de alguma forma me ajudar.

Não conhecia o belo homem, ele vestia um uniforme branco como de um soldado e ele sorria para mim. Após aproximar-se o bastante para entender sua mão e me ajudar a subir no belo garanhão.

—Eu ainda não sei o seu nome..?—Perguntei.

Ele não respondeu, mas logo que chegamos a uma bela ponte de madeira ele pronunciou;

—Aqui é um bom lugar.

—Você está tão bonita minha filha...—Ele completou.

—*Filha?*—Pensei.

O observei por alguns segundos e logo me dei conta que realmente ele era meu pai. Por mais que eu não o tenha visto, eu sentia que era ele.

—Papai... —O abracei.

—Eu senti tanto a sua falta. Você me faz tanta falta. —Não pude conter as lágrimas.

Ele secou minhas lágrimas e olhando no fundo de meus olhos pude ver o quanto seus olhos azuis eram parecidos com os meus.

—Eu estou bem, e precisava te ver. Estou sempre ao seu lado e farei o possível para te ajudar filhinha.— Ele pronunciou de forma angelical.

O abracei, ele apertou o abraço e sorrindo me entregou uma violeta. Segurei-a com as duas mãos e o agradei com um sorriso.

Ele sorriu em resposta.

—Onde está a mamãe? —Perguntei.

Ele fez um gesto de silêncio...

Eu despertei.

— Pai... Papai... Não... —Ele se foi.

Era um sonho. Um dos melhores sonhos que eu já sonhei em toda minha vida e sabia que ele era real.

Virei-me de lado e pude perceber que havia uma violeta ao meu lado, aquilo me fez chorar novamente. Sabia que ele esteve ali, ele esteve perto de mim e me abraçou. Ainda podia sentir seu perfume e seu calor.

# Capítulo Vinte e Cinco

MELISSA

Após deixar a Victória na casa de Selenia fui a procura de Fridz.

Ele já sabia o que estava acontecendo. Era o que os vampiros estavam acostumados a fazer. Sentir antes de todos.

Sentimento que nos causava problemas na maioria das vezes.

Após encontrar o Erich e o Antonin, pude perceber o quanto aquela situação estava fora do controle. Eles não sabiam o que fazer. O que eu poderia fazer?

—Encontramos rastros de cavalo na floresta de Teubürg. — Antonin inicia.

—Talvez ela tenha sido levada para fora da cidade. —Ele completa.

—Acredito que isso não tenha acontecido. Sinto que ela está por perto. —Indaguei.

—Foi ele, Petrus a capturou. Ele vai matá-la. — Fridz responde furioso.

—Não foi ele... —Respondi com convicção.

—O que você sabe Melissa? — Erich me pergunta.

—Petrus está morto... —Sussurrei.

\*\*\*

A informação os deixou mais aliviados, porém, ainda não sabíamos quem havia raptado a Lindsay.

—Petrus tentou invadir terras desconhecidas e acabou sendo assassinado por humanos. Isso me deixou um pouco inquieta, afinal, a violência vai acabar com todos nós. Não podemos evitar a guerra entre bruxos, vampiros e humanos. E tudo isso é só o principio.

—Não podemos ficar parados. Lindsay pode estar precisando de nós. — Erich nos incentiva com tom de bravura.

\*\*\*

Dividimo-nos em grupo de Dois. Eu e Erich seguimos para a floresta de Teubürg, e Antonin e Fridz foram para o leste de Osbrück.

Naquela tarde fria e sombria a nevoa anunciava uma procura problemática. Conseguia ver nos olhos do Erich o quanto ele se sentia culpado por tudo que estava acontecendo, afinal. A segurança da Lindsay foi confiada a ele, era o dever dele protegê-la.

—Sei como se sente. Eu sinto muito... —Tentei agradá-lo.

—Se alguma coisa acontecer com a Lindsay eu nunca vou perdoar-me. —Responde ele de forma seria e

bem expressada.

—Não se culpe. Você fez o possível para evitar tudo isso, eu acredito em suas palavras.

—Não poderia ter me afastado dela, não poderia ter a deixado sair. Deveria ter sido mais firme. Mas tentei agradá-la e olha no que deu.

—A Lindsay é apenas uma garota. Ela tem seus sentimentos e desejos muito a flor da pele. Ela só estava confusa e apreensiva, e tudo isso fazem ela ficar cega. Realmente ela não percebeu que só queríamos ajudá-la.

Caminhávamos próximo ao lago quando Erich para e pergunta;

—Sentiu isso?

—Desculpa. Mas eu não senti. —Foi minha resposta.

—O perfume da Lindsay. —Ele sussurra.

Ele corre freneticamente esquivando-se das enormes árvores.

— Erich, espera...

Corri para acompanhá-lo.

Ele parou e pegou algo que estava no chão.

—O que você encontrou? —Perguntei me aproximando dele.

—Um pedaço do vestido da Lindsay. Que bobo eu sou... Foi aqui onde ele a capturou. —Responde decepcionado.

—Ele? —Perguntei.

—Aparentava ser o tal do Dmitry Vuotchk. Mas eu sentia algo estranho. Acredito que não era ele.

—OMestre dos Disfarces... —Sussurrei.

\*\*\*

O Mestre dos Disfarces é um feiticeiro do norte da Alemanha cujo poder é se disfarçar de pessoas e animais para ter o que deseja. Mas, por que e para quê ele estaria atrás da Lindsay? Era o que devíamos descobrir.

—Conhece esse tal de Mestre dos Disfarces? — Erich me pergunta.

—Sim, claro. É um sujeito ruim e arrogante. Faz serviços sujos a mando de terceiros por recompensas absurdas.

— Acreditava que só Petrus estava atrás da Lindsay. —Ele indaga.



—A proposito, como os conheceu? —Completa.

—Tenho meus contatos, aliás, minha ida à Lonnyberg me concedeu algumas informações.

—Você e esse seu jeito de ser espiã. Você poderia ser capturada por algum bruxo. —Respondeu ele em um tom de medo.

—Não seja bobo. Não sou mais aquela criancinha.

—Afim, temos informações suficientes graças as minhas espionagens. —Completei.

—Tem algum plano? —Ele pergunta.

—Não sei ao certo o que fazer. Devemos encontrar os rapazes para então procura-la. Sei o quanto o Mestre dos Disfarces pode ser perigoso. Mas acredito que ele tem um proposito e não vai machucar a Lindsay.

Nesse mesmo instante ficamos quietos.

— Melissa, olha...

—Está nevando... —Sussurrei.

—A Maldição de Unbekannt. — Erich sussurrou.

—Devemos apresiar-nos... —Indaguei.

A neve anunciava o inicio da Maldição de Unbekannt. O último inverno da Lindsay. Tínhamos pouco tempo para encontra-la, e acima de tudo, deveríamos encontrar Elizabeth.

## Capítulo Vinte e Seis

LINDSAY

Olhei pela fresta da janela que tinha sobre minha cabeça. Pude ver a neve, por mais que ela sempre me fizesse bem, a mesma agora anunciava o meu fim. Sentia que tinha pouco tempo e que precisava sair daqui.

Plaff.

Alguém bate alguma porta. Talvez pudesse ser o homem mal encarado. De fato eu não estava equivocada.

—Como foi seu dia querida Lindsay? —Ele pergunta aproximando seu grande rosto do meu. Podia sentir seu hálito.

Não o respondi. E só virei meu rosto.

—Acredito que isso tenha sido um sim. —Ele pronunciou.

—Veja... O que temos aqui. —Completo ao ver a violeta na cama.

—Alguém esteve aqui? Como essa flor veio parar aqui dentro? —Perguntou furiosamente.

Não o dei respostas então ele pegou a flor, só que se arrependeu friamente de ter feito isso. De alguma maneira a flor o machucou. Ele parecia sentir uma enorme dor, enquanto ele rolava e gemia pelo chão do quarto me sacodi para livrar-me das cordas, e de alguma maneira elas afrouxaram o nó das que me prendiam pelas mãos. Rapidamente desamarrei meus pés e corri para a porta de saída.

—Você não vai escapar... —Respondeu ele com uma voz rouca e gemida enquanto se arrastava em minha direção, como uma minhoca, se posso dizer assim.

—Eu lhe disse que você iria se arrepender por isso... —Pronunciei enquanto fazia força para virar uma pequena estante de coisas velhas sobre ele.

—Você não faria isso comigo Lindsay. Por favor...

—Mãe? — me perguntei. De alguma forma ele havia se transformado em minha mãe Victória. Meus sentimentos mudaram. Mas não deveria me iludir.

—Querida Lindsay não me deixe aqui. Estou com uma dor aqui. —Responde com as mãos no peito.

Fiquei parada e olhando fixamente em seus olhos. Não poderia virar aquele móvel sobre ela. Ao mesmo tempo queria poder acabar com tudo aquilo.

—Você não é a minha mãe. —Gritei enquanto fazia mais força para virar o pesado móvel.

—Eu sempre soube que não poderia adotá-la. Que não valeria a pena. Deveria ter deixado você nas margens daquele rio para que os lobos a devorassem. —Aquelas palavras frias e diretas me fizeram criar mais força para terminar de tombar aquele móvel.

—Vá para o inferno.

Ele gritou com sua voz rouca e máscula. Não queria ter feito aquilo. Mas ele não me deu outra opção. A insanidade do momento me fez reinar num mundo que não me pertencia, não gostaria de ser a vilã da história, que desgraça eu havia feito ali.

\*\*\*

Corri para fora da velha casa e respirei fundo. Estava tarde e a neve que caía sobre a floresta dificultava a minha visibilidade.

Corria freneticamente em uma floresta fria e escura. Meu vestido pesava o que me fazia imaginar que não iria muito longe. Não sabia ao certo para onde seguir. Olhei para o céu e vi uma estrela cadente. Segui sua direção. Por mais que não soubesse onde eu iria parar.

\*\*\*

O ar seco e frio fazia minha garganta travar. O rigoroso inverno em Osbrück me lastimava, e se eu não encontrasse algo quente para tomar eu poderia congelar. Ouvi pegadas e galhos quebrando-se. Eu parei e

fiquei quieta, podia sentir minha respiração irregular. Além do alarmante som de algo se aproximando. Olhei em volta e peguei um pedaço de madeira verde que estava no chão próximo a mim, travei meus pés no solo e me preparei para um possível ataque.

A serração impedia minha total visualização do local. Quando o barulho finalmente para eu cerrei meus punhos e segurei firme aquele tronco. Algo saiu caminhando lentamente da espessa neblina. Era um veado. Ao perceber minha presença ele corre em meio às árvores. Soltei minha arma no chão e arfando sentei-me sobre o solo úmido. Havia caminhado há horas e estava cansada o bastante para continuar.

\*\*\*

Dormia como uma pedra encostada em uma grande árvore quando acordei assustada. Um cão estava me lambendo. Havia me assustado com ele. Mas o mesmo parecia amigável.

—Olá cãozinho. —O acariciei.

Ele respondeu balançando seu rabo.

—Preciso chegar a Osbrück. —Sussurrei enquanto o acariciava.

Ele latiu. Acredito que isso foi um sim.

Levantei-me e segui o cão que farejava algo pelo solo.

Quando saímos da grande floresta, pude avistar de longe um grande castelo.

—*Que lugar é esse?*—Me perguntei.

Não sabia onde estava, mas acreditava que os habitantes do castelo poderiam me ajudar a chegar à Osbrück.

Estava com sede e fome e não sabia se eles poderiam ser receptivos. Mas deveria tentar, por mais que eu temesse um novo ataque, aliás, não sabia ao certo se o cara das transformações era o Petrus ou mais outro feiticeiro que procurava me matar.

O cãozinho correu freneticamente em direção ao castelo. Segurei meu vestido com as duas mãos para evitar que eu tropeçasse no mesmo e também corri em direção ao grande castelo.

# Capítulo Vinte e Sete

ERICH

Antonin e Fridz estavam em Osbrück, Melissa e eu havíamos os encontrado e já tínhamos um plano para encontrá-la.

— Não encontramos nada. — lamenta Fridz.

— Espero que o que eu tenha para falar possa nos ajudar. — Melissa indaga.

— O que vocês descobriram? — Pergunta Antonin.

— Um feiticeiro chamado de Mestre dos Disfarces pode ter a capturado. — Pronunciei.

— Isso significa que estamos lidando com planos de alguém muito poderoso... — Antonin sugere.

— Não era só Petrus que a perseguia, assim como o Mestre dos Disfarces e outros feiticeiros que não sabemos de fato o que querem com ela. Há de fato alguém por trás disto. Devemos pegar o trem para Lonnyberg. Vamos invadir o território inimigo. — Melissa sugere.

— Acho que sei o que realmente eles querem. — Indaga Antonin.

Melissa olha para mim e pude perceber em seu olhar que ela havia entendido o que o Antonin havia dito.

— É isso... Lindsay é filha de uma Bruxa e de um vampiro. Sabemos que a profecia previa essa junção. Seriam amaldiçoados aqueles que dessem a luz a uma criança híbrida. Ela é a profecia. Mas, se Lindsay sobrevivesse a maldição ela seria a bruxa mais poderosa do congresso, afinal, ela seria imortal. — Melissa anunciou.

— Os planos do congresso de feiticeiros é acabar com a vida dela antes que a maldição se concretize. — Indaga Fridz.

— Ou não... — Sussurrei.

— Talvez a profecia tenha sido inventada, talvez ela não morra. Isso significa que ela pode ser uma ameaça para o congresso. — Completei.

— Ela se tornaria uma ameaça... É isso! Talvez você esteja certo Erich. — Melissa responde.

— Talvez... — Antonin pronuncia.

— Devemos nos precaver. Não sabemos de fato se estamos certo. Ela está em perigo e não podemos perder mais tempo. Erich e Melissa procurem o garoto bruxo. Fridz e eu vamos ao território inimigo. Lonnyberg. — Foram dadas as ordens.

Seja quem for o responsável pela captura da Lindsay iremos encontrá-lo e ele não vai se sair impune.

# INEVITÁVEL

## Parte final

### Capítulo Vinte e Oito

DMITRY

Fugir de casa não estava em meus planos. Havia entrado em problemas e precisava ver a Lindsay. Não entendia o motivo para ela me tratar assim, mas estava disposto a descobrir.

Seguia para Osbrück no trem das quinze. Não via a hora de chegar e poder vê-la, fazia dias que eu não a via, a angústia que sentia era como facas a me perfurar. Eu me sentia culpado pela desgraça inevitavelmente fatal que estava por vim. Furtar o velho livro do meu pai me deu informações suficientes para me descobrir. Sabia quem realmente eu era e também sabia o que a Lindsay estava passando e deixá-la sozinha nessa situação não é o que costumo fazer.

\*\*\*

Após chegar à Osbrück paguei para um camponês por seu cavalo e cavalguei rumo à casa da Lindsay. O inverno havia chegado e a neve cai de forma majestosa, mas ao mesmo tempo dificultava a minha visibilidade.

Com um gesto simples com as mãos, dispenso as nuvens que choravam sobre a tarde fria da cidade. Não conseguia entender uma coisa. Bruxos e vampiros não poderiam ser amigos ou ter relações afetivas. Sabia que eu era m bruxo e a Lindsay, uma futura vampira. E isso seria algo proibido. Não via um motivo plausível para continuar com essa rivalidade tola e insuportável.

Avisto de longe duas pessoas. Segui em frente sem demonstrar medo algum. Mas se eles tentassem mexer comigo. Eu teria que reagir.

Ao perceberem minha aproximação eles pararam e ficaram a me esperar.

— Olá, vocês precisam de ajuda? — Perguntei para eles.

A bela garota loira de olhos incrivelmente lilás sorri e logo pronuncia;

— Dmitry?

Logo o garoto voa encima de mim fazendo o cavalo levantar as patas da frente.

— É claro, como não os reconheci? — Me perguntei. Era aquele novo amigo da Lindsay.

Esquentadinho como aparentava ser.

— Onde está a Lindsay? O que você fez com ela? — O tolo rapaz pergunta furiosamente.

— Espere aí, eu é quem pergunto. Onde ela está? O que vocês fizeram com ela? — Retruquei.

— Não devo informações a você! — Ele exclama.

— Sei que você está com a Lindsay. Onde ela está? — Grita o animal jogando-me ao chão.

Não poderia ficar assim. Se ele queria briga. Era guerra que ele teria!

Não tinha totalmente controle para com meu dom. Mas usaria o meu melhor para me defender.

Rolamos na neve fria e nos socamos. Eu estava perdendo, confesso. Mas não era justo ele era uns vinte quilos mais pesado que eu...

— Você acha que ela te ama? — O garoto indagou.

— Ela não pode me amar... Mas eu a amo. E farei o possível para ajuda-la! — Gritei a última palavra. O céu se abriu instantaneamente.

Meu pai estava certo, eu havia me transformado em um bruxo. Meus poderes eram desconhecidos, a raiva os atiçava. Erich tenta me socar no momento que eu seguro o seu soco e o jogo pra trás.

Ele cai a uns dois metros longe de mim.

— Já chega! — Exclama a garota acabando com o circo.

— Erich, vem para cá... — Continua.

— O que vocês pensam que estão fazendo? É assim, que querem manter a ordem sobre as duas clãs? É assim que querem se unir de novo? Lamento mais uma vez pela desgraça que o pai da Lindsay cometeu. E hoje estamos nesta rivalidade. Mas, estamos buscando reverter isso. E para que isso possa acontecer precisamos da Lindsay, senhor Dmitry. — Ela completou.

Haviam verdades nas palavras da bela garota, o que me fez perguntar-me onde estava a Lindsay.

— Eu não estou com a Lindsay. Eu também a procuro. — Respondi.

— É mentira! — Exclama o garoto.

— Calado! — Resmungo a garota em resposta.

— Ele fala a verdade. — Completa.

— Quero poder ajudá-la. Eu quero poder ver ela novamente antes que seja tarde de mais. — Respondi já caindo de joelhos ao chão.

— O que você sabe sobre a maldição? — Ela pergunta.

— O suficiente para evitar isso. — Foi minha resposta.

# Capítulo Vinte e Nove

LINDSAY

Rumo ao castelo.

— Espera aí cãozinho. — Pedi.

Ele corria freneticamente para o castelo. Assim que cheguei ao Castelo procurei alguma passagem para adentrá-lo, só que com minha aproximação o portão se abriu. Era minha oportunidade para entrar.

Seu interior era confortável e agradável. Parecia que pertencia a alguma princesa. Havia uma boa energia. Como se não fosse apenas um velho castelo. Algo familiar reinava no local. A enorme sala estava arrumada. O que me fez imaginar que o local era habitado.

— Olá. Tem alguém aí? — Perguntei já no centro da sala.

A lareira acendeu-se como mágica. E o cãozinho subiu as escadas como se já conhecesse o local.

— Espera... Não...

Ele havia se adentrado mais no castelo.

— *Não pode ser.* — Pensei ao ver uma grande pintura de uma bela mulher. Pode parecer loucura. Mas a mulher se assemelhava muito a mim.

Um trovão estremece os céus. Pude sentir a vibração correr por todo o meu corpo.

Neste exato momento uma mulher desce as escadas e seguido de uma gargalhada farda pronuncia.

— Ora, ora. Querida e angelical Lindsay. Que surpresa estonteante.

— Quem é você? — Retruquei.

Ela desce as escadas lentamente, o som do pisar no chão ecoa pelo salão.

— Não se lembra de mim? — Ela pergunta.

Há observei por alguns segundos, o bastante para assimilar que ela era a mulher da pintura. Mas quem realmente era ela? Era o que eu queria descobrir...

— Desculpa. Mas não me lembro de você... — Respondi.

Quando chega ao fim da grande escadaria ela vai até uma mesa e serve em uma xícara algo que aparentava ser chá. Após tomar um gole da estranha bebida ela vai até uma enorme porta-janela de vidro que havia na sala e sussurra.

— Sempre soube que você me encontraria. Era inevitável...

— O que você quer dizer com isso? — Perguntei.

— Daria tudo para voltar no tempo e ter você em meus braços novamente. Seríamos uma família perfeita se não fosse a droga do congresso de magia de Osbrück. — Ela lamenta.

— Família? Quem é você? — Perguntei novamente só que desta vez num elevado tom de voz.

Ela aproxima-se de mim e colocando suas mãos delgadas sobre meu ombro vira-me de frente à um grande espelho.

— Você está tão bonita. Eu sempre te amei... Busquei-te nos quatro cantos do país, só queria te rever novamente, e hoje, você veio até mim. Filhinha... — Ela respondeu.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Ela havia me chamado de filha, aquela palavra me deixou um pouco tonta e sem reação. Não sabia o que dizer ou o que fazer. Aquela mulher se diz minha mãe, mas o que dizer num momento estranhamente louco como este? O que eu responderia?

— Você deve estar se confundindo. Meus pais...

— Morreram... — Ela pronunciou interrompendo o término de minha resposta.

— Era isso que o congresso queria que você soubesse. Que seus pais estivessem mortos. — Ela completou se aproximando de mim. Eu dei um passo à trás.



Revirei a cabeça de um lado para o outro e logo me manifestei.

—Eu estou muito confusa.

Olhando-me no espelho pude notar que eu era a mesma Lindsay de sempre. Mas meu interior estava deteriorado. Meus sentimentos arrasados e minha mente extremamente destruída.

—Essa não sou eu. —Completei.

Ela abaixa a minha altura e com seus lábios sobre meu ouvido, sussurra de forma que me faz gelar.

—Você tem sangue Lüscher correndo em suas veias. Sei o que está por vim...

—Não me fala em sangue...Tenho pouco tempo! Seja você quem for, precisa me ajudar. —Respondi.

—Você não acredita em mim, não é mesmo? —Ela responde se afastando de mim e indo em direção a uma poltrona.

—Já te falei que estou muito confusa. Está acontecendo muitas coisas comigo. —Completei.

—Como quer que eu te ajude se ao menos não acredita em mim. Você não sabe o quanto me deixou arrasada por dentro. —Ela fez drama.

—Eu sinto muito... —Foi minha resposta.

—Ainda não consigo acreditar que você conseguiu chegar a mim no seu último dia. Faltam poucos minutos para o fenômeno.

—Fenômeno? —Perguntei.

—O solstício de inverno. A maldição. A profecia... —Ela grita as palavras.

Meu interior ansiava por ajuda. Sabia que ela estava certa, mas já que ela se diz minha mãe. Por que não me ajudava? O que ela queria?

—O que devo fazer? —Perguntei friamente. Uma lágrima fria e solitária escorre lentamente sobre meu rosto.

—Apenas espere ela te abraçar... —Ela respondeu insanamente.

—Ela? A quem se refere? —Perguntei confusa.

—A Morte... —Sussurra.

Talvez eu estivesse pagando pelos meus pecados. Mas que pecados? Ou talvez fosse minha teimosia e inquietante curiosidade, elas me deixaram frente a isso. O Dmitry estava certo. Certas coisas jamais deveriam ser descobertas. A mulher era louca, e isso ninguém negaria só de observá-la. Não que devemos julgar alguém pela primeira impressão. Mas, suas palavras a julgavam, e eu deveria sair do castelo antes que coisas terríveis acontecessem.

—Poderia te ajudar filha. Mas, algo de incrível vai acontecer contigo. Eu sinto... —Ela completou aproximando-se de mim novamente.

—Preciso ir... —Indaguei.

—Mas é tarde, e a neve lá fora a cansaria... —Ela responde apontando para a janela.

A neve caía lentamente, sentia algo no meu interior. Algo difícil de explicar, masque era bom ao mesmo tempo.

Viro-me e sem responder mais nenhuma palavra sigo em direção à enorme porta da frente que estava parcialmente aberta.

—Não se atreva a dar as costas a mim... —Ela responde num tom de voz elevado.

—Me virei de frente para ela e respondi;

—Percebi que não sou bem vinda aqui. Você que se diz minha mãe não quer me ajudar, o que devo fazer? Sair por aquela porta e nunca mais voltar me soa um pouco inteligente.

Ela dá alguns passos em minha direção e com um gesto estranho com as mãos ela aponta à porta. A mesma se fecha automaticamente, assim como a estranha forma em que a lareira se acendeu.

—O que pensa que está fazendo? —Perguntei correndo em direção a porta. Por mais que eu girasse a maçaneta com toda minha força a mesma parecia estar emperrada.

Ela vai até a mesa e lhe serve mais uma xícara de “chá”.

—Eu? Apenas te salvando... É o que você quer não é mesmo? —Responde em pergunta.  
—Estou cansada de ficar presa em tudo que é lugar com pessoas estranhas. —Desabafei.  
—Eu? Estranha? —Ela sorri, tomando um gole da bebida que havia na xícara em seguida.  
— Lindsay... Lindsay... Lindsay... Se parece tanto com o Henry. Esse gênio é inconfundível...—Ela ironiza.

—Você não sabe nada sobre o papai. —Respondi.  
—Ora, você está equivocada. Ele foi um ótimo marido, teria sido um ótimo pai para você filha. Seríamos uma grande e amável família. —Ela me confunde.  
—Já basta. Já ouvi demais.—Indaguei.  
— *Tic, tac, tic, tac...* — Ela cantarolava.  
—*O relógio grande logo anuncia. Uma grande história para a garotinha... Ele é fiel e nunca se atrasa! Sempre pontual nos dará sua graça...*

O enorme relógio que estava ali na grande sala começa a badalar. É meia noite, o que indica que é dia de meu décimo sétimo aniversário.

O som envolvente e vibrante a faz olhar diretamente para o relógio e em seguida olhar para mim.  
—Feliz aniversário querida! —Ela pronuncia e algo estranho toma conta de mim. Algo incontrolável. Não conseguia segurar aquela coisa que insistia em triunfar meu ser.

# Capítulo Trinta

MELISSA

Junto a Eriche e Dmitry seguimos em direção à zona leste de Oïnx uma cidade vizinha próxima a Osbrück. Dmitry havia descoberto no livro que parte de uma sociedade de feiticeiros moravam na região. E que segundo boatos, a feiticeira Elizabeth vivia lá. Sabíamos que poderia ser tarde demais. Mas a esperança era maior que qual quer outra coisa.

Não dava tempo de encontrar o Antonin e Fridz e também não tínhamos carro ou qualquer coisa que pudéssemos usar como transporte a cidade de Oïnx. Mas Dmitry tinha uma ideia.

—O cavalo é o único que tenho. Só poderá carregar dois. Um de vocês terá que voltar à cidade e alertar o Antonin sobre nosso paradeiro.

—Tudo bem. Melissa vá com o moleque. Eu seguirei para Osbrück, encontrarei o Antonin e seguiremos vocês logo em seguida. — Erich pronuncia. Dmitry revira os olhos.

Erich me ajuda a subir no cavalo e fazendo que sim com a cabeça, responde.

—Nos veremos em breve. Vão...

\*\*\*

Seguimos em ritmo voraz. A neve caía suavemente sobre nossos rostos.

—Falta pouco, Oïnx ficava há meia hora a partir daqui. — Diz Dmitry num tom serio.

O desempenho do cavalo havia reduzido em setenta por cento, o que alertava que ele já estava exausto.

— Já cavalgamos há meia hora, o animal precisa tomar fôlego. — Respondi pulando do cavalo quando ele já havia parado.

—A neve está muito espessa. Isso o deixa mais cansado. — Ao pronunciar a última palavra pude ouvir algo.

—Ouvii isso? — Perguntei.

—Sim. — Ele responde.

—São cavalos. — Completa.

Havíamos escutado o relinchar de outros cavalos.

—São cavalos selvagens? — Perguntei.

—Acredito que sim. E eu acho que tive uma ideia... — Ele indaga.

—Acho que isso não é uma boa ideia. — Respondi ao entender o que ele realmente estava pensando.

—São cavalos selvagens. Difíceis de ser capturados, e pior, de galopá-los. — O assustei.

Ele desce do animal e em passos mudos caminha em direção aos outros cavalos.

—Aprenda comigo. — Pronuncio.

—Isso não vai dá certo. — Sussurrei em resposta.

—Bruxos, diferente de vampiros. Dominam a técnica da hipnose. — Ele responde aproximando-se cada vez mais de um belo cavalo branco.

—Mantenha a calma, amigão. Não vou machucá-lo. — Ele sussurrou.

Eu não movi um musculo se quer. Apenas torcia que ele conseguisse sei lá o que ele queria.

Quando ele finalmente coloca a mão no belo animal, pude sentir a sensação de vitória estampada na cara dele.

—Bom garoto. — Ele pronunciou continuando a acariciar o cavalo.

—Aproxime-se Melissa... Ele está dócil. — Ele completa.

—Isso foi incrível! — Respondi.

—Agora tente você, com aquele outro. — Ele responde apontando para outro cavalo.

—Você está brincando comigo bruxinho? —Indaguei seriamente.

Ele riu.

—São todos dóceis. Assim que esse passa a confiança para os outros cavalos todos confiam. Tenta! —

Insistiu.

Aproximei-me de outro cavalo o mesmo se afastou correndo.

—Talvez eles não gostem de vampiros. —Ele indaga.

—Faz todo sentido.—Completei.

Agora tínhamos dois cavalos, isso facilitaria a viagem. Assim que alimentamos os animais e os demos água seguimos nossa viagem.

\*\*\*

Um congelante sereno caia sobre a região. De alguma forma Dmitry não conseguia controlar o clima.

—Há algo de errado. Está muito difícil de controlar o clima. Como se meus poderes estivessem fracos.

—Ele lamenta.

—Não me admira muito. Talvez você esteja exausto. —Sugeri

Estávamos quase próximos à cidade. Dmitry fica surpreso com algo.

—O que foi? —Perguntei.

—Olha para aquele grande castelo. Aquelas nuvens escuras sobre ele. Há algo de errado. Vamos até lá.

# Capítulo Final

L I N D S A Y

AALGO ME CONTROLAVA.

—Por favor... Ajuda-me! —Caí de joelhos sobre o chão de porcelana.

— Você é uma bruxa. Uma bela e poderosa bruxa. Liberte-se! —Ela responde seguindo de um sorriso insano.

Eu não conseguia mais me mexer.

Eu arfei fundo. E com aquele rítmico badalar gritei. Gritei muito alto. Pude perceber as janelas explodirem como numa explosão. A lareira se apagou a porta da frente se abriu, um vento frio e sombrio esfriou o lugar.

— O que esta havendo comigo? — Sussurrei para mim mesma.

Ela cantarola novamente a música que juro que ficaria impregnada em minha mente.

O chão estremecia e os ventos uivavam. A tempestade de gelo e granizo fazia barulho ao bater nas janelas no que restavam das janelas.

Assim que o relógio deu sua última badalada, tudo ficou silencioso e calmo, ainda de joelhos no chão me arrastei para a porta.

— Viu? Nada de ruim lhe aconteceu. — Ela pronuncia.

Ela estava certa, poderia dramatizar o momento, mas eu me sentia bem, porém, sedia por algo que nunca havia provado.

— Preciso ir... — Respondi me levantando do chão.

— Ainda falta algo... Sei o que você precisa.

Ela vai em direção a um grande armário e retira do mesmo uma bela garrafa.

— Vamos comemorar seu aniversário. — Ela indaga.

— Desculpa. Mas não é meu aniversário. — Respondi.

— Claro que é. Uma nova Vida se inicia, é nossa vez de governar. Vamos triunfar juntas. — Ela responde retirando a rolha da garrafa.

Ao servir a estranha bebida de coloração vermelha escarlate em taças de cristais, pude sentir um aroma estranho e ao mesmo tempo prazeroso, que me deu água na boca.

Ela toma um gole e parece apreciar.

— Anda. Aproxime-se... — Pede.

Dou pequenos passos em sua direção. O cheiro cada vez mais intenso. Sim, aquilo realmente me dava água na boca.

— Prove! — Ela oferece seguindo de um sorriso.

— Seguro a taça de cristal com as duas mãos e levo a mesma vagarosamente até minha boca. A bebida umedece meus lábios, fazendo-me arrepisar. Era o que eu precisava.

— Nãoooo... — Alguém grita.

— Dmitry? — Me perguntei. De fato era ele. Mas era tarde demais...

Sentia algo me consumir por dentro, era algo voraz. Senti-me tonta como de costume, deixando a taça cair ao chão. Não conseguia com mim mesma. De joelhos ao chão novamente não conseguia evitar meu corpo cair com toda força.

Eu estava morta.

\*\*\*

M E L I S S A

Dmitry joga-se ao chão e abraçando a Lindsay implora em lágrimas que ela despertasse. O silêncio

triunfa no local, e era como se o tempo havia se esgotado. E de fato, essa tenebrosa tese era verdadeira. Aproximei-me do melancólico garoto.

—Não há nada que possamos fazer.

—Por favor, Lindsay acorda. Linda acorda... —Insistiu. Mas não obteve resultados.

A mulher nos observava friamente, quem era ela?

—Quem é você? O que você fez? —Perguntei.

—Sou a mulher que vocês procuravam para ajudá-la. E é claro que não poderia deixar de ajudá-los. — Ela completa.

—O que vocês fez com ela? — Dmitry grita furioso indo em direção a ela. Um enorme cão estava ao lado dela

—Afastese-se! —Exclamou ela estrumando o cachorro em direção dele.

Ele recuou.

—Eu sinto muito pela perda. Meus pêsames. —A mulher pronuncia como se não tivesse coração.

—Não sinta. — Dmitry responde voltando a abraçar a Lindsay.

—Você é Elizabeth? —Perguntei.

—Demoraram muito para perceber isso...

—Sim, eu sou a Elizabeth. Elizabeth Lüscher. —Ela completa.

—Isso é impossível. —Resmunguei.

Naquele instante, um panapaná de borboletas azuis invadiu o salão, era como se estivessem se refugiando. Elas entravam por todos os cantos, desde a porta às janelas.

Elas rodopiam sobre nós. Dmitry levanta-se do chão e surpreso sussurra.

—Olha...

Lindsay havia despertado. Mas isso era quase impossível.

— Linda... —Responde Dmitry eufórico roubando um beijo de sua amada em seguida. Mas algo estava errado.

Ela recuou para trás, sua expressão era de confusa. Ela não se atreveu a pronunciar uma só palavra. Apenas caminhou em direção à mulher.

Os belos olhos verdes da boce Lindsay haviam mudado para um tom de violeta azulado, sinal de que ela havia se tornado vampira.

—O que está acontecendo? — Lindsay sussurra.

—Você se sente bem? Consegue vim a até nós? —Perguntei.

—Desculpa... Mas, eu não conheço vocês. —Foi sua resposta.

Dmitry excitou.

— Linda. Precisamos ir para casa.

—Acalme-se Dmitry. Parece que ela não se recorda de nós. —Tentei acalma-lo.

A bruxa que se diz mãe da adorável Lindsay não demonstra surpresa. O que mefaz logo pensar que a malvada mulher havia controlado de alguma forma a maldição.

—Você deve está confusa Lindsay. Logo tudo voltará ao normal. —Indaguei.

—Eu sinto muito. —Ela responde convencida.

—Você a enfeitiçou! —Retruquei.

— Que bobagem! Lindsay sempre foi minha filha. Ela sabe muito bem diferenciar amigos de inimigos.—

Ela retruca.

Lindsay parecia assustada com nossa presença.

Acreditava por um momento que aquela mulher poderia ser o Mestre dos Disfarces. Mas logo percebi que estava errada.

— Já basta! —Exclama a bruxa.

O grande cão que estava a sua volta se transformou em um enorme leão albino.

— Tirem-nos daqui. — Sussurra para o animalque logo urgiu em nossa direção.

— Não vamos sair sem a Lindsay. — Dmitry insiste.

— Que garoto tolo. Pergunte para onde ela quer ir. Sei que a resposta será junto ao conforto de seu enorme quarto.— Retruca a mulher.

— Lindsay. Você deve lembrar-se de mim. Sou o Dmitry. Dimi seu melhor amigo. Perdoa-me Linda. — Dmitry responde com lágrimas em seus olhos.

Lindsay olha para Elizabeth, para mim e observa cautelosamente o Dmitry. Mas não era possível lembrar-se. Algo havia mudado, ela já não era a mesma Lindsay.

— Eu sinto muito... —Ela responde subindo as escadas do castelo.

— Tivon acompanhe os visitantes até o portão. — A mulher indaga com um sorrindo de canto de boca.

Dmitry e eu não tivemos outra opção a não ser sair do castelo. Ele estava muito confuso, o bastante até para sair sozinho sem que o grande leão aproximasse demais dele.

Via em seu olhar que ele queria algo. E que ele não desistiria tão fácil assim, nem eu. Afinal, havia me apegado a garota e não mediria esforços para ajudá-la.

Não tínhamos outra opção. Teríamos que arquitetar algum plano para resgatá-la.

*“Na derrota ou na vitória na guerra ou na paz, há sempre uma segunda chance.Afinal, todos merecem um final triunfal”.*

*Continua...*

## Sobre o Autor

Carlos Magno Novaes ou C.M. Novaes Nasceu em 19 de Julho de 1993, na Cidade de Rib. Pombal (BA-Brasil). Mas atualmente mora em Porto Alegre, região sul do país.

Ele é escritor, blogueiro e designer. Atualmente dedica-se a escrita.

Novaes desde cedo se interessou pela escrita e por línguas. Sua favorita era o espanhol, onde dedicou bastante tempo para poder dominá-la. Sempre foi um ótimo aluno em redação e suas frases impressionavam os seus professores. Em 2013 ganhou uma página de frases e pensamentos no site do Pensador do UOL.

Ele nunca pensou em ser escritor ou escrever algum livro. Mas há alguns anos atrás, ele teve um sonho. E desse sonho tirou informações suficientes para elaborar um pequeno conto. Com o incentivo de amigos ele foi acrescentando mais assunto e drama à história, fazendo a mesma se tornar um romance. INEVITÁVEL (sua primeira aposta).

O livro rendeu bons comentários nas redes sociais inclusive no *Wattpad*, onde passou de 10 mil *reads* no primeiro mês, o que fez C.M.

Novaes continuar com o projeto que hoje pretende ser uma série digna de mais algumas continuações. Transcender é continuação de INEVITÁVEL.

Novaes também trabalha no desenvolvimento de mais um projeto, “*Solstício*”. Que levou alguns leitores a imaginar que era a continuação do drama da ruiva Lindsay Lüscher, mas o projeto é uma nova aposta no gênero suspense que será disponível somente na internet através da *Amazon* (BR). A continuação do livro INEVITÁVEL, “*TRASNCENDER*” que tem previsão de lançamento para o segundo semestre de 2016 será disponível também na Amazon do Brasil.

Para acompanhar o autor basta conectar-se com ele através do Facebook em: [www.facebook.com/cmnovaes](http://www.facebook.com/cmnovaes)